



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA  
Departamento de Letras e Artes  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS LITERÁRIOS



**MÁRCIA NEIDE DOS SANTOS COSTA**

**A MEMÓRIA NOS CONTOS *QUEM MANDA AQUI?* E *MAUNDLANE, O CRIADOR*  
DE PAULINA CHIZIANE**

Feira de Santana  
2018

**MÁRCIA NEIDE DOS SANTOS COSTA**

**A MEMÓRIA NOS CONTOS *QUEM MANDA AQUI?* E *MAUNDLANE, O CRIADOR*  
DE PAULINA CHIZIANE**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Estudos Literários da Universidade Estadual de Feira de Santana (PROGEL/UEFS), como requisito para obtenção do título de Mestra em Estudos Literários.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Tércia Costa Valverde.

Feira de Santana  
2018

### Ficha Catalográfica – Biblioteca Central Julieta Carteado

Costa, Márcia Neide dos Santos

C874m      A memória nos contos *Quem manda aqui?* e *Maundlane, o Criador* de Paulina Chiziane./ Márcia Neide dos Santos Costa. – 2018. 166f.

Orientadora: Tércia Costa Valverde

Dissertação (mestrado) –Universidade Estadual de Feira de Santana. Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários, 2018.

1.Contos moçambicanos – Memória. 2. Ironia. 3.Chiziane, Paulina – Crítica e interpretação. I.Valverde, Tércia Costa, orient.  
II.Universidade Estadual de Feira de Santana. III.Título.

CDU: 82.09

**MÁRCIA NEIDE DOS SANTOS COSTA**

**A MEMÓRIA NOS CONTOS *QUEM MANDA AQUI?* E *MAUNDLANE, O CRIADOR DE PAULINA CHIZIANE***

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Estudos Literários da Universidade Estadual de Feira de Santana (PROGEL/UEFS), como requisito para obtenção do título de Mestra em Estudos Literários.

Aprovada em 14 de dezembro de 2018.

Banca examinadora

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup>. Tércia Costa Valverde  
Orientadora (UEFS- BA)

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup>. Rosana Maria Ribeiro Patrício  
(UEFS- BA)

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup>. Maria da Conceição Pinheiro Araújo  
(IBFA- BA)

À minha família pelo incentivo.

À Paulina Chiziane pela sensibilidade e potência da palavra.

## AGRADECIMENTOS

A meus pais, Epifânio e Valdeir, e irmãs, Marcilene, Marcicleide e Márcia Costa, pelo apoio constante.

Aos queridos amigos da turma de Mestrado em Estudos Literários 2017 (UEFS).

A Mônica Cintra e Thaíla Cabral, pela ajuda, conselhos, conversas, textos compartilhados e por dividirem comigo as dores e delícias de ser mestranda. Agradeço ainda a Samara Passos, também da turma de Mestrado, pela cumplicidade, pela força e os diálogos sempre bem vindos.

Aos professores e funcionários do PROGEL- UEFS.

Às mestrandas e amigas de turma Antônia Rosane, Magnólia Paixão e Kellyane Pereira, pela ajuda desde do início do curso, pelo estímulo e pelos textos doados.

A Dona Branca, pelos conselhos, ensinamentos e pelas “brincas” necessárias. Com ela, tornei-me ainda mais forte e humana.

À professora Doutora Tércia Costa Valverde, pela confiança na orientação e por ter contribuído, significativamente, para o meu processo de escrita, desde da Especialização.

Aos membros do Grupo de Estudos Antunianos, pelos risos e pelas discussões, que me enriquecem enquanto pesquisadora e enquanto ser humano.

Ao professor Dr. Cláudio do Carmo, pelas considerações.

À professora Dr<sup>a</sup>. Rosana Patrício e ao professor Dr. Aleilton Fonseca, que, desde a Iniciação Científica, vêm acrescentando no meu aprendizado, sempre tão atenciosos e generosos.

À professora Dr<sup>a</sup>. Maria da Conceição Pinheiro Araújo (IBFA), pela disponibilidade em aceitar o convite para compor a banca e pelas considerações importantes feitas ao meu texto.

À mestra Gleid Ângela dos Anjos, pelos diálogos e pela constante ajuda na pesquisa.

À CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior), pelo apoio financeiro.

À escritora Paulina Chiziane, que, mesmo indiretamente, me sensibiliza, me inspira e me ajuda a enxergar Moçambique sob uma nova ótica.

Aos amigos queridos Chablik Morgado, Polyana Jessica e Elaine Matos, Ronaldo da Paixão e Rosana pelo incentivo e pelos momentos agradáveis no ambiente acadêmico.

Obrigada Deus e os orixás pela proteção!

Aos que contribuíram direta e indiretamente para o desenvolvimento da pesquisa. A todos, muito obrigada!

A memória executa, no silêncio, a dança dos pássaros. Ascende. Descende. Recua. Prossegue. Os passos de dança são de bravura e júbilo. De alegrias e certezas [...]

(Paulina Chiziane, 2013)

## RESUMO

**As andorinhas** (2013) é um livro de contos da escritora moçambicana Paulina Chiziane, com amplas questões a serem discutidas, como: descolonização, nacionalismo, crise do sujeito contemporâneo, formação de identidade, gênero, entre outras. **As andorinhas** é uma obra em que podemos explorar a narrativa da autora, bem como as suas metáforas e demais aspectos. Devido às riquezas históricas e culturais que o livro carrega, escolhemos trabalhar, como temática central, o aspecto da memória. Por isso, objetivamos analisar a presença desta em dois contos, intitulados **Quem manda aqui?** e **Maundlane, o Criador**, nosso *corpus* de estudo. Por meio do mecanismo da memória, refletiremos sobre o modo como Paulina Chiziane questiona e problematiza o modelo colonizador e a História da nação moçambicana. Tal modo pode ser percebido através da ironia, na qual reside *o dito e o não dito* e que se apresenta como ferramenta estética discursiva e política. Para fundamentar as nossas discussões, utilizaremos as ideias de: Nádya Battella (1985), Le Goff (1996), Ecléia Bosi (2012), Michael Pollak (1992), Pires Laranjeira (1995), Thomas Bonnici (2005), Inocência da Mata (2014), Linda Hutcheon (2000), Lélia Duarte (1994) e autores críticos da obra de Chiziane como: Laura Padilha (2013), Maria Geralda de Miranda (2013), Carmem Lúcia Secco (2013), Cândido Rafael (2013), entre outros.

**Palavras-chave:** Memória. Contos moçambicanos. Ironia. Paulina Chiziane.



## ABSTRACT

**As andorinhas** (2013) is a book of short stories written by a Mozambican author named Pauline Chiziane, which has broad issues to be discussed, for instance: decolonization, nationalism, the crisis of the contemporary subject, identity development, gender etc. **As andorinhas** is a work in which it is possible to explore the author's narrative, as much as her metaphors, amongst other aspects. Because of the abundance of historical and cultural aspects present in the book, we chose to work with the aspect of memory as a main subject. Therefore, the objective of this work is to analyze the presence of this aspect in the following short stories: **Quem manda aqui?** and **Maundlane, o Criador**, which compose the *corpus* of this study. Using the mechanism of the memory, we reflect on the manner in which Paulina Chiziane questions and problematizes the model of the colonizer and the History of the Mozambican nation. This manner can be noticed, through irony, where resides *what is and what is not said*, which is presented as an aesthetic, political and discursive tool. To substantiate the discussions we used the ideas of: Nádía Battella (1985), Le Goff (1996), Ecléia Bosi (2012), Michael Pollak (1992), Pires Laranjeira (1995), Thomas Bonnici (2005), Inocência da Mata (2014), Linda Hutcheon (2000), Lélia Duarte (1994) and authors who criticize the work of Chiziane such as: Laura Padilha (2013), Maria Geralda de Miranda (2013), Carmem Lúcia Secco (2013), Cândido Rafael (2013), amongst others.

**Keywords:** Memory. Mozambican short stories. Irony. Paulina Chiziane.

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>11</b>
<b>2</b>	<b>KARINGANA WA KARINGANA: ERA UMA VEZ PAULINA CHIZIANE</b>	<b>16</b>
<b>2.1</b>	<b>Da infância à vida de escritora</b>	<b>16</b>
<b>2.2</b>	<b>Do texto ao contexto: As produções literárias de Chiziane</b>	<b>20</b>
<b>3</b>	<b>O CANTO E O CANTO DAS ANDORINHAS</b>	<b>39</b>
<b>3.1</b>	<b>Quem manda aqui?</b>	<b>43</b>
<b>3.2</b>	<b>Maundlane, o Criador</b>	<b>46</b>
<b>3.2.1</b>	<b>A herança dos mais velhos: memória (re) contada em <i>Maundlane, o Criador</i></b>	<b>48</b>
<b>3.2.2</b>	<b>Os narradores</b>	<b>52</b>
<b>4</b>	<b>MEMÓRIA NA LITERATURA PÓS-COLONIAL DE PAULINA CHIZIANE</b>	<b>56</b>
<b>4.1</b>	<b>O uso da memória em <i>Quem manda aqui?</i> e <i>Maundlane, o Criador</i></b>	<b>60</b>
<b>5</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>103</b>
	<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>105</b>
	<b>ANEXOS</b>	<b>113</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Se queres conhecer a liberdade,  
Segue o rasto das andorinhas  
(Ditado Chope)

A literatura moçambicana de Língua Portuguesa<sup>1</sup> vem sendo representada por escritores que conseguem contar as histórias, culturas e tradições de seu país por meio da ficção, sobretudo após a independência, ocorrida em 1975. São exemplos nomes como Luís Bernardo Honwana, Ungulani Ba Ka Khosa e Mia Couto. A escritora Paulina Chiziane também se insere nesse rol, sendo, portanto, uma das poucas mulheres, juntamente com Lília Momplé<sup>2</sup>, a representar a literatura contemporânea de Moçambique. Nas palavras de Miranda e Secco (2013, p. 13):

As histórias narradas por Chiziane mexem com o inconsciente de quem as lê, constituindo-se como viagens de escrita, não apenas ao mundo feminino e às tradições orais moçambicanas, mas à história de Moçambique e ao universo existencial de cada leitor. Essas são algumas das ousadias dessa escritora, cuja simplicidade não consegue empanar o imenso poder encantatório da linguagem, capaz de prender por muito tempo uma gama diferenciada de leitores.

É com base nesse poder encantatório da linguagem, afirmado por Miranda e Secco, que analisaremos dois contos poéticos de Paulina Chiziane, da obra **As andorinhas** (2013). Com este objeto, pretendemos discutir e analisar a memória presente em **Quem manda aqui?** e **Maundlane, o Criador**. Refletiremos sobre a forma como a autora faz uso desse recurso no seu texto, considerando que ela critica o modelo colonizador e a história da sua nação. Além disso, podemos pensar como Paulina Chiziane contribui para a formação da identidade moçambicana. Ainda que a obra da escritora seja aberta, “inacabada”, assim como as demais obras literárias, o que há de mais gritante nesse livro são os aspectos da formação de identidade moçambicana, descolonização, sentimento de liberdade da nação e do indivíduo. Neste trabalho, discutiremos o modo como Chiziane se comunica nos contos supracitados através da memória.

---

<sup>1</sup> Literatura de Língua portuguesa devido a influência da língua portuguesa em Moçambique durante o processo colonial. Mas nesse país africano, fala-se também outras línguas nativas como às de origem Bantu, Chope, Macua, Ronga, Tsonga, entre outras.

<sup>2</sup> Escritora, nascida em 19 de Março de 1935, na Ilha de Moçambique, Norte do país, província de Nampula.

Esta pesquisa bibliográfica caminha na tentativa de equacionar a problemática que gira em torno de saber se Paulina Chiziane consegue, por meio da memória, trazer as tradições do seu país para o centro de sua escrita, a fim de evitar o apagamento da história moçambicana, reconstruindo-a.

O mecanismo da memória na produção de Chiziane talvez ainda seja um assunto pouco estudado no universo acadêmico, sendo esse também um dos motivos pelos quais nos debruçamos nesta pesquisa. A fortuna crítica da escritora vem aumentando significativamente no Brasil. No Catálogo de teses e dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), constam, no mínimo, 49 trabalhos que têm como objeto obras de Paulina Chiziane. Dentre esses, alguns somente abordam a obra da escritora, enquanto outros a comparam com obras de: Conceição Evaristo, Noémia de Sousa, Mia Couto, Chimamanda Ngozi Adichie, Toni Morrison, Alice Walker, entre outros, além de Jorge Amado. Sobre **As andorinhas**, são poucas as teses e dissertações. No catálogo da CAPES, aparece apenas o trabalho **Dimensões do herói moçambicano em As andorinhas de Paulina Chiziane** (2015), de Igor Fernando Xanthopulo Carmo. É possível encontrar também, em alguns sites da Internet, artigos e resenhas sobre a obra da escritora, mas são poucos.

Já havia um incômodo e uma inquietação com relação ao fato de haver poucos estudos sobre o tema na Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS). No ano de 2016, ao cursarmos a Especialização em Estudos Literários na mesma Universidade, sentimos a necessidade (pessoal e acadêmica) de trabalhar com a literatura africana escrita por mulher. Deparamo-nos então com a literatura moçambicana de Paulina Chiziane, ao lermos a obra **Niketche - Uma história de poligamia** (2004). Com base na leitura desse livro, discutimos a voz feminina na sociedade moçambicana e contribuímos, de certa forma, para as pesquisas iniciais das obras da escritora Chiziane na UEFS. O estudo de Gleid Ângela Costa foi pioneiro no trabalho com Chiziane, nesta Universidade; com a pesquisa da obra **O alegre canto da perdiz** (2008), intitulada **Os (des) encantos da ruptura identitária em O alegre canto da perdiz, de Paulina Chiziane**, sob orientação da professora Dr<sup>a</sup>. Tércia Costa Valverde. No seu trabalho, Costa (2017, p. 12- 13) diz:

Arriscamo-nos solucionar as seguintes problemáticas: como está configurada a narrativa contemporânea de Paulina Chiziane e como essa pode ser um veículo para se captar e narrar uma memória e uma identidade que representam uma realidade de um povo? E como essa narrativa versa (e conversa) com a História?

Interessante, portanto, dar continuidade ao estudo da autora (agora com um novo objeto, sob a mesma orientação), contribuindo para que Paulina Chiziane ocupe os espaços acadêmicos para conhecimento do público leitor, pesquisador. Mata (2014, p. 36), a respeito do assunto, afirma que:

Um incômodo que qualquer estudioso de literaturas africanas de língua portuguesa sente (ou já sentiu – e que eu já senti tanto como estudante quanto como profissional) no seu ofício é a desvalorização do seu objeto de estudo, considerado, implícita ou explicitamente, como literaturas menores. Tal atestado de menoridade decorre de uma resistência eurocêntrica (a que não está ausente o desconhecimento) em relação às outras literaturas ditas universais, mesmo na academia (no Brasil e em Portugal), onde se esperaria um espírito mais condizente com a “qualidade do que é universal” para que o termo *universidade* remete.

A memória é uma ferramenta utilizada na literatura, seja na poesia, seja na prosa, e aparece muito forte no texto de Chiziane. Ela a utiliza como meio de reviver, recontar a nação moçambicana e seus mitos, a identidade do país, dos seus povos e costumes. Através dos personagens de cada conto, Paulina Chiziane, por meio de uma linguagem metafórica e irônica, sugere um olhar crítico para os processos históricos do seu país, que perpassam por colonização, guerras, independência, luta pela afirmação da identidade do sujeito e da nação.

**As andorinhas** é uma obra Pós-colonial moçambicana, que critica e analisa o processo de colonização e descolonização em Moçambique. Uma literatura cuja produção surge no continente africano, em seu processo de descolonização e independência, na década de 70. Essa produção literária pós-colonial traduz o sentimento de nacionalidade e de heterogeneidade de um país, na tentativa de reconstruir e discutir a nação em questão. Portanto, como afirma Carmo (2014, p. 11):

[...] Em decorrência dos processos vinculados à formação de Moçambique, as mazelas do colonialismo europeu, a luta de libertação, a guerra pós independência e os problemas socioeconômicos enfrentados pelo país são temas muito recorrentes na literatura moçambicana. Nesse sentido, principalmente na segunda metade do século XX, é impossível dissociar a literatura do contexto histórico e, ainda na atualidade, discutir a história, por meio da literatura, continua sendo uma valiosa ferramenta de reflexão social do país.

Dessa forma, Chiziane utiliza a literatura como ferramenta de discussão histórica. É a ficção dialogando com a história, o que estaria no campo da metaficção historiográfica, esta que seria – a partir das discussões levantadas por Hutcheon (1991) – a forma de reportar-se a

acontecimentos históricos reais ou utilizar-se destes para então construir uma outra história, problematizando e provocando uma autorreflexão sobre aqueles fatos tidos como verdades. Faz-se uma referência ao passado, recuperando-o e revelando, talvez, uma outra história não contada. A ficção, por meio da metaficção historiográfica, contrasta e questiona as histórias narradas pelos dominantes em relação àquelas contadas pelos subjugados. Esse entrelaçar entre ficção e história faz com que esta última se relacione com a memória. Uma memória individual e coletiva.

Este trabalho possui um caráter bibliográfico analítico e será dividido em três capítulos, com suas respectivas seções. No primeiro – *Karingana wa Karingana: Era uma vez Paulina Chiziane* –, contaremos a história de Paulina Chiziane, apresentando a escritora desde a sua infância, passando pela sua inserção nos movimentos de libertação moçambicana, na militância pela justiça e igualdade social e luta em prol das causas femininas. Chegaremos também ao momento em que ela se torna a primeira mulher a publicar um romance em Moçambique, com a obra **Baladas de amor ao vento** (1990). Esta e outras obras da autora também serão apresentadas neste primeiro capítulo, apenas a nível de conhecimento do leitor, e não com a intenção de lhes fazer um panorama e análise verticalizada das obras. Os livros serão exibidos de modo contextualizado, relacionando a obra ao contexto no qual foi escrita. A fortuna crítica de Chiziane também estará presente, na medida em que citaremos estudiosos que se debruçam em algumas de suas obras. Neste capítulo, objetivamos conhecer e o nos familiarizar com a autora, seu universo, que envolve o ser mulher na sociedade moçambicana, e seu percurso literário. Ainda nesse capítulo, nos debruçaremos sobre a discussão que envolve a formação de cânone literário e qual o lugar de Paulina Chiziane dentro desse contexto de literatura canônica.

No capítulo seguinte, o segundo, intitulado *O conto e o canto das Andorinhas*, iremos discorrer sobre o objeto de estudo, a obra **As andorinhas**, cujo título já sugere o voo em busca da liberdade. A liberdade de um povo, de uma nação, a liberdade de se expressar através da escrita. Focaremos os dois primeiros contos: **Quem manda aqui?** e **Maundlane, o Criador**. Nesse capítulo, falaremos sobre como se apresentam os narradores de Chiziane nos dois contos e também sobre a importância da memória dos mais velhos para a preservação da história. Essa é a herança que eles possuem e repassam para os mais jovens.

No último capítulo, *Memória na literatura Pós-colonial de Paulina Chiziane*, faremos a análise dos dois contos, tratando da teorização da memória. Bosi (1983, p. 21), por exemplo, fala sobre memória de pessoas mais velhas que passaram por vivências sociais e tornaram-se referências culturais. Analisaremos os textos, tentando demonstrar como Chiziane faz uso da memória para trazer as figuras heroicas de Moçambique e falar do desejo de liberdade e da

reafirmação identitária deste povo. Neste capítulo, discutiremos também a presença do recurso irônico nos textos da escritora moçambicana. E assim, iremos entrelaçar teorias pós-coloniais e teorias de memória com fragmentos da obra. Para isso, utilizaremos referenciais teóricos, como Thomas Bonnici (2005), Rita Chaves (2006), Le Goff (1996), Ecléa Bosi (1983), Beatriz Sarlo (2007), Michael Pollak (1992), Maria Nazareth (2018) e Rosana Patrício (2006). Além dos teóricos africanos, como Inocência Mata (2014), Anthony Appiah (1997) e Francisco Noa (2015), para melhor entendermos a literatura de Chiziane.

Ressaltamos que, mesmo se tratando de um trabalho voltado para o universo literário moçambicano, alguns dos teóricos aqui referenciados são ocidentais. Reportamo-nos a eles para discuti-los dentro de um contexto moçambicano e para tentar desconstruir alguns discursos estabelecidos como modelos a serem seguidos. Essas teorias também são utilizadas para discutir o gênero conto e os recursos da memória e da ironia, uma vez que são temáticas e formas de escrita universais e estão presentes tanto nas obras de Paulina Chiziane, quanto em outras. Portanto, não há pontos destoantes neste estudo quando inserimos na discussão as teorias ocidentais. Francisco Noa, por exemplo, escritor moçambicano, em sua tese de doutorado, intitulada **Literatura colonial. Representação e legitimação: Moçambique como invenção literária** (2001), trabalha romances produzidos por portugueses. Ele utiliza, segundo Weg (2017, p. 465), teóricos de estudos clássicos conhecidos de pesquisadores ocidentais. Noa trabalha esses romances para discutir a literatura colonial e “apresenta-nos a literatura não só como reveladora de vozes sociais, mas como parte integrante de um período de conturbação identitária.” (2017, p. 466). A partir dessa tese, Noa lança **Império, mito e miopia** (2015), livro publicado no Brasil. Dessa maneira, assim como Noa, utilizaremos aqui as teorias ocidentais para problematizarmos o cenário moçambicano.

A memória presente nos contos de Paulina Chiziane serve como um arquivo de informações, relatos e, pois, de conservação das tradições e dos fatos moçambicanos. Serve para rememorar as histórias vividas – histórias orais, individuais e coletivas. A memória – que é um recurso universal – em Moçambique, de modo específico, percebe-se uma memória de construção e afirmação identitária da nação negra. **Quem manda aqui?** e **Maundlane, o Criador** apresentam essa busca pela afirmação identitária, e hoje podemos encontrar circulando nos ambientes acadêmicos mais contos africanos, com personagens negros; ainda que essa circulação aconteça de forma lenta e gradativa, sobretudo entre o rol dos objetos de pesquisa. Antes, contudo, esse episódio era incomum. Circulavam (e ainda circulam) com maior frequência histórias de modelo branco europeu. Porém, os contos africanos (que sempre existiram, mas não eram evidenciados), bem como os de Chiziane, vêm para diminuir a

discrepância de circulação das histórias europeias e das histórias africanas. As histórias da escritora moçambicana são formas de “reparação” da história do povo de Moçambique.

## 2 *KARINGANA WA KARINGANA: ERA UMA VEZ PAULINA CHIZIANE*

Em Moçambique, uma prática muito antiga e valorizada é a contação de histórias. Histórias contadas pelos mais velhos, estes que transmitem saberes e valores. Histórias de vida. Essas narrativas começam com a frase *Karingana wa Karingana*: “Era uma vez”. Ou seja, uma expressão que representa o começo de uma história a ser contada. Os que contam dizem: *Karingana wa Karingana!* E os receptores exclamam: *Karingana!* E assim inicia-se a história.

Foi também no livro do escritor moçambicano Jose Craveirinha que essa expressão ganhou evidência. Trata-se da obra intitulada ***Karingana wa Karingana*** (1974), em que a história proposta por Craveirinha sobre os moçambicanos é narrada de um jeito próprio e poético. “As melhores histórias começam todas da mesma maneira. Era uma vez...” (CHIZIANE, 2008, p. 325). Portanto, o começo da história de vida de Paulina Chiziane também apresenta uma narrativa singular. Ainda que seja semelhante à de muitas mulheres, por toda parte; a sua trajetória possui particularidades. Por isso, neste capítulo, exclamaremos *Karingana wa Karingana!* para narrar a história de uma mulher negra do Sul de Moçambique, região onde ela vivenciou o sistema patriarcal. Esta mulher chama-se Paulina Chiziane.

### 2.1 Da infância à vida de escritora

No Sul de Moçambique, região da Gaza, Paulina Chiziane nasceu, em quatro de julho de 1955. Estudou em uma escola feminina, em Lourenço Marques, na qual aprendeu o *Chope*<sup>3</sup> e, mais tarde, aos seis anos, o *Ronga*<sup>4</sup>. Cresceu num ambiente em que as mulheres conviviam apenas ao lado de mulheres, uma vez que, não só na escola, mas também fora dela, não era permitida a convivência com meninos. Chiziane notava que essa segregação era forte e que aos meninos cabia o lugar de prestígio; já às meninas, subjugadas, o lugar subalterno. Ela vivia dentro do sistema patriarcal e não conhecia sociedades matriarcais, embora estas já existissem em Moçambique:

Eu fui para a escola católica e tive a formação de uma identidade feminina bem rígida, patriarcal, etc. Sempre ouvi falar da cultura matriarcal, mas era algo bem longe da minha realidade. Quando chego na Zambézia, que é uma

<sup>3</sup> Um grupo de línguas do Norte da província de Gaza (Moçambique)

<sup>4</sup> Língua nacional.



província no Norte do país, a trabalho, encontro uma sociedade matriarcal em que os comportamentos masculino e feminino são completamente diferentes do que eu vivia e observava no Sul. Primeiro foi um choque, depois me diverti com isso (CHIZIANE *apud* DIOGO, 2013, p. 362).

No comentário acima, Chiziane fala de sua educação rígida, patriarcal; depois, do seu contato com a cultura do Norte, matriarcal, na qual as mulheres têm uma maior liberdade e costumes diferentes daqueles do Sul.

Na cultura em que Chiziane foi criada, os homens trabalhavam cedo, migrando para outras regiões, e as mulheres permaneciam em casa com as crianças, cuidando da educação destas. Nesta sociedade, valorizava-se o homem, enquanto as mulheres eram vítimas de um sistema que cerceava sua liberdade. Portanto, este foi o universo em que Chiziane cresceu: o espaço do patriarcado, da falta de independência feminina e da negação de direitos às mulheres. A professora Rosana Patrício, ao escrever o livro **As filhas de Pandora** (2006), discute a condição da mulher na ficção de Sônia Coutinho, trazendo o contexto social, histórico e cultural que essa mulher vivencia. Nessa discussão, Patrício levanta questões que podem ser dialogadas com o contexto social e familiar de Paulina Chiziane, bem como com as crises as quais as mulheres sofrem quando inseridas em um meio que lhes impõe a posição de total dedicação ao lar, ao casamento e aos filhos. Sendo assim, Patrício afirma que:

A consciência em crise dessa mulher “bem casada”, mas “terrivelmente sozinha”, questiona a sua situação estável marcada pela previsibilidade e pela mesmice inerentes ao seu destino de esposa convencional” (PATRÍCIO, 2006. p. 131).

A mulher, ao mesmo tempo que possui um companheiro, uma família, encontra-se, na verdade, em solidão. Isso acontece também com as mulheres moçambicanas, em especial da região Sul.

Ao se casar, Chiziane reproduz hábitos marcados pela sociedade machista, patriarcal: cuidar da casa sozinha e das crianças. Porém, ser mulher e negra na sociedade patriarcal moçambicana fez com que Paulina Chiziane percebesse a importância da luta, da resistência em prol da independência e da identidade feminina, num país que passou por modelo de colonização. Rosana Patrício diz: “[...] dentro da mulher que assume um papel subserviente, existe potencialmente a voz que pode despertar para atitudes libertadoras” (PATRÍCIO, 2006, p. 41). Dentro dessa ideia, Chiziane tomou consciência sobre ideias e práticas transgressoras, à medida que despertou para atitudes libertadoras, engajando-se no movimento político social.

Dessa forma, durante a fase da adolescência e também adulta, ela esteve envolvida na OMM<sup>5</sup> (Organização da Mulher Moçambicana), um movimento de mobilização das mulheres. Muitas delas tomaram conhecimento da Organização através dos próprios pais, quando ainda eram jovens. Percebiam que esse movimento fazia com que as mulheres lutassem por espaço na sociedade, pelo ingresso no trabalho, pela participação em atividades que eram ocupadas, em sua maioria, por homens. É o que afirma Carmo (2014, p.145- 146):

As iniciativas da organização contribuíram na determinação legal de alguns direitos, como a igualdade perante à lei entre homens e mulheres, assim como a igualdade do direito ao trabalho. Entretanto, de forma prática, o fim da presença colonial e da condição de subalternidade africana não extinguiu a hierarquia de gênero. Mesmo com a primazia da discussão sobre a luta de classe e os direitos dos trabalhadores, negligenciou-se o tema da condição subalterna da mulher.

A OMM alcançou objetivos, como igualdade de alguns direitos entre homens e mulheres; mas, por outro lado, na vida prática, o que se via era a permanência da subalternidade feminina. Em luta a favor das mulheres, Paulina Chiziane inseriu-se no Fórum Mulher<sup>6</sup>, em grupos e organizações sociais de luta pela emancipação feminina. Apesar da existência desses grupos, nem todas as mulheres conseguiram autonomia e ainda passam por preconceito, discriminação e desigualdades. É um processo histórico gradativo o da mudança de paradigma.

Paulina Chiziane resistiu ao processo colonizador. Aos 18 anos, acompanhou a independência do seu país e, em 2010, passou por tratamentos psiquiátricos em consequência, também, desse processo de autonomia, das guerras que deixam, nos envolvidos, marcas não só físicas, mas psicológicas. São marcas de uma sociedade “desarrumada”, “desorganizada”, de um processo de desumanização. A experiência psiquiátrica trouxe mudanças significativas para a vida da autora. Ela pôde notar que “O mundo é uma morada de loucos” (CHIZIANE, 2013 s/p). Nas palavras de Chiziane, no mundo psiquiátrico, ninguém a dominava, nem a colonizava. Poderia ser livre das amarras sociais. E assim vivia a extralucidez, uma vez que, “em situações normais, procura-se a lucidez” (CHIZIANE, 2013, s/p).

---

<sup>5</sup> OMM (Organização da Mulher Moçambicana) foi uma organização fundada em 16 de março de 1973, durante a guerra de libertação nacional de Moçambique, com o objetivo de emancipar a mulher e oferecer oportunidade de mostrar a sua capacidade na construção do país.

<sup>6</sup> O Fórum Mulher foi fundado em 15 de abril de 1993 e representa uma rede da Sociedade Civil, sem fins lucrativos, que congrega várias organizações comprometidas com a defesa dos Direitos Humanos das Mulheres e Igualdade de gênero.

Essas vivências de Paulina Chiziane – que vão desde a sociedade patriarcal, na infância, à experiência do ativismo, à psiquiatria e à participação nas várias etapas do desenvolvimento histórico de Moçambique (colonização, independência, guerra civil e democrática) – fizeram dela uma testemunha que observa, mas, ao mesmo tempo, participa desses acontecimentos. E, hoje, ela consegue escrever sobre esses fatos, por meio da literatura. Essa é a sua contribuição para reescrever as histórias, individuais e coletivas.

A paixão pela literatura começa por volta dos quinze anos, e é o que impulsiona Chiziane a falar do ser feminino, que possui vivências e dores. Falar do outro e de si mesmo, partindo de uma experiência real. A obra **As andorinhas** encaixa-se nesse universo de experiências, bem como se insere num contexto de militância e reafirmação da escrita de autoria feminina negra. São histórias de heróis moçambicanos que participaram das lutas de independência e de mulheres que afrontaram a sociedade na qual ser masculino era ter privilégios.

Hoje, Paulina Chiziane, mesmo se tornando uma escritora consagrada no seu país e no Brasil, não está isenta do preconceito e do racismo, assim como a consagrada escritora brasileira Conceição Evaristo, que, mesmo já possuindo reconhecimento pela sua literatura afro-brasileira, continua, segundo ela, sofrendo preconceitos por ser mulher e negra. Paulina Chiziane fala da sua relação com Evaristo e discute a questão do racismo, da luta e do ser mulher negra:

A questão do racismo que vocês vivem no Brasil é bem diferente da nossa, mas quero dizer que Conceição Evaristo tem algumas coisas em comum comigo, quero dizer da sua luta. De maneira bem ousada, enfrentando situações de opressão. Eu, por aqui, enfrento essas situações de maneira diferente, mas enfrento [...]. Penso que o que mais me unifica com a Conceição Evaristo é isso: ela também vem de uma condição social muito pobre, ela é negra e tem que enfrentar várias barreiras. Portanto, o que vejo muito forte entre mim e nela é a vontade de transformar as coisas, de ver um mundo novo. Talvez seja por isso que eu me vejo tão próxima dela e das suas escritas. As palavras que usamos são palavras mais ou menos comuns. Penso que seja esse um forte aspecto. Eu vou trabalhando, lutando, tentando dar voz aos que não a têm, assim como faz Conceição Evaristo. Tento desenterrar alguns pontos obscuros, aquelas realidades obscurecidas pela sociedade (CHIZIANE *apud* DIOGO, 2013, p. 370).

Ambas as escritoras possuem um histórico de luta e enfrentamento, resistindo à opressão e ao racismo, de acordo com a realidade das nações a que pertence cada uma. Na literatura, elas dialogam quando trazem personagens negros, discutem a violência e a ancestralidade. Paulina Chiziane e Conceição Evaristo apresentam, nas páginas de seus livros, a *escrevivência*. O termo foi criado pela escritora brasileira, tornando-se um conceito sem que a autora tivesse a intenção

de ser. Sugere o ato de escrever as vivências de si e das demais mulheres negras, mas sem obrigatoriamente ter vivido as histórias das personagens. Trata-se da escrevivência marcada pela condição de mulher negra, oriunda das classes populares, das histórias de vida, das dificuldades do cotidiano, das relações familiares das mulheres afro-brasileiras. Uma escrevivência de subjetividade da autora que atinge a subjetividade da mulher a qual, ao conhecer a história, se identifica e se sente ali representada.

Assim como Paulina Chiziane militou na OMM e em outros movimentos revolucionários em Moçambique, Conceição Evaristo também é militante no movimento negro e em outros movimentos sociais no Brasil. Portanto, a relação das duas autoras se cruzam.

## 2.2 Do texto ao contexto: As produções literárias de Chiziane

Paulina Chiziane carrega a feliz responsabilidade de ser a primeira mulher negra a publicar um romance em Moçambique, da mesma maneira que a escritora negra Maria Firmina dos Reis, no Brasil. Esta foi a pioneira na literatura a falar da temática antiescravista. Escreveu o romance **Úrsula**, de cunho abolicionista, com publicação primeira em 1859. O pioneirismo de ambas as escritoras, tanto em Moçambique quanto aqui no Brasil, não pode ser esquecido, pois trata-se de um feito histórico, impulsionado por duas mulheres negras. A contribuição que elas trouxeram para a história e literatura é muito importante e reforça o debate sobre a mulher negra escritora que traz, para o âmbito literário, as problemáticas do seu país e do ser humano, de modo geral. Patrício (2006, p. 17), fala sobre a visibilidade da escrita feminina:

O que se percebe, no entanto, é que só há alguns anos a escrita feminina ganhou visibilidade e mereceu uma maior atenção da crítica no Brasil. Antes, as escritoras simplesmente eram esquecidas ou secundarizadas. Alfredo Bosi em seu livro *História Concisa da Literatura Brasileira*, em edição revista e aumentada (1994), refere-se a pouquíssimas escritoras. Embora venham sendo resgatadas em estudos pontuais, esperam uma abordagem mais ampla, por exemplo, as obras de Júlia Lopes de Almeida, Maria Firmina dos Reis, Narcisa Amália de Campos, Amélia Rodrigues, Ercília Nogueira Cobra, Adalzira Bittencourt, Jacinta Passos, Gilka Machado e outras que, em geral, não constam nos compêndios literários. Na medida em que as pesquisas avançam, este panorama tende a mudar, pois o estudo mais detido das autoras esquecidas leva ao reconhecimento do seu valor, assegurando-lhes um lugar numa nova história da literatura brasileira.

Patrício fala de um contexto brasileiro, sobre escritoras que recentemente vêm tendo o reconhecimento merecido. No contexto moçambicano, não é tão diferente, uma vez que Paulina Chiziane vem sendo reconhecida e mais vista pelo público há poucos anos.

Ser a primeira mulher a publicar uma obra é um ato revolucionário. Sobre isso, Diogo (2013, p. 361- 362) afirma:

Dessa forma, a escritora desafiou e desafia críticas e resistências sociais e culturais no seu país, no continente africano e, porque não, no mundo. A escritora Paulina Chiziane [...] traz-nos algumas possibilidades de reflexão e, talvez, responda a algumas lacunas sobre a tradição africana, quando, por vezes, muitas histórias apresentam-se-nos sem sentido. Podemos, pois, compreender a escrita de Chiziane como uma reconfiguração da memória social de Moçambique, auxiliando-nos a compreender melhor a constituição identitária daquele país.

Chiziane encara os desafios, as críticas de ser a primeira mulher escritora em Moçambique e nos ajuda a olhar este país e o continente africano com outra visão, de forma não estereotipada. A autora afirma, em entrevista a Diogo (2013, p. 362):

Eu quero dizer que não fui muito bem recebida no meio literário quando comecei a escrever. Fui representada como a escritora que rompe com os tabus, mas sempre tive vontade de escrever aquilo que é novo. As pessoas ficaram chocadas, pois não esperavam que uma mulher entrasse em grandes temas e eu ia cada vez mais fundo. Houve pessoas que pensaram que tive sucesso por acaso. Alguns escritores consideraram que eu estava escrevendo sobre o feminino porque era moda. Mas eu segui com muita força e determinação.

Tais palavras de Chiziane só confirmam como o preconceito para com as mulheres é forte. É como se ser mulher e escritora fosse incabível, uma afronta social, intelectual e cultural. Mas Chiziane não teme em ocupar esse “não lugar” da escritora mulher.

Através das obras da escritora, compreendemos melhor questões que são complexas, como o sujeito em crise e a identidade de um povo. Assim, Paulina Chiziane segue produzindo obras que partem de uma realidade, de um contexto histórico, social e individual. As histórias narradas se misturam às histórias de seu país, das mulheres moçambicanas. E Chiziane, de certa forma, insere-se nessas narrativas. Não se exclui, nem se isenta dessa narrativa. As protagonistas das obras, em sua maioria, são mulheres e negras, isso reflete o ser autora, porque também ela é mulher negra, com conflitos existenciais, marcados por um processo colonizador. Uma das possíveis leituras que podemos fazer das obras de Chiziane é que ela “se esconde” na terceira pessoa ou num narrador personagem, para falar de si mesma, de suas histórias e lutas, em Moçambique. Arfuch (2010, p. 54) ajuda a problematizar essa questão, afirmando que:

Efetivamente, para além do nome próprio, da coincidência “empírica”, o narrador é *outro*, diferente daquele que protagonizou o que vai narrar: como

se reconhecer nessa história, assumir as faltas, se responsabilizar por essa outridade? E, ao mesmo tempo, como sustentar a permanência, o arco vivencial que vai do começo, sempre idealizado, ao presente “testemunhado”, assumindo-se sob o mesmo “eu”?

Paulina Chiziane protagonizou várias situações na história de Moçambique, incluindo-se as guerras e lutas de independência. Ela usa um narrador *outro*, que pode ser também (ou não) o espelho dela mesma. O lugar outorgado ao outro, bem como o pacto autobiográfico, seria a relação entre autor e leitor. Um pacto selado entre essas duas partes, em que o leitor, considerando o narrador e personagens da obra, teria a responsabilidade de crença naquilo que o “eu” autor diz.

A escrita contemporânea de Paulina Chiziane ocupa o espaço de resistência, confronto e negociação. As temáticas por ela abordadas (colonização, pós-colonização, mulheres na sociedade moçambicana etc.) partem de um sentimento também subjetivo e se traduzem em uma linguagem metafórica, simples e sensível. O leitor pode perceber essa linguagem, junto à autobiografia e autoficção. A autoficção, para Faedrich (2015, p. 46), dá-se quando:

[...] se estabelece com o leitor um pacto oximórico [...], que se caracteriza por ser contraditório, pois rompe com o princípio de veracidade (pacto autobiográfico), sem aderir integralmente ao princípio de invenção (pacto romanesco/ficcional). Mesclam-se os dois, resultando no contrato de leitura, marcado pela ambiguidade, em uma narrativa intersticial.

Autobiografia e autoficção se diferenciam e, ao mesmo tempo, aproximam-se, uma vez que o autor pode narrar sua história de vida, utilizando, para isso, a terceira pessoa, mantendo uma relação entre pacto autobiográfico e pacto ficcional.

As discussões em torno de autobiografia e autoficção na literatura de Chiziane são relevantes para analisarmos o enredo da obra, o narrador, os personagens, tentando perceber se o autor está ou não presente por trás de determinado personagem. Não podemos afirmar se há, de fato, a presença desses dois campos de estudo nas produções literárias da escritora, mas notamos que as temáticas não fogem à realidade dela enquanto mulher negra colonizada, que ainda enfrenta preconceitos dentro e fora da sociedade moçambicana.

Xavier (2013, p. 178), referenciando M. T. Salgado (2004), diz que a voz de Paulina Chiziane se ergue para “confrontar passado, presente e futuro termina[ndo] por trazer à tona práticas culturais, hipocritamente disfarçados e clandestinas”. Chiziane traz também um ser fragmentado, híbrido e em constante busca da sua identidade. Fala do seu povo, mas também

das suas histórias de vida, de si mesma, de suas experiências enquanto mulher negra. Ela afirma que:

A escrita é um espaço para negociar a minha própria identidade: quem eu sou, o que faço, quais são meus sonhos. Como é que eu sonho o meu país, minha família e o mundo que eu gostaria de ver construído. Até hoje eu faço da escrita o meu lugar de negociação para uma mudança, transformação, é o meu modo de participar da dinâmica da vida. Para a criação de uma situação mais humana, melhor para todos nós (CHIZIANE, 2016, s/p.).

O lugar de negociação para a mudança pode ser percebido nas obras da autora. E é esse o lugar de fala dela.

A escrita sobre as histórias, costumes e mulheres do país moçambicano ainda é pouca, devido à recente independência do país (1975); portanto, o acesso ao mundo literário por parte das mulheres negras também é algo em construção. E as mulheres sentem o desejo da leitura e da escrita literária, sentem a necessidade de escrever sobre suas próprias histórias e não somente ouvir e escrever a história do *outro*. Chiziane representa uma das poucas escritoras a fazer desse desejo uma realidade. Padilha (2013, p. 3) explica:

Paulina Chiziane se vale da representação de sujeitos femininos para demonstrar como se pode “conquistar o amanhã”, desde que “a batalha do hoje” seja vencida [...]. Ao escolher as mulheres como símbolo de uma resistência ainda possível, Paulina mostra, por um lado, como elas foram e/ou ainda são cerceadas por leis tradicionais autóctones e, de outro, as limitações, igualmente impostas pelos usos e costumes transplantados pela colonização branco-europeia. A postura ética da ficcionista a leva a denunciar a dupla forma de exclusão e a necessidade de se reverter a ordem patriarcal dominante. [...]. Como consequência, avultam, em seus textos, as contradições sociais que ameaçam, principalmente, aqueles que são considerados “sujeitos subalternos” e cujas falas e / ou necessidades não são levadas em conta pela ordem de poder dominante.

Portanto, os textos de Chiziane, por influência do contexto político-social em que foram escritos, trazem temáticas fortes, acompanhadas, porém, do lirismo narrativo. A escritora traz ainda a fala dos sujeitos subalternos, historicamente oprimidos. Xavier (2013, p. 177) afirma, sobre os textos de Chiziane, que: “As temáticas que aborda em uma literatura emergente e a forma como as trata, sem tabus, utilizando recursos da prosa poética, fazem dela uma figura incontornável da literatura africana de língua portuguesa”.

Paulina Chiziane, além de ter escrito **As andorinhas**, nosso objeto de pesquisa, que será discutido nos próximos capítulos, produziu também outras obras importantes sobre as quais não pretendemos aqui realizar um panorama aprofundado, mas fazer uma apresentação apenas, para

fins de conhecimento do público, levando-o, talvez, a perceber alguns pontos temáticos entre as outras obras aqui citadas e **As andorinhas** (a obra em análise).

**Balada de amor ao vento** (1990) é o primeiro romance da autora que aborda a condição social das mulheres e de Moçambique de maneira geral, narrando a história vivida por Sarnau e Mwando. Ambos enfrentam leis e tradições do país que os impedem de ficarem juntos, sobretudo porque essas leis desfavorecem as mulheres. Kutter (2013, p. 143-144), em seu estudo sobre **Balada de amor ao vento**, afirma que na obra:

Paulina Chiziane tece e destece o tecido com o qual compõe Sarnau, em sua relação delicada com a escrita [...]. Na delicadeza de sua oratura, ela afirma – e reafirma – que escreve sobre mulheres e para mulheres [...]. Através desse grito de protesto, a autora nos convoca a direcionar nosso olhar para a condição da mulher moçambicana, representada aqui pela protagonista Sarnau.

Paulina Chiziane também escreveu **As cicatrizes do amor** (1994), um conto em que Maria, protagonista, representa as muitas Marias moçambicanas. São mulheres que ainda são obrigadas a suportar a tradição do seu povo, a qual as proíbe de se casarem com os homens que elas amam, pelo fato de eles não atenderem às exigências dos costumes culturais das famílias dessas mulheres. Tal fato ocorre com a referida personagem, que, apesar disso, busca afirmação de sua identidade na sociedade.

**Ventos do Apocalipse** (1999) é um romance que representa a realidade da guerra civil em Moçambique. Provavelmente, escrito em decorrência das experiências vividas por Chiziane durante a FRELIMO<sup>7</sup> (Frente de Libertação de Moçambique), movimento político revolucionário, e a Cruz Vermelha<sup>8</sup>, auxiliando, dando assistência às vítimas da guerra. A própria Chiziane afirma:

Quem trabalha na Cruz Vermelha passa pelas zonas de fogo, muitas vezes, e, algumas vezes, nas zonas críticas de fogo, que eram zonas dos rebeldes. De repente, estão lá os chefes do exército oficial do estado. Estão bem, então, a gente se pergunta: mas como é que esse indivíduo passou por aqui, se não era suposto que ele estivesse desse lado, mas, sim, do outro? (CHIZIANE *apud* SANTOS, 2018, p. 5).

A escritora levou as vivências da Cruz Vermelha para a narrativa que fala sobre a violência da guerra e a constante presença da morte:

<sup>7</sup> A FRELIMO (Frente de Libertação de Moçambique) é um movimento nacionalista criado em 25 de junho de 1962, com o objetivo de lutar pela independência de Moçambique do domínio colonial português. Foi liderado pelo sociólogo Eduardo Mondlane.

<sup>8</sup> Serviço de assistência e apoio as pessoas vítimas da guerra moçambicana.



Meu Deus! Há um cadáver a apodrecer e tem a cabeça decepada. Cincopassos adiante a cabeça está tombada, de olhos abertos [...]. A criança está demasiado nojenta, está cagada, mijada, as crostas de sangue coagulado cobrem-lhe as mãos, os dedos, os cabelos, é preciso chamar a coragem de todos os deuses para poder segurá-la porque até os homens mais corajosos se arrepiam perante o expoente máximo do incrível (CHIZIANE, 1999, p. 169).

A passagem acima expõe os desastres da guerra de descolonização de Moçambique. Jorge (2013, p. 221), pesquisador da obra citada, diz o seguinte: “O horror, aqui, ganha voz e forma para exprimir o carácter apocalíptico da guerra e para transformá-lo em um saber que permita o aconselhamento e a transmissão da experiência”.

**O Sétimo Juramento** (2000) é, para a estudiosa Santos (2013, p. 289- 290),

Uma obra literária que aborda as vicissitudes de uma parcela representativa da sociedade moçambicana em um contexto espaço- temporal definido. Trata-se de um romance em que o mundo se mostra degradado pela presença das guerras, da ambição, do uso inadequado dos costumes tradicionais e pela ausência de respeito por outros seres humanos. Além disso, ao se tomar certa familiaridade com a história moçambicana, percebe-se que muitos dos eventos mencionados na obra fazem parte daquela realidade. A forma como a autora trabalha o texto permite que o leitor se conscientize sobre fatos importantes para o entendimento do contexto histórico de Moçambique e, por conseguinte, da obra.

O romance traz o personagem David, patriarca de família, com poder aquisitivo, que recorre à “magia negra” para continuar acumulando bens materiais. Esse é o seu. Com um comportamento ambicioso, ele diz em seu juramento:

Eu juro, sim. Matarei a minha mãe, meus filhos e todos aqueles que amo, se esse for o desejo dos deuses. Hei de transformar o seu sangue em ouro, para que a riqueza corra nas mãos dos deuses como as águas do rio (CHIZIANE *apud* SANTOS, 2013, p. 168).

Santos (2013, p. 309) afirma ainda que:

**O sétimo juramento** é uma obra que propicia a reflexão sobre os valores tradicionais que habitam as memórias da sociedade moçambicana, estabelecendo uma crítica quanto à relação entre os gêneros e à desigualdade social, ressignificando elementos do passado que constituem sua identidade e que poderão vir, ou não, a permanecer como constitutivos de sua cultura.

**Niketche - Uma história de poligamia** (2002) foi a obra vencedora do **Prémio José Craveirinha**, em 2003. O primeiro título é curioso e representa uma expressão cultural em Moçambique. *Niketche* é uma dança tradicional realizada pelas mulheres:

É a dança do amor, do sol e da lua, dança do vento e da chuva, dança da criação. Uma dança que mexe, aquece. Que imobiliza o corpo e faz a alma voar. As raparigas aparecem de tangas e missangas. Movem o corpo com arte saudando o despertar de todas as primaveras. Ao primeiro toque do tambor, cada um sorri, celebrando o mistério da vida ao sabor do *Niketche* (CHIZIANE, 2004, p. 160).

O romance conta a história dos casados Rami e Tony. Este possui mais quatro mulheres: Julieta, Luísa, Saly e Mauá. Portanto, o romance aborda, dentre outros aspectos, o sistema polígamo. Rami, nascida no sul de Moçambique, recebeu uma educação cristã e é inserida numa cultura patriarcal. Então ela começa a apresentar conflitos e crises de identidade, mas procura encontrar essa identidade não adquirida.

**Niketche** foi uma obra que, inicialmente, causou incômodo e polêmica em Moçambique, de modo que os homens não aceitaram a história, pedindo para que a escritora alterasse o fim do romance, uma vez que, ao final do livro, o personagem Tony termina só, sem as cinco mulheres que possuía. Por outro lado, as mulheres se identificaram com a história narrada, porque protagoniza mulheres, falando dos seus sentimentos, dores, mas também mostrando a possível conquista da liberdade no sistema social moçambicano. E, em acréscimo, porque houve também uma relação de solidariedade, união entre as mulheres, no romance.

Segundo o estudioso Rafael (2013, p. 107- 108):

O romance de Paulina Chiziane é híbrido: usa os recursos da paródia e entrecruza-os com pequenas historietas que, africanamente, compõem o tear da narrativa, reinventando a tradição oral [...]. O jogo intertextual em Paulina é paródico, pois, além de ser um discurso duplo, inverte cânones consagrados tanto da cultura moçambicana, quanto da ocidental.

No romance **O Alegre Canto da Perdiz** (2008), Paulina Chiziane nos apresenta as personagens Delfina e Maria das Dores, mãe e filha, respectivamente. Ambas representam a identidade feminina em construção. Sobre Maria, o narrador do romance descreve:

[...] Há uma mulher na solidão das águas do rio. Parece que escuta do silêncio dos peixes. Uma mulher jovem [...]. Uma mulher negra, tão negra como as esculturas de pau-preto. Negra pura, tatuada, no ventre, nas coxas, nos ombros (CHIZIANE, 2008, p. 11).

Uma mulher negra que passa pelos sofrimentos consequentes do colonialismo e do próprio sistema patriarcal: a mudança de línguas, costumes, por exemplo. Xavier (2013, p. 179) afirma:

As mulheres de Paulina Chiziane são seres doridos e doloridos pela vida, na generalidade dos casos. Em *O Alegre Canto da Perdiz*, enceta-se desde início a animalização das personagens. Por um lado é um animal acochado, isto é, a forma como Maria das Dores é recebida na vila: “Expulsaram-na com paus e pedras, como um animal estranho que invadia propriedades alheias”.

As dores sofridas, as histórias de vida das mulheres de Paulina Chiziane nesse livro são também sentidas por Gleid Costa, primeira a realizar um estudo no Programa de Pós graduação em Estudos Literários (Mestrado/UEFS) sobre a obra de Paulina Chiziane. Ela afirma que **O alegre canto da Perdiz**

[...] apresenta uma combinação de história, ficção, religião, poesia e serve como exemplo de literatura africana que emerge do pensamento contemporâneo. Romance que nos traz também a visão daqueles que ganham nos mitos e na natureza o saber necessário a uma comunidade e à conservação da ancestralidade. O romance conta a história das protagonistas: Serafina, Delfina e Maria das Dores. São mulheres, mães e filhas com destinos dolorosamente parecidos, que protagonizam uma história hierárquica de dores, perdas e busca de suas identidades (COSTA, 2017, p. 10).

São, portanto, mulheres protagonistas, que carregam o saber ancestral, suas dores e têm, na história, seus destinos e a tentativa de reconstrução identitária.

Chiziane também produziu **Phatyma** (2010), um curta-metragem que narra a história de Phatyma, uma menina que deseja conquistar a liberdade, buscando direitos iguais entre homens e mulheres, em Moçambique. O curta traz imagens poéticas e uma linguagem leve. Sobre o filme, Secco (2013, p. 125) afirma que: “Há, nos diálogos e monólogos de Phatyma, dúvidas e críticas que se projetam para os espectadores, inquietando-os”.

**Na mão de Deus** (2012) é uma obra que tem muito da escritora Paulina Chiziane, uma vez que aborda uma personagem que passa por tratamento psiquiátrico, como aconteceu com Chiziane aos 55 anos de idade. Alice é o nome da personagem do livro, ela apresenta indícios de mediunidade e

[...] Vai contando ao longo da história todo seu drama vivencial, todos os sintomas físicos e psíquicos que a levaram à psiquiatria, mas que, fundamentalmente, eram o aflorar da sua mediunidade, infelizmente não compreendida pelos familiares e amigos e tratada medicamente como se de uma mera doença mental se tratasse (SILVA, 2013, p. 98).

As tradições africanas e o curandeirismo estão presentes em **Por quem vibram os tambores do além?** (2013). O curandeirismo é uma prática de cura, que se relaciona com a natureza e com os deuses. Portanto, o curandeiro Rasta Pita, que existe de fato e com quem Chiziane realizou uma entrevista, está presente na obra. É isto que ecoa no livro, o tambor que vem dos rituais em Moçambique. São tambores que vibram no ritmo da união de uma humanidade física e espiritualmente saudável. O livro apresenta uma visão de mundo diferente do mundo europeu, baseia-se nos mitos e ritos locais, moçambicanos.

A autobiografia de Paulina Chiziane também está presente em **Eu, mulher por uma nova visão do mundo** (2013). O texto faz uma análise às relações de gênero do grupo étnico de Chiziane. Segundo alguns estudiosos, esse texto se aproxima muito da autora, pois mostra as atitudes das mulheres na sociedade e as suas contribuições para que as figuras femininas pudessem se tornar independentes.

**Ngoma Yethu** (2015) é um livro que, assim como **Por quem vibram os tambores do além?**, aborda a questão do curandeirismo, discutindo o cristianismo europeu e o curandeirismo africano.

Seu livro mais recente intitula-se **O canto dos Escravos** (2017), que tece uma reflexão sobre a identidade e a liberdade dos países africanos. Fala das dores e também das esperanças de um povo doído pelo passado colonizador.

Fazendo um panorama destas obras, percebemos a relação que há entre elas e como estão presentes os sentimentos, aspirações e vivências da própria autora. Além de notarmos os aspectos da formação de identidade da nação, da cultura e tradições de Moçambique, sua história e memória. São obras que têm uma importância literária não só em Moçambique, mas no Brasil também, e cuja fortuna crítica vem ganhando destaque.

A literatura de Paulina Chiziane nos põe a refletir sobre questões importantes atualmente. Por isso, pensando nas discussões acerca da formação do cânone literário local e também ocidental e de como a literatura atual vem sendo produzida, é interessante refletir sobre como está inserida, nesse contexto, a literatura contemporânea de Paulina Chiziane, sobretudo o livro **As andorinhas**.

A escritora possui uma produção literária composta de livros com publicações da segunda metade do século XX e que segue até os dias atuais. Essa produção foi pensada não necessariamente para que os críticos ou estudiosos literários classificasse os livros dentro ou não da qualidade de cânone literário, até porque o cânone literário africano/moçambicano ainda está em discussão e não necessariamente em formação, como afirma a professora Dr<sup>a</sup>. Maria

Nazareth Fonseca<sup>9</sup> (2018, s/p.), em Conferência na primeira mesa-redonda do Congresso Entre Mares 2018<sup>10</sup>. A formação de cânone literário mantém uma relação com escolhas, ou seja, escolhem-se determinadas obras e autores para consagrar como cânone e excluem-se outras. Há, portanto, uma seleção que estabelece o que deve ser incluído ou não: “Estabelecer um cânone é um ato autoritário” (NAZARETH, 2018, s/p.), diz a professora. E, esse ato reflete valores determinados à sociedade. Ela afirma ainda que o público espera que a crítica escolha as melhores obras que podem ser lidas e esse mesmo público pode ou não concordar com as escolhas.

Essa discussão de cânone literário recai para Chiziane no sentido de que a escritora parece estar interessada em expressar, através das palavras, sentimentos e/ou fatos que lhe incomodam. As obras são criações artísticas e devem ser pensadas como tal, pelo seu valor, pela sua essência, não somente para serem consideradas, pela crítica, literatura “pronta” e dentro dos moldes ocidentais e então fazer parte de um Cânone. Por isso, Chiziane, apesar de estar, aos poucos, entrando para o cânone, parece mesmo se preocupar em escrever aquilo que ela julga importante discutir na contemporaneidade e em atender seus desejos subjetivos, individuais e também coletivos, na tentativa de alcançar um público (não apenas moçambicano) que se debruce, reflita e questione as suas temáticas. Temáticas essas que versam sobre a mulher na sociedade moçambicana, colonização e descolonização, dentre outros assuntos.

Chiziane produz uma literatura engajada, de militância e resistência, visando não somente inserir-se no cânone literário, mas, acima de tudo, realizar uma literatura de referência para pensar a afirmação de uma identidade de nação. O cânone estabelecido, de prestígio, da “alta literatura” parece não contemplar as questões de identidade e representação. Estas, porém, são contempladas na literatura de Chiziane, inclusive em **As andorinhas**. Por isso, antes mesmo se pensarmos no cânone literário, pensemos em de qual literatura estamos falando, de qual escritor, de qual contexto. Dessa forma, quando falamos de Paulina Chiziane, estamos falando de uma literatura que se define enquanto projeto nacional de um país. Esse pode ser o projeto literário da autora, assim como o de outros escritores africanos. Um projeto político de moçambicanidade.

Historicamente, a moçambicanidade é um projeto político singular. Como o projeto político português nasceu da negação de Portugal em ser uma

---

<sup>9</sup> Doutorado em Literatura Comparada pela Universidade Federal de Minas Gerais (1993). Professora da Pontifícia Universidade Católica (PUC), responsável pela área das Literaturas Africanas de Língua Portuguesa no Programa de Pós-graduação em Letras.

<sup>10</sup> Congresso realizado na cidade de Garanhuns, Pernambuco, na Universidade de Pernambuco (UPE). O evento é organizado pelo Núcleo de Estudos sobre África e Brasil (NEAB).

província espanhola, o projeto político moçambicano nasce da negação dos Moçambicanos em continuarem a ser província portuguesa. No coração do projeto político moçambicano está a inspiração à independência, que, por sua vez, se situa no largo movimento independentista e prolibertário dos negros do mundo inteiro (NGOENHA, 1998, p. 20).

A citação acima nos faz pensar sobre um posicionamento político dos escritores moçambicanos frente ao desejo de negação a ser colônia de Portugal e de construir um movimento de independência, que culminaria num projeto de moçambicanidade. Esse projeto político ao qual Ngoenha se refere dialoga com o que Padilha discute (2005, p. 21- 23):

Os projetos literários nacionais africanos usam, por um lado, da própria língua portuguesa como uma forma de enfrentamento do dominador, buscando romper a rigidez normativa e apresentando distintas soluções verbais para com elas estruturar as bases de uma produção artística em diferença. [...]. Esse sangue dos nomes africanos, que lustra tantas outras línguas e culturas do continente, em sua diversidade etno-cultural fundante, mostra a força cosmogônica da palavra africana, sempre um mais além de si mesma. Por ela se ligam o visível e o não visível; os vivos e os mortos; o passado e o futuro.

Isso significa dizer que o sentimento de identidade moçambicana começou quando o domínio “colonial amalgamou habitantes de um espaço africano, diverso e fragmentado – as circunscrições, os regulados – para os ‘nivelar’ numa nova condição, a de um novo universo subalterno e unificado [...]” (COELHO *apud* CAVACAS, 2006, p. 58). Cavacas (2016, p. 58) relata que a afirmação dessa moçambicanidade possui dois momentos importantes:

A guerra de libertação nacional, que uniu vontades em torno do projeto unitário da Frelimo; A participação no projecto (*Sic*) de construção nacional logo após a Independência, “período áureo da nova identidade”, “pontuado por conquistas importantes no campo da alfabetização e educação de adultos [...], mas marcado pela intransigência face aos hábitos tradicionais, às cerimônias iniciáticas e às autoridades antigas.

A passagem acima pode estar relacionada a uma literatura pós-colonial, que seria um produto do projeto literário de Paulina Chiziane. Um projeto revolucionário, de independência. Portanto, a literatura de Chiziane está inserida nesse contexto de perspectiva libertadora, de caráter insubmisso e, talvez por isso, também precise ser contemplada no ensino de literatura nas escolas, Universidades de Moçambique e das demais nações. A professora Mata (2014), escritora de São Tomé e Príncipe, posiciona-se com certo radicalismo sobre essa questão: ela afirma que, no Brasil, os professores trabalham apenas com escritores predominantemente brancos, homens e portugueses; e que, quando há o trabalho com literatura africana nas

instituições de ensino, esse se apresenta de forma fragmentada ou silenciada. A professora Dr<sup>a</sup>. Maria Nazareth Fonseca da PUC - Minas discorda em certa medida com o posicionamento de Mata, afirmando que nas Universidades da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILABES), onde há uma concentração muito grande de estudantes africanos, o ensino de literaturas africanas é significativo e tem uma representatividade muito forte. Na África, esse ensino ocupa espaço, devido aos movimentos nacionalistas, como afirma Silva (2016, p. 14-15):

No Continente africano, a História da África como disciplina acadêmica começa a ter relevância apenas nas décadas de 50 e 60, com o desenvolvimento dos processos de descolonização, crescimento dos movimentos nacionalistas e a consolidação de país independentes por todo o continente de maneira jamais antes imaginada [...]. Um revisitar da instituição e desenvolvimento desta disciplina no continente mostra-nos a produção de uma História da África onde o foco das problemáticas se concentra ao redor de temas que procuraram rejeitar a ideia de um continente sem História, primando pelo lugar do africano enquanto sujeito e não mais mero objeto dessa História. Neste ponto, a narrativa nacionalista ainda assume um lugar privilegiado. Trata-se de um período de revalorização da história de África para a compreensão do papel social e desenvolvimento das sociedades africanas, que caminha a par e passo com o crescimento das chamadas "universidades desenvolvimentistas". Estes anos de intensa produção historiográfica ficaram conhecidos como o período de ouro da historiografia africana.

Portanto, para confrontar a ideia de Continente sem história, foi necessário o movimento de descolonização dos currículos, ou seja, adentrar os espaços acadêmicos, para fincar um lugar de sujeito ativo na história. Isso demonstra o desenvolvimento das Universidades e é um modo de construção e desconstrução da história por meio do ensino na África.

Perrone (1999, p. 345), em **Consideração intempestiva sobre ensino da literatura**, começa seu texto problematizando a respeito do ensino de literatura no Ocidente, questionando como ela é feita no fim do século XX. Desse modo, afirma:

Os problemas atuais do ensino da literatura decorrem da situação incerta em que se encontra a própria literatura neste fim de século, época que se convencionou chamar de pós-moderna. No momento atual a literatura está sendo questionada em sua produção e em sua recepção, encontrando-se ameaçada em seus próprios fundamentos [...]. Como instituição e matéria de ensino, ela alcançou o auge de seu prestígio no período que vai do início do século XIX até meados do nosso século. Seu prestígio decorria, então, de uma determinada concepção da cultura que implicava a estigma consensual pelas humanidades e a valorização da tradição escrita. Essa tradição estava

sacramentada num cânone, fundamentado em determinados valores, o qual orientava a organização dos programas e dos manuais escolares.

Sobre o ensino da literatura, ainda há uma complexidade em torno dele e muito a ser discutido. Para além dos cânones, é preciso pensar na atual literatura. Seu ensino varia entre regiões e instituições de ensino, ou seja, em determinados lugares, nas escolas e Universidades, os currículos de literatura têm avançado, assim como tem se discutido mais a respeito da literatura contemporânea, produzida por mulheres e negros. Já em outras instituições, esse aspecto de (re)pensar a literatura não é bem contemplado. A literatura de Paulina Chiziane vem sendo inserida nessa discussão. Leila Perrone fala de uma literatura atual, que está sendo questionada em sua produção e recepção. De fato, e isso implica e influencia o ensino da deste campo de conhecimento.

Ainda hoje, existe essa concepção de prestígio e valorização da tradição escrita e do cânone sacramentado, como nos mostra Perrone. Talvez devido a essa cultura de sacramentar o cânone literário é que as obras de Chiziane ainda não tenham ganhado tanta força nas escolas e em algumas Universidades, a exemplo das do Brasil. A relação África-Brasil é válida no sentido de trocas de experiências culturais e literárias, a Língua Portuguesa, natural também em países do continente africano, intensifica ainda mais essa relação: “A difusão da língua portuguesa passa pela compreensão das necessidades dos vínculos linguísticos internacionais, sua funcionalidade e abrangência”. (MANTOLVANI, 2007, p. 1). Portanto, da mesma forma que há espaço para escritores brasileiros como Jorge Amado, Graciliano Ramos e José Lins do Rego aqui, nos ambientes de conhecimento, há também lugar para os escritores e escritoras africanas, como Chiziane. Inclusive estes também são leitores, identificam-se e são influenciados por autores brasileiros, a exemplo de Mia Couto, que se identifica com Guimarães Rosa. Dentro dessa discussão, Chaves e Macedo (2006, p. 52) expõem:

O leitor brasileiro é ainda surpreendido como diálogo cultivado pelos autores africanos de língua portuguesa com o modernismo brasileiro, sobretudo entre os anos 40 e 70. O contato principalmente com a produção de Angola, Cabo Verde e Moçambique, leva-nos a acreditar que algumas das propostas do Movimento de 22 repercutiram muito positivamente na escrita dos autores africanos.

Na passagem acima, vimos a influência do Modernismo brasileiro para os autores africanos. O Modernismo, que teve como um dos anseios a produção de literatura desgarrada do tradicionalismo, demonstrando o progresso e a independência. Isso é positivo para os



escritores da África que também anseiam por independência literária. A influência atual entre Brasil e África é importante também pela intertextualidade textual e pelos intercâmbios literários que podem acontecer, ou seja, livros de autores brasileiros podem ser lançados por editoras africanas e obras africanas podem ter suas produções publicadas por editoras brasileiras. É um diálogo literário produtivo entre Brasil e o continente africano.

Hoje, tanto no Brasil quanto em países africanos de Língua Portuguesa, há uma certa abertura e uma metodologia para a literatura “não-canônica”. Padilha (2005, p. 4) discute:

Surgem, já agora, novas negociações de sentido na área dos estudos literários contemporâneos, como uma consequência previsível do seu diálogo com os culturais. Essa nova postura metodológica tenta contribuir para o rompimento da política de silêncio que sempre se abateu sobre aquilo que era visto como “não-canônico” e, por isso mesmo, posto à margem do que a cultura literária hegemônica consagrava e ainda consagra. As produções em língua portuguesa, sobretudo as não-europeias, foram excluídas, sumariamente, do “cânone ocidental”, conforme já bastante discutido e contraposto pelos “ressentidos”, como os classifica Harold Bloom, aliás, um dos que se empenham em fixar a esse mesmo cânone.

Padilha reforça a ideia de diálogos entre culturas dentro dos estudos literários na contemporaneidade e fala sobre o rompimento de silenciamento do que não se “enquadra” no que é canônico. Esse romper das estruturas do Cânone precisa sair das teorias, dos estudos e ir para a prática em si. Trazer para o centro esse “não-canônico” e não apenas teorizar sobre, como fazem muitos professores, estudiosos e pesquisadores.

Dessa maneira, a literatura de Paulina Chiziane, assim como a de José Craveirinha e Mia Couto, merecem ter lugar nas instituições brasileiras, representando uma

Construção da identidade nacional moçambicana, veiculada pela língua portuguesa [...] como língua moçambicana, imbuída de culturas várias, força de coesão e de construção de uma matriz cultural moçambicana (CAVACAS, 2006, p. 57).

A construção de identidade nacional moçambicana à qual se refere Cavacas é uma postura muito presente em Chiziane. A escritora moçambicana apresenta essa construção não apenas pela intenção de ser institucional, posta num pedestal, fechada. Chiziane segue

[...] em direção à sua própria essência, num movimento ao mesmo tempo autoglorificador e suicida, e colocou-se em franca oposição aos valores da sociedade burguesa, rejeitando assim o seu lugar institucional. O ensino, como instituição, tem por objetivo manter os fundamentos da sociedade, e não questioná-los de maneira profunda. Assim sendo, o ensino de uma literatura

que punha em xeque seus próprios fundamentos como prática social, e, indiretamente, as práticas sociais em seu conjunto, começou a apresentar-se como problemático (PERRONE, 1999, p. 346).

A crítica de Perrone acima citada é pertinente para pensarmos os caminhos construídos por Paulina Chiziane. Caminhos opostos ao movimento de uma literatura não provocativa e não questionadora. Chiziane produz a favor da sua própria essência literária, subjetiva, mas proporcionando leituras críticas, contrariando o ensino que objetiva conservar as bases da sociedade, sem questioná-las de maneira profunda, vertical.

Perrone tece uma discussão que é cabível para refletirmos a atual literatura moçambicana representada por Chiziane, assim como as discussões de Luiz Roberto Cairo, quem problematiza a respeito do cânone literário:

A legitimação pelo cânone vai interessar mais ao crítico, ao historiador da literatura [...]. Aos criadores, essa condição interessa em menor escala, uma vez que entrar para o Panteón não deixa de significar a cristalização, a morte na imortalidade da oficialização (CAIRO, 2004, p. 115).

Cairo discute essa questão num contexto brasileiro da segunda metade do século XX; mas, trazendo para um contexto moçambicano, sobretudo “chizianiano”, a legitimação do cânone, de fato, vai importar menos (termo aspeado por XAVIER, 2013, p. 188). O interesse maior consiste em “recusar” classificações literárias, prezando mais pelas reflexões permitidas pelo texto em si, voltando-se para o interior, os sentimentos, as ideias acerca da realidade moçambicana: conflitos, questões políticas, sociais, culturais, machismo, patriarcalismo, um país recém-independente e que ainda luta por uma identidade, “[...] recusando a máscara branca que foi imposta pelos portugueses aos moçambicanos [...]” (SECCO, 1999, p. 17). E o que mais tem feito os poetas e romancistas moçambicanos é tentar resolver essa realidade, “[...] procurando ajustar-se e apanhar um lugar na história [...]” (COUTO *apud* DIOGO, 2013, p. 373). Mía Couto, em entrevista<sup>11</sup> a Diogo (2013, p. 373), afirma:

Acho que o escritor é, digamos assim, uma fonte importante para se perceber alguns elementos [...]. Então a escrita literária moçambicana traz esse outro lado. Um lado de quem olha mais para o interior. Os escritores estão contando histórias a partir desse sentimento. Acho que os escritores moçambicanos estão falando de dentro. O peso da oralidade, assim como no Brasil, provavelmente, dá o tom da nossa escrita.

---

<sup>11</sup> A Dr<sup>a</sup>. Rosália Estelita Gregório Diogo (PUC- Minas 2009- 2012), esteve em Maputo (2009) e entrevistou Paulina Chiziane, Mía Couto, Ungulani Ba Ka Khosa e Suleiman Cassamo.

Mia Couto, assim como Paulina Chiziane, consegue descrever situações complexas em Moçambique utilizando a Língua Portuguesa, fruto do processo colonial. Mas eles conseguem imprimir, na escrita, marcas da oralidade moçambicana, resgatando e evidenciando cicatrizes que foram encobertas pelo colonizador. Couto e Chiziane recontam e (des)constroem o passado sem negá-lo, mas traduzindo, reelaborando, trazendo um novo olhar e um novo modo de pensar Moçambique, este país que é visto e apresentado, muitas vezes, de forma errônea pelo *outro* ocidental. Mia Couto fala sobre como Chiziane aborda essas questões:

Eu acho que Paulina faz, provavelmente melhor que ninguém, melhor que outro qualquer escritor, essa leitura de como esses fenômenos estão presentes na vida das pessoas. Ela convoca tudo isso, em suas obras estão lá como uma espécie de diagnóstico, de um retrato que é muito preciso, pois ela faz isso muito bem [...]. Quando ela iniciou o seu trabalho como escritora numa sociedade como esta moçambicana, ela entrou em uma guerra. Entrou em uma guerra porque esta é uma sociedade muito machista. Não se prevê que uma mulher possa falar, menos ainda sobre determinados temas nos quais ela insiste em tocar [...]. Acho que Paulina dá voz às mulheres e nos conta histórias da realidade moçambicana. Além da importância literária, é possível que possamos analisar essas questões socioculturais como questões de fundo da escrita da Paulina. A Paulina apresenta-se como contadora de história, mas talvez não tenha a dimensão de que, ao contar essas histórias, as coloca em um curto-circuito que é muito mais importante do que ela pensa (COUTO *apud* DIOGO, 2013, p. 375-376-378).

As palavras de Couto só reforçam a ideia de que Paulina Chiziane está em busca não necessariamente do cânone moçambicano e brasileiro (apesar de que, para alguns críticos como Mantolvani<sup>12</sup> (2007), ela já representa o cânone consagrado na literatura do seu país), mas de trazer uma literatura com suas marcas, impressões da sociedade moçambicana, propondo reflexões e pensamentos críticos. Chiziane sugere um texto de afirmação da identidade nacional.

Ainda dentro das discussões do que reside ou não no cânone literário, Chiziane

[...] insere-se no rol de escritores contemporâneos africanos que privilegiam as narrativas de tradição oral, trazem-nos algumas possibilidades de reflexão e, talvez, respondam a algumas lacunas sobre a tradição africana [...]. Podemos, pois, compreender a escrita de Chiziane como uma reconfiguração

---

<sup>12</sup> Rosângela Mantolvani, doutora pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa, do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da FFLCH - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas - USP - Universidade de São Paulo. Mantolvani (2007, p. 2) afirma: “[...] A poesia moçambicana aparece representada por textos de Craveirinha e Eduardo White, entre outros; enquanto na prosa, Mia Couto e Paulina Chiziane representam o cânone consagrado na literatura do país.”

de memória social de Moçambique, auxiliando-nos a compreender melhor a constituição identitária daquele país (DIOGO, 2013, p. 361).

Diogo foi feliz nas suas impressões sobre Chiziane, pois, de fato, a narrativa da autora preza pela oralidade e reflexão, trazendo (ou não) respostas às lacunas históricas de Moçambique, revendo a questão da memória, na busca da identidade social/nacional.

Mais do que pensar se a produção literária de Chiziane insere-se ou não no cânone literário moçambicano e também brasileiro, pensamos numa literatura de essência do texto em si, no que ele sugere, em suas possíveis leituras e em como ele chega para o leitor. O texto de Chiziane insere-se na filosofia africana, filosofia da oralidade em que o pensamento africano preza pela coletividade, humanidade e sensibilidade. Na filosofia africana, o “nós” tem muita importância numa vida prática, social e as narrativas de Chiziane transmitem essa filosofia, essa essência. A essência do texto de Chiziane consiste também nas imagens poéticas que ele traz, na linguagem figurativa, sobretudo a metafórica. Essa linguagem é explorada pela escritora para realçar o lirismo da história narrada, proporcionando uma leitura de entrelinhas, aquela em que o sentido do texto não está exposto, mas sugerido, escondido na construção e nas ideias da narrativa. Por trás das metáforas de Chiziane, há uma crítica a ser feita, acompanhada de reflexão. Para Lakoff e Johnson (2002, p. 358), a metáfora é:

[...] um dos cinco sentidos, como ver, ou tocar, ou ouvir, o que quer dizer que nós só percebemos e experienciamos uma boa parte do mundo por meio de metáforas. A metáfora é parte tão importante da nossa vida como o toque, e tão preciosa quanto.

Sendo assim, as experiências do mundo, da vida são norteadas pelas metáforas, que nos acompanham, cotidianamente, como os cinco sentidos. Esses, sinestesticamente, estão presentes nos contos da autora moçambicana. Como exemplo, tem-se o momento em que o personagem do conto **Maudlane, o Criador** diz:

Os prazeres que gozava na aldeia, por ser Chivambo<sup>13</sup>, já acabaram. Terei que enfrentar sozinho os castigos dos mais velhos, lá nas pastagens, avó, virei ao teu encontro. Caminharei para além do infinito ao encontro do meu pai, para embalar a dor da tua ausência, minha mãe (CHIZIANE, 2013, p. 56).

---

<sup>13</sup> Os antepassados chamam de rei.

O conto, que será analisado mais adiante, traz o personagem do menino que reflete sobre a sua vida na aldeia. No trecho acima, as sensações e sentimentos que ele tinha (tem), o que sentia de prazeroso, havia findado. E nisso está a metáfora que Chiziane insere no seu texto: A metáfora de que tudo aquilo que é passageiro se desfaz com o tempo; mas, proporcionalmente, se refaz, com a necessidade de enfrentar sozinho as repressões, as adversidades da vida, caminhando para além do infinito. Assim como os cinco sentidos estão sempre conosco; como sugerem Lakoff e Johnson (2002, p. 358), os sentidos do ver, ouvir e sentir, acompanham o menino, fazendo-o compreender melhor os acontecimentos à sua volta e agir sobre eles.

A linguagem e os pensamentos também são metafóricos e estão impregnados na nossa vida, no inconsciente. No inconsciente do personagem do conto, nota-se uma metáfora que se reporta para a história, para os antepassados. Chiziane traz as figuras da avó, pai e mãe do garoto como metáforas da sabedoria, do amadurecimento e das caminhadas percorridas. Essas figuras aparecem no conto não somente como familiares do menino, mas como a metáfora do saber, da ancestralidade. A família carrega histórias e conhecimentos.

A linguagem metafórica está em toda parte, intrínsecas aos costumes de todo povo, e por isso, nos contos de Chiziane, está nas narrativas orais, tradições e culturas dos povos moçambicanos.

Sobre protagonista do conto, cabe-nos inferir que ele é a metáfora viva do heroísmo, da resistência e das conquistas de Moçambique. A passagem seguinte exemplifica essa ideia: “Vou caminhar sim. Quero abrir as portas desse horizonte que vos esconde, não tenho farnel (matuta), nem sandálias de pneu para seguir os passos do infinito, mas vou marchar, eu vou” (CHIZIANE, 2013, p. 57). Nessa passagem, Chiziane utiliza expressões como “caminhar”, “horizonte”, “marchar”, “passos” e “infinito” de forma metafórica, para reforçar que, mesmo com dificuldades, dores e lutas, é preciso buscar a liberdade, reafirmar uma identidade num país que tem um passado de dominação política. Mais adiante, o narrador do conto realça a história com lirismo, dizendo: “[...] O que está nos túmulos é poeira, é terra, mas é no peito dos vivos que os mortos celebram a eterna presença. Em cada pessoa imagens de duas mulheres bailam nas recordações do menino” (CHIZIANE, 2013, p. 57). Aqui, a memória se faz presente nas recordações do menino e na presença dos seus descendentes. A linguagem metafórica representa as reminiscências do garoto em busca da recuperação da história perdida, da reconstrução de um passado antes inexistente para a história oficial. De modo poético e metafórico, Chiziane mostra um outro lado da história e dos fatos, com o olhar de dentro do contexto moçambicano. Essas reflexões poéticas e metafóricas aparecem no trecho seguinte:

Esta pegada na areia faz lembrar o pé da minha mãe. Este azul, este brilho, fazem lembrar o lenço da minha mãe. Este sorriso, este rosto, parece o rosto da minha avó. E este homem? Tão alto, tão nobre, tão digno, é tal e qual meu pai cujo rosto nem ao menos vi (CHIZIANE, 2013, p. 57).

Percebemos, no trecho acima, rastros de lembranças que se traduzem em metáforas do reviver, do reencontro com as origens, as raízes e das ligações do personagem com o passado. Imaginação, anseios e desejos permeiam a narrativa da autora, transportando-nos para uma dimensão outra, que não apenas a da terra, do físico, material, mas também do espiritual, do metafísico, da alma.

Fragmentos metafóricos ainda podem ser percebidos no conto de Chiziane quando, por exemplo, lemos: “A terra sangra” (CHIZIANE, 2013, p. 61), que nos remete à ideia de que, em Moçambique, ainda se mata, morre e guerreia – uma realidade talvez ainda muito presente, mesmo nos tempos de pós-colonização. Em “A doença ataca nosso país”, o personagem sugere a miséria, a fome e a tortura que fizeram parte da história de luta moçambicana (CHIZIANE, 2013, p. 62). Quando diz “[...] O céu, sem nuvens, é um útero azul”, o narrador talvez esteja representando a tentativa de nascimento/ renascimento de Moçambique (CHIZIANE, 2013, p. 70).

Ao nos depararmos com o lirismo metafórico em “A memória executa, no silêncio, a dança dos pássaros”, sentimos a força da memória trazendo o sentimento de libertação da nação moçambicana, assim como a liberdade das andorinhas (CHIZIANE, 2013, p. 70). Em várias passagens do livro, há um pedaço da história de Moçambique narrado metaforicamente por Paulina Chiziane. É uma forma de a autora utilizar a poética e a metáfora como meio de falar da resistência moçambicana e da importância dos que fizeram parte dessa história.

Os aspetos temáticos e literários dos contos são relevantes para os estudos de literatura, bem como para os da sociologia. Temáticas fortes, inquietantes e necessárias de serem abordadas são trabalhadas com figuras de linguagens, com traços da oralidade e com linguagens simples, com expressões próprias de regiões moçambicanas. Todos esses aspectos presentes em Paulina Chiziane se traduzem numa literatura em trânsito e atual que pode ocupar um espaço democrático, acessível a todos, um lugar que propicia questionamentos, reflexões, transformações e emoções, “Um lugar do sonho que a literatura também pode abrigar”. (COUTO *apud* CHAVES; MACEDO, 2006, p. 44). Trazendo isso para a discussão de formação de cânone, pensemos que há um cânone pessoal, ou seja, aquele formado não pela crítica literária, mas naturalmente, pelos leitores, pela recepção destes sobre a obra daquele.

Estudantes, professores, pesquisadores e leitores comuns formam seus cânones pessoais, particulares, à medida que têm afinidades com obras de determinados escritores, por meio do contato com livros, ao longo da vida. E esses cânones pessoais perduram por muito tempo. O cânone literário pode ser tanto Jorge Amado, Guimarães Rosa ou Raquel de Queiroz, quanto Eulálio Mota ou Maria Carolina de Jesus, Maria Firmina dos Reis, Mia Couto, Paulina Chiziane, e assim por diante.

### 3 O CONTO E O CANTO DAS ANDORINHAS

As histórias da avó começam da mesma maneira  
Que é sempre a melhor maneira de começar  
Karingana wa karingana

**As andorinhas** (2013) é um livro de Paulina Chiziane que traz, já no título, a ideia de liberdade, ideia essa discutida na obra, além de ser um título poético. A partir desse título e, seguindo para a leitura dos textos, percebemos que “Os contos de as andorinhas representam a jornada de pássaros voando em liberdade [...]. Torna-se necessário escapar para além do horizonte e aprender a linguagem do passarinho” (CARMO, 2014, p. 150).

As andorinhas

[...] são conhecidas como as aves que nunca tocam o chão, mantendo-se, dessa forma, imaculadas contra a maldade humana. Além disso, nesse conto, esses animais surgem como símbolo da rebeldia e da subversão do *status quo* social (TEIXEIRA, 2013, p. 314).

As andorinhas, sobretudo na obra de Chiziane, não constituem apenas um ser vivo, elas possuem um significado muito maior para a humanidade. Nunca tocam o chão, porque desejam a grandeza, o horizonte e são a personificação da rebeldia e da insubmissão, de acordo com as variadas crenças e dicionários de símbolos.

O **Dicionário de símbolos** (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2017, p. 51) traz o termo *Andorinha* relatando que:

[...] o fato é que as andorinhas são *da primavera as mensageiras*, como escreveu Rémi Belleau [...]. Por outro lado, o ritmo sazonal (Yin-Yang) das migrações das andorinhas é acompanhado de uma metamorfose: elas se refugiam na água (Yin, inverno) onde, segundo Lie-tse, *se tornam temporariamente conchas, depois voltam a ser andorinhas, acompanhando*

movimento ascendente do sol (Yang, verão) [...]. A andorinha aparece, ai também, ligada a um simbolismo da fecundidade, da alternância e da renovação. Para os bambaras do Mali, a andorinha é uma auxiliar, uma manifestação do demiurgo Faro, senhor das águas e do verbo, e expressão suprema da *pureza*, em oposição à terra, originalmente poluída. A andorinha deve ser papel importante ao fato de não pousar jamais no solo; está, portanto, isenta de conspiração. É ela que recolhe o sangue das vítimas nos sacrifícios oferecidos a Faro, para levá-lo aos espaços superiores, de onde descerá sob forma de chuva fecundante. Tem, então, um papel de veículo no mecanismo cíclico da fecundação da terra; mas também na fecundação da mulher, por intermédio do suco do tomate selvagem, que leva, igualmente, ao céu [...]. A andorinha é o símbolo da renúncia e da boa companhia no Islã. É chamada *ave do paraíso*. Entre os persas, *o gorjeio da andorinha separa os vizinhos e os camaradas. Ela significa solidão, emigração, separação*, sem dúvida por causa de sua natureza de ave migradora.

Portanto, as andorinhas apresentam essa simbologia do movimento, que é vista de modos diferentes, a depender da região e cultura, mas também é uma simbologia universal. Em toda parte, ela representa o voo sempre alto, nunca toca o chão; é o símbolo da fecundidade, da renovação, do ser livre; é a natureza sempre bela, divina. Paulina Chiziane traz essa relação da natureza com o homem (que também faz parte da natureza), buscando a harmonia. A andorinha é a liberdade que o homem deseja. É o pássaro que simboliza, dentre outras coisas, a inteligência, a sabedoria, a leveza, o divino e a amizade. Andorinhas são consideradas, em algumas culturas, mensageiros entre o céu e a terra. Na obra de Chiziane, é como se essas aves trouxessem para os povos, os moçambicanos, a mensagem esperada: da independência, da solidariedade.

**As andorinhas** é uma obra de contos, gênero que revela sua importância, na medida em que,

[...] como toda obra literária, é produto de um trabalho consciente, que se faz por etapas, em função desta *intenção*: a conquista do *efeito único*, ou impressão total. Tudo provém de minucioso cálculo [...]. A *economia dos meios narrativos*. Trata-se de conseguir, com o mínimo dos meios, o máximo de efeitos. E tudo que não estiver diretamente relacionado com o efeito, para conquistar o interesse do leitor, deve ser suprimido (GOTLIB, 1995, p. 34-35).

A discussão que Gotlib traz não deixa de ser uma visão ocidental do conto, o que difere do conto africano/moçambicano. Este vem das origens, da raiz e da oralidade do povo e pretende contar histórias de reafirmação de forma híbrida, não se prendendo, necessariamente, às formas europeizadas de narrativas. Mas o que Gotlib nos apresenta pode, talvez, ser encontrado no conto moçambicano, porque, como consta na passagem acima, muitos contistas



da África apresentam, de fato, esses “mínimos” meios para atingirem o “máximo” efeito. A própria Paulina Chiziane, nos contos **Quem manda aqui?** e **Maundlane, o Criador** atinge, em certa medida, o “máximo” efeito ao narrar. Efeito esse provocado não apenas pelas temáticas dos contos, mas também por meio de uma linguagem poética que se aproxima da oralidade, com vocábulos próprios da região de Moçambique. Os contos da escritora moçambicana são como fotografias, como bem os comparou o escritor argentino Cortazar (1993, p. 151-152), afirmando que os fotógrafos

[...] definem sua arte como um aparente paradoxo: o de recortar um fragmento da realidade, fixando-lhe determinados limites, mas de tal modo que esse recorte atue como uma explosão que abra de par em par uma realidade muito mais ampla, como uma visão dinâmica que transcende espiritualmente o campo abrangido pela câmara [...]. O fotógrafo ou o contista sentem necessidade de escolher e limitar uma imagem ou um acontecimento que sejam significativos, que não só valham por si mesmos, mas também sejam capazes de atuar no espectador ou no leitor como uma espécie de abertura, de fermento que projete a inteligência e a sensibilidade em direção a algo que vai muito além do argumento visual ou literário contido na foto ou no conto.

Trazendo para o contexto moçambicano, percebemos que a comparação feita por Cortazar no século XX cabe também ao conto moçambicano contemporâneo de Chiziane. Pode-se dizer que o texto da autora é uma fotografia, nele são registradas imagens da realidade com amplitude coerente com o projeto literário da escritora: o de trazer aspectos da história na tentativa de (re)construção nacional. Chiziane capta, como uma lente fotográfica, os acontecimentos, fazendo com que o leitor consiga enxergar melhor as imagens capturadas. Ainda que esse registro de imagens talvez seja limitado, como afirma Cortazar, o que se vê nos contos de Chiziane é um conjunto de significados, saberes, experiências e subjetividades que abrangem o *eu* Paulina e o *outro* social.

Achamos pertinente analisar esses dois contos (**Quem manda aqui?** e **Maundlane, o Criador**), porque a narrativa conto tem uma importância muito grande para os moçambicanos. Traz um potencial narrativo muito forte. Sendo assim, o texto de Chiziane faz parte do conto que, segundo Lacerda (2005, p. 85),

[...] é eleito pelos moçambicanos como o gênero privilegiado, mas com um sentido mais amplo que habitualmente, englobando outras figuras (pastiche, paródia, tradição oral, mitos africanos). Na perspectiva africana, os paratextos desempenham uma função mais destacada.

Os contos africanos, com inserção dos contos de Chiziane, apresentam elementos que os tornam diferentes dos contos ocidentais, como a paródia e a tradição oral, por exemplo.

Anfonso (2004, p. 142) afirma que, em Moçambique, os primeiros contos se deram com a publicação da obra **Nós Matámos o Cão Tinhoso** (1964), do autor Luís Bernardo Honwana<sup>14</sup>, escritor negro, que traz para a literatura memórias moçambicanas. Hoje, Paulina Chiziane, escritora negra, também traz, nas suas narrativas, marcas dessa memória, tanto individual quanto coletiva. Dessa forma, a existência de contos moçambicanos escritos antes mesmo da Independência do país (em 1975) abre espaços para contos atuais, como os de Chiziane.

Ainda sobre o gênero narrativo conto, Gotlib (1985, p. 13) diz que:

O *contar* (do latim *computare*) uma estória, em princípio, oralmente, evolui para o registrar as estórias, por escrito. Mas o *contar* não é simplesmente um relatar acontecimentos ou ações. Pois *relatar* implica que *o acontecido seja trazido outra vez*, isto é: *re* (outra vez) mais *latum* (trazido), que vem de *fero* (eu trago). Por vezes é trazido outra vez por alguém que ou foi testemunha ou teve notícia do acontecido. O conto, no entanto, não se refere só ao acontecido. Não tem compromisso com o evento real. Nele, realidade e ficção não têm limites precisos.

Refletindo sobre a passagem acima, de Gotlib, percebemos que alguns pontos dialogam com o que acontece na escrita de Chiziane, pois, de fato, o contar oralmente pode evoluir para o escrito. E isso vem acontecendo em Moçambique, à medida em que as histórias contadas pelos mais velhos vêm sendo (re)escritas pelos mais novos escritores. Os contos de **As andorinhas** são também fatos que, possivelmente, a escritora ouvira no decorrer de sua vida, saberes da tradição oral que por ela foram transformados em textos literários; sendo esta a origem do registro dessas histórias. Gotlib (1985, p. 13) afirma que o contar não é relatar, pois relatar significa que um fato passado é trazido à tona, seja por alguém que o testemunhou, seja por alguém que dele teve notícia. Porém, Chiziane, de certa forma, está relatando, pois traz de volta as histórias de Moçambique que foram esquecidas devido à colonização. Ela conta outra vez; portanto, *relata*. Os personagens principais dos contos de **As andorinhas**, na realidade, existiram e tiveram suas histórias narradas por aqueles que os conheciam ou que apenas deles ouviam falar. Sendo assim, apesar de o conto não se referir só ao acontecido e não ter compromisso com o real, a escritora ficcionaliza o fato acontecido. Sobre esse livro de Chiziane, Teixeira (2013, p. 313- 314) diz:

---

<sup>14</sup> Nascido em Lourenço Marques (atual Maputo), em 1942. Militante da Frente de Libertação de Moçambique (FRELIMO). O livro **Nós Matámos o Cão-Tinhoso** foi escrito durante o período que esteve na prisão. A obra denuncia o poder colonial português, o preconceito e o racismo.

Por entre as motivações para a realização desse trabalho, está o interesse da escritora em reacender na juventude de Moçambique o apreço por nomes vinculados à formação e à juventude da nacionalidade moçambicana [...]. Para cada conto uma chance de reescrever um nome marcante para a realidade moçambicana. Deparamo-nos, então, com um cuidadoso exercício de tecedura dos retalhos do passado, alinhavados pelo fio do presente- ora crítico, ora analítico, ora laudatório- visando construir um mosaico de projeções e possibilidade futuras. Paulina quer novas histórias. Moçambique precisa de novos heróis.

Dessa forma, **As Andorinhas** sugere o que afirma Teixeira (2013, p. 314): “esses retalhos do passado, alinhavados pelo fio do presente visando construir um mosaico de projeções e possibilidade futuras”. A obra é composta por três contos: **Quem manda aqui?** narra a história de um imperador que, no decorrer da narrativa, perde o seu império; **Maundlane, o Criador** traz como protagonista um menino que se torna herói da sua região, o Maundlane; e **Mutola** fala do universo das mulheres, através da personagem Mutola, uma personalidade moçambicana que existiu de fato. Maria de Lourdes Mutola foi atleta e venceu o título mundial dos 800 metros, além de vencer o machismo e preconceito da sua sociedade. (Tal conto não foi analisado verticalmente neste trabalho, apenas por uma questão de recorte, não se trata de exclusão do texto que poderá ser trabalhado em estudos posteriores). Assim, “As andorinhas representam a jornada de pássaros voando em liberdade [...]. Torna-se necessário escapar para além do horizonte e aprender a linguagem do passarinho” (CARMO, 2014, p. 150). Nos itens seguintes, apresentaremos os dois primeiros contos do livro, foco do nosso trabalho.

### 3.1 Quem manda aqui?

**Quem manda aqui?** é uma história que, como afirma a própria Paulina Chiziane em entrevista<sup>15</sup>, era contada pelo pai dela, quando este se encontrava bem disposto, colocando todos à sua volta para o escutarem. Às vezes, a avó dela também fazia o mesmo. É uma história que vem do tempo em que Chiziane era criança, à volta da fogueira. Os pais e avós de Chiziane já faleceram, mas a história permanece viva, através dos ouvintes e leitores. É a história do imperador de Gaza. Esse imperador, chamado Ngungunhana, na narrativa de Chiziane, quando ia dormir embaixo da árvore, depois do almoço, mandava toda a gente ficar em silêncio para

---

<sup>15</sup> Entrevista cedida a Joice Berth para o programa “Justificando” em 2016. Programa de entrevistas veiculado na internet. Nasceu para questionar e discutir questões sociais, com compromisso, prezando pela liberdade, lutas raciais e de gênero. Pode ser encontrado pelo endereço: <http://www.justificando.com/>

que pudesse descansar em paz. Porém, certo dia, quando estava deitado, as andorinhas foram bailar em cima da árvore, incomodando-o. Então ele, furioso, chamou os generais e disse: “Quem é que manda? Eu não disse para calar as andorinhas? E essas andorinhas sabem quem manda aqui?” (CHIZIANE, 2013, p. 10-11) Por isso, ordenou que os generais (Nguyuz, Lumbulule, Marivate, Khumalo e Sithole) fossem caçar as andorinhas para que elas fossem castigadas e soubessem definitivamente quem mandava ali. Os generais obedeceram e partiram. Mas, cansados do imperador, eles mobilizaram toda a população (velhos, jovens, crianças) e então saíram e não voltaram mais. O imperador ficou sem guarnição; os portugueses, ao saberem disso, entraram nos seus aposentos e prenderam-no. Moral da história: O imperador, tão déspota, perdeu o império por causa das andorinhas, porque queria impedir a liberdade delas. Carmo (2014, p. 66) afirma:

A narrativa é inspirada na queda do Império de Gaza, ocorrida no final do século XIX em decorrência da ação colonialista europeia. O território deste poderoso império africano, situado hoje na região Sul de Moçambique, era governado pela dinastia nguni, na qual seu último representante foi Mudungazi ou Ngungunhana.

No trecho a seguir, podemos perceber como se desenrola a história no conto de Chiziane:

Uma andorinha canta alegrias no espaço. De pança também cheia, baila. Liberta os intestinos e caganita balança na cloaca. Cede à gravidade e cai no olho do imperador. O corpo gordo se ergue como uma mola, movido pela fúria. Dos olhos túrgidos, solta-se o dragão que dorme por dentro. O imperador podia resistir a tudo menos aquele ultraje: cocó de pássaro? (CHIZIANE, 2013, p. 10).

Para Teixeira (2013, p. 314), as andorinhas possuem um significado muito forte no texto de Chiziane. Estes pássaros não aparecem de forma aleatória na história, pois “[...] neste conto, esses animais surgem como símbolo da rebeldia e da subversão do *status quo* social.” Segundo Chevalier e Gheerbrant (2017, p. 688- 689):

O voo dos pássaros os predispõe, é claro, a servir de símbolos às relações entre o céu e a terra [...]. O pássaro opõe-se à serpente, como o símbolo do mundo celeste ao do mundo terrestre [...]. O pássaro é uma imagem muito frequente na arte africana, especialmente nas máscaras. Simbolizava a força e a vida; é *amiúde de símbolo de fecundidade*.

Dessa forma, os pássaros, em específico as andorinhas, no texto de Chiziane, trazem a força e a vida para o homem. Na cultura africana, essa força se traduz em desejo de liberdade coletiva, de alcançar soberania. Nos estudos da Mitologia dos orixás, o pássaro também ganha uma representatividade significativa. Eles se relacionam com os orixás, os quais são divindades religiosas que representam elementos da natureza. Prandi (2001, p. 20) afirma:

Para os iorubas tradicionais e os seguidores de sua religião nas Américas, os orixás são deuses que receberam de Olodumare ou Olorum, também chamado Olofin em Cuba, o Ser Supremo, a incumbência de criar e governar o mundo ficando cada um deles responsável por alguns aspectos da natureza e certas dimensões da vida em sociedade e da condição humana. Na África, a maioria dos orixás merece culto limitado a determinada cidade ou região, enquanto uns poucos têm culto disseminado por toda a extensão das terras iorubas [...].

O orixá Ossaim, “filho de Nanã e irmão de Oxumarê [...]” (PRANDI, 2001, p. 152), relaciona-se com o pássaro, imitando seu canto para conseguir se casar com uma das filhas do rei, que havia decidido casar a filha mais velha com aquele que adivinhasse o nome das suas três filhas. Então Ossaim aceita o desafio, e

Quando as três princesinhas saíram para brincar, foram surpreendidas por um canto que vinha daquela árvore. Era o canto de pássaro irresistível, de um passarinho das matas de Ossaim. Mas o canto era de Ossaim, imitando o pássaro. O passarinho brincou com as três princesas e conseguiu assim saber o nome delas [...]. Ossaim então casou-se com a mais velha. Sua esperteza havia dado certo. Ossaim desde então é identificado com o pássaro (PRANDI, 2001, p. 156)

Os pássaros, na ficção de Chiziane, interferem nos comportamentos e pensamentos dos personagens. Ainda que a ficção não tenha compromisso com a verdade, Chiziane traz, ficcionalmente narrados, personagens verídicos de Moçambique, como é o caso do imperador, que reinou na região de Gaza, sendo essa uma das últimas a ser invadida pelos portugueses. O imperador resistiu até os últimos momentos.

No conto **Quem manda aqui?**, além das andorinhas, que também não deixam de ser personagens da história, outros dois personagens têm importância: o general, Nguyuz, e a Sacerdotisa. O general, não se sabe ao certo se existiu de fato, mas ele ocupa um espaço significativo na narração de Chiziane. Boa parte da história se concentra nele. Ele é o responsável pela organização em função da expedição às andorinhas e, muitas vezes, rememora sua história de vida e da nação moçambicana. O general “[...] É o Chefe. A ele cabe a primeira

palavra a ao imperador a última” (CHIZIANE, 2013, p. 10). A personagem da sacerdotisa é aquela mulher que detém a sabedoria, desvendando mistérios da vida. Sabe decifrar os sonhos. Ela é um ser admirado: “– Eu te admiro, sacerdotisa. Os teus olhos de mar incendeiam o meu corpo. O teu sorriso massaja-me (*Sic*) o peito num fogo cálido, ah, sacerdotisa!” (CHIZIANE, 2013, p. 18).

### 3.2 Maundlane<sup>16</sup>, o Criador

Mondlane (1920-1969) foi uma personalidade moçambicana que participou de movimentos políticos em Moçambique, como a FRELIMO (Frente de Libertação de Moçambique), lutando pela independência do país.

A FRELIMO surgiu nos anos sessenta e foi um

Movimento anticolonialista do país, para além das questões políticas, da unificação de grupos nacionalistas, e da liderança da lutas armadas [...] A FRELIMO também rompe com certos aspectos da cultura local que pareciam impedir o avanço da unidade no processo independentista [...] O objetivo da FRELIMO, primeiramente, era a liquidação da dominação colonial portuguesa e das marcas da opressão colonialista (CARMO, 2014, p. 14- 133).

A FRELIMO<sup>17</sup>, que era um movimento revolucionário e passou a ser um partido político (Frelimo)<sup>18</sup>, foi de grande importância para o país africano, Mondlane foi uma figura representativa desse movimento e não pode, portanto, deixar de ser visibilizado pelos documentos históricos e pela literatura moçambicana. Chiziane fala sobre a participação dela e a crença na Frelimo:

Eu acreditei, acreditei, e foi bom ter acreditado no projeto da Frelimo. O projeto verdadeiro da Frelimo era a libertação nacional e conseguiram. Então, vinte valores ou cem, governação é outro assunto (risos), tanto que, até hoje, se chama Frente de Libertação de Moçambique – não é Frente de Governação –, tanto que o projeto da Frelimo, como libertador, foi vencido, agora, o que veio depois são outras coisas (CHIZIANE *apud* RIBEIRO SANTOS, 2018, p. 9).

O líder da Frelimo, Eduardo Mondlane passou um tempo residindo nos Estados Unidos, onde cursou doutorado em Sociologia. Faleceu no dia 3 de fevereiro de 1969, por conta dos

---

<sup>16</sup> O conto de Chiziane faz referência a uma personalidade que de fato existiu em Moçambique. O nome dele: Mondlane, mas o personagem do conto da autora está escrito Maundlane. Não se sabe ao certo porque Chiziane apresenta grafia diferente, talvez por se tratar de uma diferenciação estética, estilística.

<sup>17</sup> Com letras maiúsculas, representa um movimento revolucionário.

<sup>18</sup> Com letras minúsculas, partido político.

seus posicionamentos e militância pela conquista da independência moçambicana. A data de sua morte ficou conhecida em Moçambique como o dia dos heróis.

Mondlane é, portanto, a personalidade histórica de Moçambique que inspirou Paulina Chiziane a escrever o conto **Maundlane, o Criador**. Esse conto não foi escrito de forma gratuita. Chiziane percebeu que, diante da história de luta de Mondlane, criando e presidindo a FRELIMO, precisava referenciar essa personalidade moçambicana. “A escolha das figuras históricas a serem heroizadas se dá à medida que se justificam para a representação da luta e da resistência ao domínio invasor” (CARMO, 2014, p. 14).

O personagem principal do conto sonha com a seguinte história: três irmãos partem em busca de um curandeiro para salvar a vida do pai doente, mas só o filho caçula consegue trazer este curandeiro, que se apresenta na forma de uma serpente. O menino, apesar do seu físico pequeno e magro, consegue, sem medo, levar a serpente até sua casa, demonstrando coragem e empenho. E assim, o pai é curado. No decorrer da história, percebemos que o filho caçula do sonho é o próprio menino do conto. Portanto, sonho e realidade se cruzam na narrativa.

O menino se torna órfão e é então, criado pela avó paterna. Na história, ele se torna herói, cresce absorvendo os saberes e experiências da avó e se transforma num grande homem livre, o rei da casa e da nação:

– Sou órfão de pai de mãe. Sozinho, desafiei o mundo. Descobri que, onde há seres humanos, há sempre uma família. Que o coração é maior que o infinito. Foi assim que muitas mãos me seguraram e me mostraram o caminho para a arca da vida (CHIZIANE, 2013, p. 66).

De acordo com Teixeira (2013, p. 315), **Maundlane, o Criador** é uma obra literária:

Contada nos moldes do Karingana Wa Karingana, a escrita de Maundlane, o criador, reúne a transferência de saberes entre avó e neto, os descaminhos no percurso de um órfão lançado em um mundo padrasto, sem pai, nem paz; o crescimento e a formação de um grande homem; a construção de uma nação livre do jugo colonial.

Nesse conto, o personagem menino é fundamental, representa o passado, o presente e o futuro. Além disso, as figuras do pai, da mãe e da avó configuram o alicerce desta criança, que se desenvolve desde a fase infantil, passando pela adolescência, até a etapa adulta.

Os dois contos, **Quem manda aqui?** e **Maundlane, o Criador**, dialogam entre si no sentido de retomar a memória e as histórias tradicionais de Moçambique. São tentativas de trazer à tona a identidade da nação. Por meio desses contos, Chiziane, utilizando-se da memória

e da ironia, sugere um olhar crítico-reflexivo sobre o modelo colonizador, a história moçambicana e o sujeito fragmentado, advindo de um país colonizado e relativamente recém-independente.

### 3.2.1 A herança dos mais velhos: Memória (re) contada em *Maundlane, o Criador*

Em **Maundlane, o Criador**, o menino se direciona à avó para tomar conhecimento da história do seu pai, da sua família. Ele sabe que só a avó terá propriedade para falar do assunto. Ela representa a voz dos mais velhos. Dessa forma, o diálogo entre a avó e o menino evidencia a sabedoria e as lições de vidas passadas, da geração mais velha à mais nova:

Desperta a avó e fez uma pergunta.  
 – O que foi? Tens pesadelos?  
 – O sonho, avó. Aquela história materializou-se.  
 – Conta os pormenores.  
 A canção de Gomucomu diz o mesmo: “Se queres tocar a mbila, deves primeiro sonhar com ela”. Aquilo era belo demais para ser um sonho [...]  
 – Acha que está doente lá no outro mundo?  
 – Claro que não. Ele está num lugar sem sofrimento.  
 – Ele está morto, não é assim?  
 – Não, não está. Só vive do outro lado. Apesar de ausente, continua a velar por ti. Mandou-te o sonho para testar a tua coragem e tu revelaste o teu valor, meu neto [...] (CHIZIANE, 2013, p. 47).

O lirismo em Chiziane chama a atenção e nos convida a refletir sobre os sinais que os sonhos podem nos dar para seguirmos na vida real. Os nossos antepassados podem dialogar conosco, através do onírico, a fim de nos ofertarem suporte e fortaleza, para enfrentarmos as adversidades. Eles nos ajudam a materializar os nossos desejos, para nos tornamos heróis na vida real. É o que acontece com o menino do conto.

Na narrativa em estudo, a avó carrega histórias de vida, do pai do menino. É, portanto, a memória viva, a arte de contar histórias. Sejam histórias de vida pessoais ou sociais, contadas por aqueles possuidores de saberes. O ato de contar histórias é uma forma de rememorar fatos, acontecimentos e se torna interessante devido às experiências individuais e sociais que os mais velhos carregam. Para Gotlib (1985, p. 5):

A estória sempre reuniu pessoas que contam e que ouvem: em sociedades primitivas, sacerdotes e seus discípulos, para transmissão dos mitos e ritos da tribo; nos nossos tempos, em volta da mesa, à hora das refeições, pessoas trazem notícias, trocam ideias e contam casos. Ou perto do fogão de lenha, ou simplesmente perto do fogo.



O contar e ouvir são ações sempre muito presentes entre o menino e a avó, no texto de Chiziane. Sempre que há dúvidas, questionamentos, ideias, busca de um conselho, o colo e o abraço da avó são o lugar de conforto, propício para a transmissão de conhecimento.

O menino carrega medos, conflitos, ainda pequeno, e, desde cedo, já sabe o que não quer: não deseja sofrer submetendo-se às ordens dos “poderosos” ou dos estrangeiros. Chivambo absorve as histórias da avó e tenta compreender os insultos, as humilhações que ocorrem na sua própria terra. Humilhações do branco para com o negro ou até mesmo do negro para com outro negro (os sipaios negros)<sup>19</sup>. Na sua fantasia ingênua, a saída para lidar com essas questões seria um remédio para não virar adulto, parar de crescer e não ter de viver esses momentos cruéis. Mas a sua avó sabe qual o melhor remédio para evitar que ele não seja vítima desses acontecimentos. E não era aquele para parar de crescer, mas aquele remédio cujas doses são carregadas de enfrentamento, luta e resistência. Esse “remédio” que Paulina Chiziane traz, propositalmente ou não, no seu texto, é para mostrar como a terra dos moçambicanos está doente, que há um povo doentio, mas é para mostrar também que pode haver formas de “cura”. Então, a avó diz: “[...] – Terás que lutar contra isso. – Lutarei, sim. Lutarei mesmo. Lutarei muito! – grita com convicção [...]”. (CHIZIANE, 2013, p. 53).

A avó do menino sabe que as lutas foram e são atos corriqueiros pelos quais os moçambicanos passaram para sobreviverem. E que o menino também precisa passar por isso. São as suas lutas e dos seus ancestrais. Experiências vividas com dor, as quais agora a avó narra para o neto. Sarlo (2017, p. 23) problematiza a respeito das experiências narradas, questionando:

Que relato de experiências tem condições de esquivar a contradição entre a *firmeza* do discurso e a *mobilidade* do vivido? [...]. A experiência se dissolve ou se conserva no relato? É possível relembrar uma experiência ou o que se relembra é apenas a lembrança previamente posta em discurso, e assim só há uma sucessão de relatos sem possibilidades de recuperar nada do que pretendem como objeto?

São questionamentos que podem ou não se confirmar nas histórias contadas pela avó do garoto. É possível que ela relembre histórias enquanto mulher jovem, bem como as vivências do seu filho, e agora repassa todas essas memórias para o neto, a fim de que ele aprenda com isso. Também podemos pensar, a partir do texto de Sarlo, a respeito do que seriam essas experiências guardadas, esses relatos vividos. E a avó expõe relatos experimentados pelos seus

---

<sup>19</sup> Soldado, policial. Na África do Norte, soldado ou oficial de um corpo de cavalaria e constituído por recrutamento de nativos. Pode significar também, pessoas assimiladas.

parentes, o que afloram a imaginação do menino. Na passagem seguinte, ela fala sobre como era o pai do neto:

– Avó, fala-me do meu pai. Como era ele?  
 – O teu pai? – Responde pela milionésima vez. – Grande filho ele foi. Grande marido. Grande pai ele foi e é, meu menino.  
 A avó fungava de lágrima disfarçadas pela noite, ao recordar o filho perdido. O menino tenta dormir de novo. Palavras soltas bailam na mente como uma chuva de pirilampos. No lugar de sono, a reflexão (CHIZIANE, 2013, p. 48).

As memórias afetiva e familiar personificam-se na própria figura da avó. E o menino parece compreender a força e a importância que tem a presença das mulheres para os povos de uma nação/comunidade, especialmente a avó. Na passagem seguinte, há uma reflexão sobre a importância de tais figuras femininas no seio da família:

[...] Escravizam as mulheres? É o fim. Quando os homens partem, elas ficam e a vida se ajusta. Como fez a minha mãe. E a minha avó. Porque a mãe é a pedra basilar e sem a qual a vida não existe. A avó é a guardiã sem a qual nenhum mistério se revela [...]. Do torpor daquele instante, uma figura antiga se ergue nos contornos da memória, por detrás da neblina como todos os seres do além. E recordava-lhe as sabedorias de todos os tempos (CHIZIANE, 2013, p. 62).

A mãe e a avó são a pedra basilar e a guardiã do lar, respectivamente, segundo o menino do conto. Sem essas figuras femininas, não haveria uma parte da história, do passado, do presente e da memória, sobre a qual Bosi (2012, p. 22) discute, afirmando que a memória dos mais velhos pode ser mais definida do que a de um jovem ou adulto: é uma memória mais consolidada, de modo que eles possuem toda uma referência que lhes dão propriedade para contarem e recontarem histórias, causos e fatos. Esses mais velhos conservam informações para repassarem aos seus filhos, netos, contextualizando e atualizando tais informações.

Quando falamos da avó de Chivambo, estamos nos referindo a uma herança. Pensemos que ela faz parte de uma sociedade que carrega essa herança oral tradicional. Hampaté Bâ (*apud* Ki-zerbo, 2010, p. 167) afirma:

Quando falamos de tradição em relação à história africana, referimo-nos à tradição oral, e nenhuma tentativa de penetrar a história e o espírito dos povos africanos terá validade a menos que se apoie nessa herança de conhecimentos de toda a espécie, pacientemente transmitidos de boca a ouvidos, de mestre a discípulos, ao longo dos séculos. Essa herança ainda não se perdeu e reside na memória da última geração de grandes depositadores, de quem se pode dizer são a memória viva da África.

Portanto, a tradição oral – que é a transmissão de saberes e fazeres culturais de um povo através da oralidade, passando de geração em geração – não se perdeu, sobretudo porque é na geração mais velha que a herança está depositada. Por isso, o respeito e a valorização das histórias contadas pelos mais velhos. A herança cultural assentada neles advém das experiências e aprendizados que adquiriram ao longo do tempo. Na África, sobretudo em Moçambique, essa herança se faz presente, ainda hoje, em algumas comunidades. Nesse contexto, surge um importante símbolo da tradição oral africana: o *griot*. Eles, nas sociedades africanas,

Teriam assumido uma posição de destaque, pois lhes cabiam a função de transmitir a tradição histórica: eram os cronistas, genealogistas, arautos, aqueles que dominavam a palavra, sendo, por vezes, excelentes poetas; mais tarde passaram também a ser músicos e a percorrer grandes distâncias, visitando povoações onde tocavam e falavam do passado. Muitas vezes eram confundidos com o “feiticeiro”, pois podiam exercer a função de “adivinho”, algo diferente (LIMA; COSTA, 2015, p. 223).

Portanto, a posição que ocupa um *griot* é de supremacia, pois a ele cabe a função importante de repassar culturas e histórias. Para Lílian Pacheco (2015, p. 61- 62): “O griô<sup>20</sup> aprende e ensina todos saberes e fazeres da tradição que representam nações, famílias e grupos de um universo cultural fundado na oralidade, onde o livro não tem papel social prioritário”. O respeito à figura do *griot* é evidente na obra **Raizes Negras** (1976), de Alex Haley. Um livro fruto de um trabalho de pesquisa em que Haley reconstituiu a história que ele ouvia da sua avó. Era a história de Kunta Kinte, um antepassado africano que foi levado para a América e escravizado. Apesar das duras crueldades a que foi submetido, Kunta Kinte não desistiu de lutar pela sua identidade própria e cultural. Por meio da avó e dos *griots*, o autor Alex Haley pôde recontar a história e agradecer aos *griots*:

Quero agradecer e reconhecer minha imensa dívida para com os griots da África. Dizem, com toda razão, que, quando um griot morre, é como se toda uma biblioteca tivesse sido arrasada pelo fogo. Os griots simbolizam como toda a genealogia humana remonta a algum lugar e algum tempo em que não havia escrita, quando somente as memórias e as bocas dos anciãos transmitiam para a posteridade as primeiras histórias da humanidade, para que, hoje, todos nós saibamos quem somos (HALEY, 1976, p. 13).

---

<sup>20</sup> [...] a iniciativa de abrigar a palavra *griô* da palavra *griot* é uma orientação espiritual que busca um novo lugar social, político e econômico para os velhos representantes dos saberes e fazeres das culturas tradicionais de transmissão oral. A palavra *griot* tem origem e se inspira nos músicos, genealogistas, poetas e comunicadores sociais, mediadores da transmissão oral, bibliotecas vivas das histórias, lutas e glórias do seu povo no noroeste da África.

O sentimento de gratidão pelos *griots* é verdadeiro, pois sem eles a transmissão de conhecimento não é possível. Mais adiante, durante a narração de **Raizes Negras**, o *griot* é, mais uma vez, citado:

Quando apareciam os griots, os contadores de história, todos ficavam em silêncio e sentavam-se junto ao baobá<sup>21</sup> para ouvir as histórias de reis antigos e clãs poderosos, de guerreiros, grandes batalhas, as lendas do passado distante (HALEY, 1976, p. 13)

O silêncio é um elemento importante para escutar as histórias dos gritos. É como um ritual e uma forma de reverenciar essa figura que representa o guardião da sabedoria.

No Brasil, existe um evento organizado pela professora Tânia Maria de Araújo Lima, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), especificamente sobre os *griots*, tamanha a importância destes. Tal evento, além de reforçar a existência dos *griots*, responsáveis pelo conhecimento oral, fortalece a relação Brasil-África. Ainda hoje, é possível encontrar a figura do *griot*. E essa existência transforma-se também em resistência, uma vez que eles não deixam o legado cultural e o conhecimento desaparecerem.

### 3.2.2 Os narradores

Os contos de Paulina Chiziane em **As andorinhas** englobam a paródia da tradição oral e mitos africanos, mas apresentam também elementos básicos de uma narração que provém do Ocidente: personagens, acontecimentos, enredo, espaço, tempo e, obviamente, o narrador (ou narradores). Este, conta fatos e, portanto, possui certo domínio e conhecimento da história. Em Chiziane, esse narrador é um observador atento, acompanha e sabe como contar a história, não deixando de transmitir informações importantes para o leitor. Ele parece conhecer, de perto, a vida, as histórias e os desejos dos personagens, acompanhando-os continuamente. A figura do narrador parece estar cada vez mais próxima daquele em quem ele se debruça a contar os fatos, vivenciando os passos de rebeldia, de enfrentamento, os conflitos e as conquistas de cada um. Portanto, esse narrador parece saber de todo o ocorrido e das situações pelas quais os personagens passam.

Os contos de **As andorinhas** possuem narradores que mostram conhecer a importância das figuras heroicas e guerreiras de Moçambique representadas nos contos de Chiziane. São narradores que compreendem o sentimento de liberdade e o desejo de luta dos personagens

---

<sup>21</sup> Árvore de origem africana, (Madagascar, das savanas da África, da Índia e da Austrália), possuindo troncos largos e muitos metros de altura.

contra a dominação colonial em Moçambique. São narradores que têm consciência dos processos exploratórios moçambicanos, estando assim envolvidos na teia da história. Não apenas narram os fatos de modo alheio, distante, mas estão dispostos a adentrar, profundamente, no universo dos personagens, no contexto das histórias e rememorar, juntamente com estes, o passado moçambicano. Portanto, os narradores dos textos de Chiziane contribuem para o não apagamento da memória, da história de Moçambique e dos povos moçambicanos.

São esses narradores da literatura moçambicana contemporânea que os escritores apresentam: narradores preocupados em narrar o acontecido, de modo que a história não se perca, não seja destruída, mas sim revisitada, recontada. Colaboram também para a consolidação da literatura pós-colonial no país em questão. Narram aquilo que veem com o olhar de dentro, daqueles que conhecem o lugar, com uma linguagem simples, utilizando expressões e tradições próprias da região moçambicana. Eles não têm a intenção de "roubar" a cena dos protagonistas: tomam cuidado para não deixar de evidenciar essas figuras tão importantes na história da nação.

No início do primeiro conto, o narrador relata o jeito como se comporta o personagem imperador. Conhece os costumes, hábitos, anseios, gestos e atitudes dessa figura:

Depois do pasto da xima<sup>22</sup> branca, branquíssima, silada<sup>23</sup> no agluidar, acompanhado de nhewe<sup>24</sup> cozido, leite coalhado e carne grelhada, sente muito calor, o imperador! Não era da comida não. O calor vinha do sol e das banhas daquele corpo de elefante. O imperador era requintado no prato. Ao pequeno almoço tomava leite ou leite fresquinho que saía quentinho da vaca. Gostava de carne grelhada, mal passada, e pão seco. Tomava seu copo de aguardente, mas pouco. A natureza faz por vezes isto: tamanho grande, feito de alguma comida. Era de boa raça, o imperador! (CHIZIANE, 2013, p. 9).

No trecho acima, o narrador transpõe seu conhecimento a respeito do imperador para o leitor, a fim de apresentar-lhe o personagem, fazendo com que haja uma familiarização por parte do leitor para com o protagonista. Com ajuda desse narrador, percebemos como o imperador é imponente e audacioso:

[...] Pois os olhos no horizonte criador. Descobre que são seus os espaços terrestres e o infinito celeste. Que são suas as estrelas que à noite brilham e as árvores que transportam a brisa do entardecer. Contempla a sua obra e suspira de orgulho (CHIZIANE, 2013, p. 9).

---

<sup>22</sup> Purê de milho branco ou amarelo.

<sup>23</sup> Moída no alguidar de barro.

<sup>24</sup> Folhas de vegetal comestíveis.

O narrador sugere que há, por parte do imperador, um sentimento de posse, de pertencimento, e então cede espaço para a voz do personagem, a fim de que ele mesmo explique melhor esse sentimento:

– Fui eu quem transformou tudo isso em vida. Coloquei luz nos olhos dessa gentalha. Quando aqui cheguei, a terra era selvagem e era macho. Domestiquei-a. Torneia-a fêmea, é toda minha, faço o que quero. Dá-me bons frutos, cereais, gado. Dá-me sol e chuva. Nesta terra fêmea, os homens me servem de joelhos, porque já não são homens. Sou o único macho na superfície da terra (CHIZIANE, 2013, p. 9).

O imperador se diz criador de tudo, da região que vive, do pedaço de terra conhecida como Império de Gaza<sup>25</sup>, região também invadida pelos colonizadores portugueses. Ou seja, as terras em que vivia o imperador já possuíam “dono”.

Por meio dos narradores, percebemos que os contos são como histórias antigas, passadas de geração em geração, que podem ser compreendidas como as fábulas das narrativas do “Era uma vez”, aquelas que geralmente trazem uma lição de moral. Porém, aqui, não são as fábulas ocidentais que prevalecem, mas aquelas em cujas narrativas protagonizam os sujeitos moçambicanos, que pertencem a seu país e possuem histórias próprias. Essa é a intenção transmitida pelos narradores. É como se tentassem demonstrar que agora sim é possível narrar as histórias de Moçambique, de Ngungunhana (O imperador de Gaza), Eduardo Mondlane (primeiro presidente da FRELIMO), sob o olhar dos próprios moçambicanos. Ou seja, *Era uma vez* a nossa própria história sob nosso ponto de vista. O *Era uma vez* marca as histórias em que o narrador prepara o leitor para adentrar o “mundo da ficção”, mas que se mistura com a realidade. Portanto, no segundo conto, antes de iniciar a contação da história propriamente dita, o narrador deixa o leitor mergulhar na história da serpente:

Era uma vez...

Um homem muito doente. Depois de experimentar todas as formas de cura, se desesperou. Então pediu ajuda aos filhos para procurar o curandeiro de todos os milagres. O filho guerreiro, movido pela experiência dos grandes combates, partiu em busca do curandeiro. Venceu planícies, pântanos, montanhas e entrou na floresta. Chegado ao local indicado, pronunciou palavras mágicas. O curandeiro apareceu sob a forma de uma serpente medonha. O guerreiro, aterrorizado, esqueceu a missão e fugiu. Chegou a vez do segundo filho. Este tentou a sorte, mas aconteceu o mesmo [...]. O terceiro também pediu para experimentar [...]. Partiu. Com muita dificuldade, chegou ao coração da floresta. Pronunciou encantamento como o pai dissera. O monstro medonho fez a sua aparição. Contrariamente ao que se esperava, o menino não fugiu e quem se espanta é o monstro [...] (CHIZIANE, 2013, p. 45- 46).

<sup>25</sup> O Império de Gaza abrangia a área costeira, entre os rios Zambeze e Maputo. A capital do Império era Manjacaze (Vila ao Sul de Moçambique)

O encontro do menino com o monstro medonho é o mote para o narrador iniciar sua participação no enredo. Então, ele diz: “Um menino dorme na esteira e sonha com a história dos três irmãos. Desperta de madrugada, com muita surpresa. O herói da história era ele. Sorri” (CHIZIANE, 2013, p. 46). Aqui, o narrador passa a acompanhar o menino, presenciando suas inquietações, questionamentos, seus diálogos com outras figuras que aparecem no texto. A forma como o narrador conduz a trama nos sensibiliza, porque é carregada de sentimentalismo, contada por meio de metáforas coloridas. Ele parece comovido e pode também comover o leitor:

O menino passa a mão pelos olhos. Surpreende-se. Estão úmidos. Transportou as lágrimas do sonho para a realidade. Suspira [...]. A avó fungava de lágrimas disfarçadas pela noite, ao recordar o filho perdido. O menino tenta dormir de novo. Palavras soltas bailam na mente como uma chuva de pirilampos. No lugar do sono, a reflexão (CHIZIANE, 2013, p. 47- 48).

O narrador nos transmite o sentimento de emoção, tanto do menino quanto da avó. Ambos se sentem tocados ao falar de uma figura masculina: o pai do menino.

Os narradores são perspicazes, soberanos, não ingênuos, conhecem o passado e o presente moçambicanos. Buscam reconstruir, recontar e questionar a história de Moçambique, que, durante o processo colonial, foi esquecida, abandonada. Eles atualizam o passado no presente, trazem novamente as histórias que precisam ser conhecidas também pelas gerações mais novas do país moçambicano, mostram-se preocupados com isso e sabem contar uma história. Segundo Gotlib (1985, p. 5):

[...] o *contar* não é simplesmente um *relatar* acontecimentos ou ações. Pois *relatar* implica que o *acontecimento seja trazido outra vez*, isto é: *re* (outra vez) mais *latum* (trazido) [...]. Por vezes é trazido outra vez por alguém que foi testemunha ou teve notícia do acontecido.

Este narrador se assemelha, talvez, ao *autor onisciente intruso* de que fala Leite (1997, p. 26):

Esse tipo de NARRADOR tem a liberdade de narrar à vontade, de colocar-se acima, ou, como quer J. Pouillon, por trás, adotando um PONTO DE VISTA divino, como diria Sartre, para além dos limites de tempo e espaço. Pode também narrar da periferia dos acontecimentos, ou do centro deles, ou ainda limitar-se e narrar como se estivesse de fora, ou de frente, podendo, ainda, mudar e adotar sucessivamente várias posições. Como canais de informação, predominam suas próprias palavras, pensamentos e percepções. Seu traço característico é a intrusão, ou seja, seus comentários sobre a vida, os costumes,

os caracteres, a moral, que podem ou não estar entrosados com a história narrada.

Nota-se que os narradores dos contos de Chiziane, assemelham-se ao *autor onisciente intruso* transcrito acima.

A narração das **Andorinhas** é híbrida, mesclando história e ficção. O narrador consegue, também, transmitir o efeito de verdade da história. É peça fundamental da narrativa, que nos leva a adentrarmos a história e a nos envolvermos com ela, porque nos é contada pelas lentes simbólicas e ricas de enunciados da ficção.

#### 4 MEMÓRIA NA LITERATURA PÓS-COLONIAL DE PAULINA CHIZIANE

A literatura de Paulina Chiziane se traduz na condição pós-colonial. Ou seja, a condição de se comprometer com a história e também com a ficção, revisitando o passado e trazendo-o para o presente, a fim de que seja reavaliado pelas narrativas dos moçambicanos, as quais passaram pelo processo colonial. É a condição descolonial de rever criticamente os erros do passado, uma condição de reafirmação de identidades e culturas.

Teóricos como Thomas Bonnici (2005), Inocência Mata (2014), Mafalda Leite (2003) e Isaias Carvalho (2009) contribuem para as discussões a respeito do Pós-colonialismo, tratam do surgimento deste termo, de conceitos que o envolvem e também da literatura denominada de pós-colonial, produzida sobretudo na África. Thomas Bonnici (2005, p. 223) acredita que:

A teoria e a crítica pós-colonialista, constituindo uma nova estética pela qual os textos são interpretados “politicamente”, baseiam-se na íntima relação entre o discurso e o poder [...]. O discurso está inerente a todas as práticas e instituições culturais e necessita da agência dos indivíduos para poder ser efetivo.

Acredita-se, pois, que os escritores são esses indivíduos. São também sujeitos históricos sociais. Dessa forma, Bonnici (2005, p. 224- 232) afirma ainda que:

[...] a história e a história das ideias são intimamente ligadas à leitura e à produção de textos literários. Esses textos, por sua vez, são a expressão de práticas discursivas determinadas historicamente e materialmente. Esses discursos são produzidos dentro de um contexto de luta pelo poder. [...]. A emergência e o desenvolvimento de literaturas pós-coloniais dependem de dois fatores importantes: (1) a progressão gradual da conscientização nacional e (2) a convicção de serem diferentes da literatura do centro imperial.



Sobre discurso e poder, Foucault (2007, p. 8) discute que:

[...] O que faz com que o poder se mantenha e que seja aceito é simplesmente que ele não pesa só como uma força que diz não, mas que de fato ele permeia, produz coisas, induz ao prazer, forma saber, produz discurso. Deve-se considerá-lo como uma rede produtiva que atravessa todo o corpo social muito mais do que uma instância negativa que tem por função reprimir.

Portanto, o discurso pós-colonial é uma forma de poder e saber. É um dos conceitos mais interessantes sobre literatura pós-colonial, segundo o escritor e historiador Viegas Fernandes da Costa (2015, s/p.), é o conceito de Anthony Appiah, escritor africano, que estabelece, no livro **Na casa de meu pai** (1997), uma periodização da literatura pós-colonial que, como o próprio termo também já indica, é aquela produzida após o processo de colonização, pós-independência dos países africanos. Apesar de que o termo “pós” não significa somente “aquilo que vem depois”, mas também “fazer a análise de algo”. De acordo com Appiah, essa literatura, no primeiro momento, dá-se pelo caráter nacionalista, uma vez que as culturas africanas foram “destruídas” e, por isso, na independência, há uma necessidade de um discurso de (re)construção identitária. Seria, portanto, um projeto literário. Appiah (1997, p. 216), sobre o pós-colonialismo, afirma ainda que:

[...] seu *pós*, como de pós-modernismo, é também um *pós* que contesta as narrativas legitimadoras anteriores. E as contesta em nome das vítimas sofredoras de “mais de trinta repúblicas”. Mas contesta-as em nome do universal ético, em nome do *humanismo*, “*la gloire pour l' homme*”. E, baseado nisso, ele não é um aliado do pós-modernismo ocidental, mas um adversário: com o que acredito que o pós-modernismo possa ter algo a aprender.

Com a contribuição de Appiah, podemos dizer então que a narrativa pós-colonial de Chiziane é contestadora, pois critica os discursos legitimados, propondo novas formas de pensar as narrativas anteriores e as de hoje, as do *pós*. É isso em prol do social, do humanismo.

Viegas Fernandes (2015, s/p.) discute ainda que, nas décadas de 80 e 90, essa literatura passa a apresentar uma nova estética e uma nova preocupação: torna-se uma literatura que debate o próprio processo de identidade, discutindo e problematizando a nação que se quer construir, mostrando a pluralidade cultural desta. É a construção de uma narrativa que desencadeia a formação de nação, e assim conhecemos a produção literária pós-colonial.

Carvalho (2009, p. 4) discute a respeito das vozes pós-coloniais que protagonizam ou narram a história; nisso, cabe também a voz enunciada por Chiziane:

A própria experiência ou a de alguém despossuído do direito a fala. O narrador pós-colonial trabalha com o sujeito coletivo e relacional, substituindo o “eu” pelos infinitos “nós”, do cordão umbilical da história de uma nação ou de um povo.

Dessa forma, a narrativa de Chiziane reflete no outro, no coletivo. Não é apenas uma narrativa de si para si, mas para tantos “eus” sociais. Isso também é o que se configura uma narrativa pós-colonial. Carvalho (2016, p. 270) discute ainda que:

Alguns estudiosos grafam “pós-colonial” com traço para consignar o período depois do colonial e a expressão pós colonialismo, sem hífen, indicaria a causalidade com o colonialismo, ou seja, a relação de oposição estabelecida entre este e aquele, sugerindo uma aversão ao regime colonial, mais conhecido como anti-colonialismo.

Discussões à parte a respeito dos termos “pós-colonial”, “póscolonialismo” e “anti-colonialismo”, o que se pode inferir da produção literária apresentada por Chiziane é que essa produção advém do processo posterior à colonização moçambicana e, ao mesmo tempo, reporta-se para o passado colonial em busca de repensá-lo, desconstruí-lo, ironizando as ideias pré-estabelecidas sobre a história do país. A autora parece direcionar-se para a literatura de subversão, apresentando as estratégias de posição nacionalista, questionando a visão europeia e eurocêntrica. Ela utiliza a língua materna, advinda do colonizador, mas procura evidenciar a cultura e marcas da oralidade regionais de Moçambique.

Algumas críticas em torno de Chiziane dizem respeito ao fato de ela se considerar uma contadora de histórias e não uma romancista, mas escrever no formato ocidental, inclusive com a língua do colonizador. O fato é que Chiziane faz isso com ironia, para se impor e mostrar que pode existir uma literatura moçambicana diferente, que desconstrói o modelo de narrar ocidental, embora não negue este modelo, porque sabe que Portugal também é parte da história de Moçambique. Sobre a crítica do pós-colonialismo, Mata (2014, p. 31) afirma:

[...] julgo que os destinadores das teorias pós-coloniais pretendem que elas funcionem, também, como instrumento de análise de relações de hegemonia e desvelamento da colonialidade do saber segundo uma estratégia de resistência a sistemas de conformação da tendência hierarquizante da diferença, como seja, por exemplo, o eurocentrismo.

Paulina Chiziane apresenta uma produção literária que podemos chamar de resistência da diferença, como afirma Mata. É uma literatura que, baseando-se nos pressupostos de Mata,

busca problematizar a hegemonia, o eurocentrismo. Essa ideia dialoga com o que Santos e Mendes (2016, p. 54) discutem sobre autoria feminina pós-colonial:

A literatura pós-colonial de autoria feminina tem também um discurso político, pois está situada em um contexto de engajamento a uma ordem social que reivindica valores feministas de emancipação e participação ativa da mulher na sociedade, além de projetar uma transformação da realidade de opressão pelas suas personagens, por meio da conscientização e da conduta revolucionária.

Chiziane se encaixa nessa autoria feminina pós-colonial, uma vez que, a partir do que explana Santos e Mendes, ela tem engajamento social, político, conseguindo transformar a realidade. Dentro dessa mesma linha de engajamento político, outros autores também se encaixam nesse contexto e, sobretudo, num contexto da escrita pós-colonial. É o caso de Chinua Achebe, escritor nigeriano que publicou a obra **Um Homem Popular** (1988); Wole Soyinka, também nigeriano, autor de **A morte e o cavaleiro do rei** (1975); Amadou Kourouma, da Costa do Marfim, com a obra **Les Soleils des Indépendences** (1964); o escritor de Mali, Yambo Ouologuem, que produziu **Le Devoir de Violence** (1967); os autores de Literatura Africana de Língua Portuguesa: Germano Almenida, tendo escrito a obra **O testamento do Sr. Napomuceno** (2004), e Manuel Lopes, com **Os flagelados do vento leste** (1987), ambos autores do Cabo Verde. De São Tomé e Príncipe, surge Aíto Bonfim, autor de **A Berlinização ou Partilha de África** (1985); Os angolanos José Eduardo Agualusa, escritor da obra **O vendedor de passados** (2004); Luandino Vieira, com **Luaanda** (1975); Pepetela, escritor de **Yaka** (1998), e Ondjaki, autor de **Bom dia camaradas** (2001). Percebe-se que poucas são as escritoras femininas. Temos alguns nomes, como a Caboverdiana Dina Salústio, autora de **A louca de Serrano** (1998); Chimamanda Ngozi Adichie, escritora da Nigéria que escreveu **Para Educar Crianças Feministas – Um Manifesto** (2017); e as moçambicanas Noémia de Souza, que publicou **Sangue Negro** (2001), Lina Magaia, autora de **Dumba nengue: histórias trágicas do banditismo** (1990) e Lília Momplé, com **Os olhos da cobra verde** (1997). Podemos considerar que são escritores e escritoras pós-coloniais. Esse prefixo, “pós”, para alguns estudiosos, já é algo ultrapassado: acreditam que remete ao colonialismo, que é um fato passado. Por sua vez, Ana Mafalda Leite (LEITE *apud* PADILHA, 2005, p. 288) ressalta que:

Os textos pós-coloniais estão no outro lado da margem do rio, em território alheio, apesar de uma ponte imaginária, que é a língua, nos unir, a ponte é a metáfora infinita, nunca mais acaba, quanto mais andamos, mais longe estamos, porque a ponte é ilusória e não é possível caminhar sobre a água, que nos escapa sempre, muito ou pouco, tal como a outra margem.

Portanto, apesar de o termo “Pós-colonial” não se referir apenas ao texto literário, mas também a questões políticas e econômicas dos países que ganharam independência, nos preocupamos com a literatura de Paulina Chiziane, que, em *As andorinhas*, não foge ao que discutimos sobre a teoria da literatura pós-colonial. A produção de Chiziane corresponde a um instrumento de poder, de análise histórica dos países coloniais e de autoria feminina como discurso político. Enfim, é a produção pós-colonial ou produções que, como afirma Mafalda Leite (LEITE *apud* PADILHA, 2005, p. 288), “estão no outro lado da margem do rio” e representam força e resistência.

Laranjeira (1995, p. 26) afirma que a literatura colonial,

Em África, significa a literatura escrita e publicada, na maioria esmagadora, por portugueses [...] numa perspectiva de exotismo, evasionismo, preconceito racial e reiteração colonial e colonialista, em que a visão de mundo, o foco narrativo e as personagens principais eram de brancos, colonos ou viajantes, e, quando integravam os negros, eram estes avaliados superficialmente, de modo exógeno, folclórico, sem profundidade cultural, psicológica, sentimental e intelectual.

Nota-se, pois, que os negros, quando apareciam nas narrativas coloniais, eram apresentados de modo superficial, folclórico, sem cultura e sem intelectualidade. O texto pós-colonial presente em Chiziane vem na direção contrária, já que traz os negros como protagonistas, sendo que eles mesmos narram suas histórias, evidenciando suas culturas e tradições.

Dentro dessa discussão pós-colonial, notamos que a narrativa de Chiziane sublinha raízes e histórias do povo moçambicano, histórias que há um tempo foram esquecidas, ignoradas. Desse modo, a memória de Moçambique se faz presente no texto de Chiziane de forma necessária e vital.

#### **4.1 O uso da memória em *Quem manda aqui?* e *Maundlane, o Criador***

A memória é um dos mecanismos comunicativos muito utilizados nos textos literários. O escritor pode fazer uso desse recurso para produzir uma biografia, autobiografia, abordar aspectos da infância, família e diversos outros temas. Exemplos de variadas obras literárias em que a memória está presente são: **Rio negro 50** (2015), uma obra brasileira de Nei Lopes, que narra uma história no início dos anos 50, mostrando o racismo e o preconceito da época, preconceito que perdura ainda hoje; de certa forma, é um livro que reflete a memória dos

descendentes africanos escravizados no Brasil. **Quarto de despejo** (1960), de Carolina Maria de Jesus; um livro em forma de diário, que retrata a realidade da favela, da mulher negra pobre, da população que vive à margem da sociedade. **Ponciá Vicêncio** (2003), romance de Conceição Evaristo, em que a memória dos ancestrais, dos africanos escravizados está presente de modo muito forte e é narrada pela personagem principal, Ponciá; a obra traz questões simbólicas referentes ao pós-colonialismo, pós-escravidão, como o processo de afirmação dos negros.

Na literatura africana, a memória pode estar presente em obras como **Nós matamos o cão tihoso** (1960), de Luís Bernardo Honwana, que traz a morte de um cão como metáfora da força, violência/agressão social; o enredo reflete o anticolonialismo, o passado histórico de Moçambique, as relações de colonizador e colonizado, do branco que domina o outro, subordinado. Há também o conto **As mãos dos pretos** (1960), da mesma obra do autor moçambicano, que discute, de forma sensível, o racismo, refletindo sobre a “palma das mãos” dos negros. O romance **Sonhos em tempo de guerra** (2015), do queniano Ngũgĩ wa Thiong'o, trata de conflitos e dificuldades de vida durante as lutas pela independência do Quênia. A obra supracitada de Noémia de Souza, **Sangue Negro** (2001), também traz a memória das mulheres africanas quando os poemas da obra falam da resistência e superação dessas mulheres no continente africano/Moçambicano. Lilia Momplé, em **Ninguém matou Suhura** (1988), livro de contos, discorre sobre o contexto das mulheres no ambiente da educação, fala do acesso à escola, abarcando questões de gênero na sociedade moçambicana. Em **A mulher de pés descalços** (2017), a autora, Scholastique Mukasonga, traz a memória da sua mãe, Stefania, que, durante a guerra civil de Ruanda, foi assassinada; são lembranças de uma mulher que luta para salvar sua vida e a de seus filhos. E Chimamanda Ngozi Adichie, na obra **No Seu Pescoço** (2009), trata de questões como desigualdade racial, imigração, conflitos de ordem familiar e religiosa. Em todas essas obras, podemos perceber que, de alguma forma, as memórias coletiva, individual ou afetiva estão presentes. Le Goff (2003, p. 469) discute essa memória quando afirma que:

A memória é um elemento essencial do que se costuma chamar identidade, individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje, na febre e na angústia. Mas a memória coletiva é não somente uma conquista, é também um instrumento e um objeto de poder. São as sociedades cuja memória social é sobretudo oral ou que estão em vias de constituir uma memória coletiva escrita que melhor permitem compreender esta luta pela dominação da recordação e da tradição, esta manifestação da memória.

Na literatura de Chiziane, também há espaço para a memória individual e coletiva. É por meio dela que a autora narra histórias do passado moçambicano, refletindo o hoje. A escritora entende que uma nação recém-independente tem muitas histórias guardadas, que precisam ser contadas, seja através da oralidade, seja através das palavras escritas e da literatura.

Os contos de Chiziane abrigam o recurso da memória, nos ajudando a adentrar nesse campo de estudo muito amplo, e talvez complexo, que ocupa uma discussão teórica a respeito de conceitos e outros aspectos, além da sua relação com o indivíduo, bem como com a sociedade.

A professora e escritora Zilá Bernd publica, no ano de 2018, o livro intitulado **A persistência da memória: romances da anterioridade e seus modos de transmissão intergeracional** (2018), título que faz referência ao famoso quadro **A persistência da memória** (1931), do pintor surrealista Salvador Dalí. A obra de Dalí traz imagens de relógios derretidos, numa paisagem que nos dá a dimensão de horizonte, de infinito. Esses relógios derretidos e distorcidos sugerem marcas do tempo que passam de forma diferente, não linear, em um tempo distorcido. Um tempo que influencia na memória, por isso o título: **A persistência da memória**. Zilá toma de empréstimo esse título para discutir, na literatura contemporânea, a transmissão e a herança da memória. Notamos que a literatura de Chiziane traz a persistência da memória. A autora não desiste de demarcar seu espaço no cenário literário, adentrando num local que se quer democrático e persistindo na ideia memorialística de falar do seu povo.

Chiziane, com a escrita de memória, ressignifica um tempo, “um relógio distorcido”, a fim de trazer uma representatividade, realçando a memória do país, apesar das tentativas de apagamento por parte do colonizador. Paulina Chiziane extrai da memória os resíduos significativos que ficaram da História do seu país. Por isso, os dois contos de **As andorinhas** representam as memórias que foram apanhadas, agarradas com força, para representarem os heróis moçambicanos. A escritora utiliza-se de estratégias literárias para falar dos “seus” e que consiste em trazer o recurso mnemônico para os dois contos trabalhados numa perspectiva crítica, irônica e lírica.

O primeiro conto, **Quem manda aqui?**, já nos chama a atenção para o título. Com ele, pensemos no que representa e em qual a problematização dessas três palavras, juntamente com a interrogação ao final. A expressão “Quem” remete a ideia de qual pessoa se está falando. A palavra “manda” possui um significado referente a poder, à autoridade que detém o poder, que ordena. E o advérbio “aqui” se refere ao lugar, espaço, um território. Com a interrogação, busca-se, então, saber quem comanda aquele lugar. O Império de Gaza é o lugar de que estamos falando. Lá, encontramos o imperador Ngungunhana ou Gungunhana, que procura demonstrar a

capacidade que possui de liderança e de dominação da sua região. Portanto, parece que a resposta para o título, “Quem manda aqui?”, é ele, Ngungunhana. Mas, ao mesmo tempo, os portugueses procuram comandar aquele espaço, e assim se constrói um embate histórico, político, que se traduz em memória.

O imperador busca demonstrar sua capacidade de liderança e dominação tanto do espaço quanto dos homens que trabalham para ele; por isso, quando uma andorinha o incomoda, defecando-lhe o olho, ele convoca todos os seus guerreiros e esbraveja:

- Nguyuzá? Lumbulule? Marivate? Khumalo? Sithole? [...]
- Às ordens, Alteza.
- Quem manda debaixo do sol?
- Deus – respondem de novo em uníssono.
- Deus? – a raiva do imperador cresce.
- Sim.
- Quem é Deus aqui? [...]
- O nosso imperador é Deus. É o Mambo dos Mambos, o Nkulunkulu! (CHIZIANE, 2013, p. 10).

Polemicamente, o poder de Deus é questionado pelo imperador, pois, para ele, na terra, debaixo do sol, a sua voz é a que prevalece. Mas ali, no seu Império, ele se torna o Deus daquele local, a quem todos se voltam e se curvam. Na aldeia onde vive o imperador e seus guerreiros, o silêncio comunica a calma do ambiente, é o desejo de paz, sem invasão, nem guerras: “– A aldeia inteira está em silêncio – responde Lumbulule. – Nem uma mulher a pilar. Nem uma criança a chorar. O silêncio é total.” (CHIZIANE, 2013, p. 11). Mas silêncio não é o mesmo que silenciar, e os sons que vêm das andorinhas anunciam gritos de liberdade. Chiziane traduz isso em poesia:

- E aquele pássaro?
- O pássaro? – pergunta Khumalo.
- [...] Elas balançam, elas bailam. Trazem nos bicos pios alegres que chovem aos ouvidos como a frescura da brisa [...] – Foram enviados pelos espíritos para cantar louvores à sua majestade, embalar o seu repouso, Hosi! – acrescenta Lumbulule.
- São vozes divinas pronunciando a paz – diz o filósofo Sithole (CHIZIANE, 2013, p. 11).

As andorinhas voando significam, aos olhos dos homens, a esperança de uma terra abençoada, sagrada e protegida. Elas trazem alegrias e calmarias. Essa é a linguagem dos pássaros. Mas o imperador, com voz imperativa, diz: “Estúpidos – grita o imperador – silenciem todas as andorinhas. Apanhem-nas. Tragam-nas aqui ao castigo, para que todas as aves do mundo saibam quem manda aqui!” (CHIZIANE, 2013, p. 11). Nesta passagem, notamos o

poder de decisão e de comando do imperador e a presença marcante dessa figura no país moçambicano. Chiziane destaca a importância da existência do imperador para manter uma “ordem” numa nação desestruturada, “desorganizada”. Mas “estará no imperador no uso da razão?” (CHIZIANE, 2013, p. 12). Seria a atitude correta querer castigar as andorinhas? São questionamentos que inquietam o narrador e o leitor do conto, uma vez que as andorinhas representam a liberdade, a paz, trazendo, inclusive para o Império de Gaza, a serenidade; então para que prendê-las, castigá-las? Seria uma contradição tentar apanhá-las, pois todas elas têm voos inalcançáveis.

As andorinhas chegam para sinalizar algo. Elas são estratégicas em seus voos e na transmissão das mensagens. Esses pássaros, quando chegam, também contribuem para a memória afetiva dos indivíduos: lembranças e imagens do passado se projetam no presente. Talvez esse homem imponente, o imperador, não esteja raciocinando muito bem, por estar tomado pelo ódio, mas também pela impotência em não alcançar os seres alados:

Terá fumado daquelas ervas que crescem livres no campo? A mente do imperador balança como vento no apagar das velas. Hoje, a loucura e a lucidez bailam no mesmo compasso. A demência sutilmente marca a sua presença. Por vezes, a grandeza humana se escreve com letras de impotência (CHIZIANE, 2013, p. 12).

Loucura, lucidez e demência pairam o inconsciente do imperador. Ele está coberto por um delírio que o faz demonstrar ainda mais a sua presença intimidadora naquele espaço. A insanidade de querer prender as andorinhas apenas pelo fato de uma delas ter defecado no seu olho parece ser uma vontade inconsequente, de vingança, mas também consequência de uma repressão que já existia anteriormente. Paulina Chiziane não descreve esse ato de defecar de forma gratuita. Isso representa um sinal, um presságio das andorinhas para que o imperador esteja alerta e se prepare para o que virá. Por isso, foi necessário borrar o olho com “caganita”, para que a possibilidade de enxergar melhor pudesse vir. Mas o imperador é persistente e insiste em querer um destino trágico para as andorinhas:

– Sim, Alteza. Só preciso de algum tempo para organizar uma expedição forte para dar lição a esses insubmissos.  
 – Assim se fala, General, assim é que gosto [...]  
 – A estratégia será infalível, Alteza – assegurou Nguyuzza  
 – A vitória será retumbante. Traremos esses passarinhos ao magno julgamento, juramos. Serão castigadas e aprenderão, na dor, quem manda nos raios do sol e na direção dos ventos. Todas as andorinhas do mundo saberão, de uma só vez, quem ordena as tempestades e as trovoadas medonhas que ngungunham o mundo! [...]



– Agora desapareçam da minha frente.  
 Todos baixam a cabeça e batem as palmas em sinal de total submissão. Eles sabem que cada palavra do imperador é uma gota de fel sobre a vida. Aqui mata-se. Aqui morre-se (CHIZIANE, 2013, p. 13).

No trecho acima, ocorre uma relação de poder e hierarquia. No topo, está a Alteza, o Imperador, e logo depois o General Nguyuza. Isso é permitido entre eles, pois seria inaceitável que um outro, que não fizesse parte daquela comunidade, estivesse inserido nessa hierarquia. Por exemplo, o imperador não aceitaria que os portugueses fossem considerados os supremos maiores daquela região. Submeter-se ao colonizador, às suas ordens, às suas leis seria uma afronta. Se há submissão, que seja voltada para uma alteza do território africano/ moçambicano, do lugar próprio. Ainda no trecho acima, notamos que a expedição em busca das andorinhas precisa ser bem pensada e organizada, para que nada falhe, nada dê errado. A eficiência precisa prevalecer nesse espaço. Podemos, dessa forma, refletir sobre modos de organização nesse pedaço de território moçambicano, que é o Império de Gaza,

Considerado o segundo maior império da África do século XIX, que se estendia entre os rios Incomáti, a Sul, ao rio Zambeze, ao norte, e do oceano Índico, a leste, ao rio Save, a oeste. Este enorme território, de 56.000 Km<sup>2</sup> [...], corresponderia hoje a mais da metade do território de Moçambique, a uma parte o Zimbabwe e da União Sul-africana, envolvendo múltiplas etnias (bitongas, chopos, cossa, ladins, tsongas), numa população que variava entre os 500 mil e os 2.000.000 de habitantes (CARMO *apud* GARCIA, 2014, p. 74).

Esse território era enorme e reside ainda hoje na memória da população moçambicana. Ele era proporcional à riqueza das suas terras, da natureza e da grandeza dos povos que nele habitavam. Proporcional também ao tamanho da imponência do imperador Ngungunhana. O modo como os homens se organizavam para qualquer atividade, inclusive para as batalhas, precisava, de acordo com o texto de Chiziane, de tempo, estratégias e cautelas. Assim, entendemos que grandeza de território, organização e táticas não se limitam apenas a territórios europeus, ocidentais, que possuem armas potentes e “poder” colonial. Em Moçambique também se encontram homens e mulheres fortes, capazes e preparados para desenharem os seus destinos.

Na narrativa de Chiziane, para capturar as andorinhas, tudo isto era necessário: garra e determinação. “O imperador não está a brincar. Busca, sim, o pretexto para uma nova sangria. A língua do homem mata mais que do que as balas dos portugueses” (CHIZIANE, 2013, p. 14). O imperador busca nova luta, guerra e está pronto para enfrentar qualquer adversidade. O

general Nguyuzá, diante do comportamento do imperador, reflete sobre si mesmo e relembra seus feitos. E, através da delicadeza das palavras de Chiziane, mesmo havendo ironia, acompanhamos essa reflexão:

No pôr-do-sol a sua imagem se reflete e dialoga com a própria consciência. Não, não sou eu aquele que vê ali, todo manchado de sangue. Que fiz eu, de batalha em batalha, cumprindo ordens e bramindo outras, correndo atrás do imperador, na conquista do nada? De onde me veio a cegueira a ponto de me deixar montar como um cavalo louco, a ponto de aperfeiçoar a arte de aceitar a mentira como verdade? De onde me veio a ilusão de preservar a própria vida, matando outras? Eu deveria ser outro e não este. Talvez seja eu que ainda pode vir a nascer [...]. Seria mais fácil receber ordens para matar um homem. Mas um pássaro? (CHIZIANE, 2013, p. 13).

O general parece estar perturbado, tentando entender o porquê de ter se submetido a situações perigosas, de batalhas, lutas, a troco de nada. Ele se questiona, buscando compreender por que terá de matar um pássaro. É uma decisão conflituosa. Parece mais fácil enfrentar um outro homem na guerra do que uma andorinha. A metáfora do pássaro está presente no texto para falar de como é difícil alcançar a liberdade, a autonomia, na sociedade moçambicana.

A memória da guerra também está muito presente na história escrita por Chiziane. Ao mesmo tempo que se quer esquecer, se quer lembrar, como forma de trazer a dimensão e as consequências de uma guerra. A autora faz essa relação de memória e esquecimento por meios metafóricos, como, por exemplo, quando ela traz, numa passagem do conto **Quem manda aqui?**, os hipopótamos; ou seja, além de mandar silenciar as andorinhas, o imperador já havia, numa situação anterior, mandado calar os hipopótamos:

[...] Tudo porque o gordo imperador, mandou silenciar uma manada de hipopótamos que se refrescava no lago, em pleno sol. Organizou uma expedição e os homens fizeram-se ao desafio. Hipopótamos e humanos não lutam com as mesmas armas. Enquanto os guerreiros nadavam e tentavam desferir golpes com as frágeis lanças de ferro, os hipopótamos, numa só dentada, quebravam o guerreiro pela coluna e atiravam o corpo para dar de comer aos peixes! Cem guerreiros mortos é o balanço. Outros cinquenta com graves mutilações. Perderam os braços, perderam as pernas, perderam a cabeça. Agora é a guerra aos pássaros. Quantos se irão perder desta vez? (CHIZIANE, 2013, p. 15).

As cenas descritas trazem imagens da guerra, dos desastres humanos em Moçambique: golpes, mortos, mutilações, braços, pernas e cabeças fora do corpo. Isso é o que resta da guerra e faz parte da história e da memória moçambicana. O hipopótamo traduz a força e o peso das lutas enfrentadas. Na Mitologia dos orixás, Xangô e Ogum representam a força, a luta, a guerra.

E Oiá, orixá feminino, transforma-se num búfalo, animal nativo da África que também representa a força e agilidade:

[...] Lutaram no começo do mundo e ainda lutam agora. Ogum usa da sua força física e das armas que fabrica, Xangô usa da estratégia e da magia. Ambos são fortes e valentes, ambos são guerreiros temidos [...] Ogum caçava na floresta quando avistou um búfalo. Ficou na espreita, pronto pra abater a fera. Qual foi a surpresa ao ver que, de repente, de sob a pele do búfalo saiu uma mulher linda. Era Oiá [...] (PRANDI, 2001, p. 286- 297).

Os mitos africanos que trazem os orixás valentes e guerreiros se aproximam das cenas de Chiziane, pois essas são descritas para reforçar a história de Moçambique e combater o inimigo. Além dos cenários de guerra, Chiziane descreve também a leveza das coisas, com uma poética narrativa, quase lúdica, de encantamento, mas produzindo, ao mesmo tempo, uma história que leva adultos à reflexão, como podemos ver a seguir:

Uma brisa repentina arrebatava-me para outro lado da vida, num sono de magia, para que os deuses se revelem. No sonho, vê primaveras e flores. Vê muito azul e muita nuvem. Descobriu que estava no céu. Os seus olhos machos procuram um encontro celeste, um marco para poder recordar. Foi então que viu uma andorinha fêmea de penas sedosas, refletindo cores de diamante. Atraído por tanta beleza, transformou-se em pássaro, voou em direção a ela (CHIZIANE, 2013, p. 15-16).

Nesta passagem, os acontecimentos ocorrem com o general. Ele se depara com uma brisa repentina e um sono de magia. É o encontro com os deuses, a aproximação com o divino, através do sonho. A experiência onírica recheada com a primavera e suas flores. O ato de sonhar tem uma simbologia muito forte para o homem, uma vez que nos traz mensagens através do inconsciente e pode nos enviar algum sinal. O sonho comunica, nos informa algo, possui uma relação com o consciente e inconsciente, ao mesmo tempo. No sonho, o general “Acabou entrando na fortaleza do reino das andorinhas. Espanta-se. A fortaleza não tem paredes, nem teto, nem armas. Sem guardas, nem generais.” (CHIZIANE, 2013, p. 16). O sonho transporta-o para o lugar que o homem deseja: o espaço de liberdade, sem ordens, nem comandos. Nesse sonho revelador, entra a figura da sacerdotisa, mulher consagrada ao culto de determinada divindade, responsável por decifrar o enigma dos sonhos:

Nos olhos da sacerdotisa, o mar de ternura se reflete. Nguyuzza se espalha nesse mar e se deixa despenhar, naufrágo sedento de ondas de brisas. Ele se enrola na imensidão dela, porque lhe insufla o coração de sentimentos puros.  
– Diz-me o que significa – Implora o general.

- Nesse sonho reside a chave do teu destino [...]
- Fala-me mais desse destino.
- No Zulwine<sup>26</sup>, o reino das andorinhas te guarda [...]
- É o útero da vida, sem o qual nenhum ser existiria. Regressar é sorte de poucos (CHIZIANE, 2013, p. 17).

A curiosidade do general para compreender o significado do sonho é como o mar: imensa. E a revelação desse sonho é também grandiosa, cheia de mistérios, em que residem as descobertas e o medo. Segundo a Sacerdotisa, o destino do general é alcançar o paraíso, ou seja, o Zulwine. A renovação e o renascimento, bem como a busca pela identidade, estão nesse lugar. Assim, os dois juntos, Sacerdotisa e general partem rumo ao Zulwine: “Envolvem-se num abraço com sabor de mel [...], de braços dados, voam no azul em direção ao horizonte.” (CHIZIANE, 2013, p. 18). Após o contato com a Sacerdotisa, tem-se a reflexão sobre o passado e futuro, as recordações de vida do general. Aqui, a memória, mais uma vez, faz-se presente:

[...] No espelho do futuro, tudo se reflete. Na voz do general, o lamento do tempo perdido. Meu pobre imperador: a geração que vem buscará a nossa grandeza em monumentos de pedra, sem perceber que nós, antepassados, escrevemos a nossa história em monumentos de sangue. Os nossos descendentes rir-se-ão das nossas crenças, das nossas rezas (CHIZIANE, 2013, p. 18).

A metáfora do espelho surge como meio de pensar qual a imagem que o país reflete. Atualmente, como Moçambique está refletida? Qual o formato e a figura que surgem do indivíduo moçambicano? “Todos esses reflexos, ou fragmentos, revelam a elasticidade que o símbolo do espelho pode apresentar, já que ora transmite a ideia de revelação, ora a de imperfeição ou deformação” (WILLRICH, 2012, p. 9). Qual a ideia é transmitida de Moçambique? São questionamentos a se pensar diante de um contexto pós-colonial.

No trecho acima, percebemos como a história refaz-se, reconstrói-se. E as gerações seguintes viverão essa história construída pelos antepassados. Construída com sangue: foi preciso guerrear, matar, morrer para escrever a história, que hoje ainda está manchada de vermelho. E Chiziane não encobre ou tenta “limpar” essa mancha. Pelo contrário, ela exibe essa história ensanguentada, não camuflada, mas recontada. Uma ficção que revisita a história, o passado moçambicano de um modo lírico, com linguagens figurativas, repetições sonoras e ritmos. Na passagem seguinte, percebemos como a escritora se utiliza da linguagem poética para falar, mais uma vez, das estratégias da guerra, valendo-se da metáfora das andorinhas:

---

<sup>26</sup> Céu, paraíso.

Tudo está a postos para a grande expedição. O sol surge, dourado, do ventre mãe da nascente. Está tudo organizado. Zelosamente. Meticulosamente. As estratégias refinadas cuidadosamente. Os rapazes farão as fisgadas. As raparigas farão a coleta de andorinhas presas ou mortas. As mulheres irão tecer as redes e armadilhas caso seja necessário [...]. O imperador manda soltar os tambores de guerra, para celebrar a partida dos guerreiros (CHIZIANE, 2013, p. 19).

A imagem do sol nascente, no trecho citado, é muito forte, pois simboliza o nascimento, fogo, poder. O Sol tem uma simbologia muito rica para determinados povos, traz potência e está no centro das coisas, da vida. Não se sabe ao certo, mas, para algumas culturas africanas, o Sol possui um significado relevante à prática de alguns ritos, já que representa a força, a esperança e o novo, o que está por vir.

Orum, o Sol, estava exausto. Desde da criação do mundo ele não tinha dormido nunca. Brilhava sobre a Terra dia e noite. Orum já estava a ponto de exaurir-se, de apagar-se. Com seu brilho eterno, Orum maltratava a terra. Ele queimava a Terra dia após dia. Os orixás estavam preocupados e reuniram-se para encontrar a saída. Foi iemanjá quem trouxe a solução. Ela guardara sob as saias alguns raios de Sol. Ela projetou sobre a Terra os raios que guardara e mandou que o Sol fosse descansar, para depois brilhar de novo [...] O Sol descansaria para recuperar suas forças [...] (PRANDI, 2001, p. 391).

Na Mitologia dos orixás, o Sol, que sempre brilha, precisou descansar por um momento, para brilhar ainda mais. Na escrita de Chiziane, tem-se um brilho necessário, que reluz a história do seu povo.

Ainda sobre o trecho acima, de Paulina Chiziane, são empregadas as palavras “Zelosamente”, “Meticulosamente”, “Cuidadosamente”, repetindo o mesmo som ao final de cada uma delas, fazendo surgir uma cadência no fragmento, além da própria ideia que tais palavras possuem: a ideia de cuidado, de algo bem pensado. A sonoridade do sufixo “-mente” já nos remete ao ato de pensar, raciocinar. Percebemos a descrição singela da divisão de tarefas, homens e mulheres trabalhando de forma conjunta, em prol de um objetivo comum. E os “tambores de guerra, para celebrar a partida dos guerreiros”, transmitem musicalidade (CHIZIANE, 2013, p. 19). Apesar de ser um conto, apresenta poesia, liricidade. D’Onofrio (1995), em **Formas e exemplos de liricidade**, explana sobre o que é lírica, as formas poéticas, o gênero lírico e demais aspectos que estão presentes também no texto de Chiziane. Dessa forma, a autora moçambicana acaba sendo uma poeta ou poetiza. D’Onofrio (1995, p. 1) afirma:

Para expressar os conteúdos vagos de sua subjetividade, o poeta lírico lança mão de vários recursos estilísticos próprios da linguagem poética,

especialmente a metáfora, que lhe permitem estabelecer parentescos entre objetos que pertencem a campos semânticos diferentes. Operando na linha da similaridade, por meio do processo psíquico da associação, a lírica encontra relações surpreendentes entre o sentimento do presente, as recordações do passado e o pressentimento do futuro, entre os fenômenos da natureza cósmica e os atributos do ser humano.

Paulina Chiziane, em certa medida, expressa o que D'onofrio afirma. Ela traz conteúdos de sua subjetividade, com linguagem poética, relacionando-os ao sentimento de presente, passado e futuro. O escritor Pereyr (2004, p.70) fala sobre “a importância do ritmo e da imagem” da poesia de modo geral. Percebemos ritmo e imagem também se sobressaindo nos contos de Chiziane. Ele diz que:

[...] a linguagem lírica é a própria configuração do ritmo, aqui entendido não como medida, mas como tempo original, momento de retorno à natureza original, que fez o homem “ser outro e o separou do mundo natural”. Em outras palavras: reconciliação simbólica do homem com seus opostos, nos planos individual, coletivo e cósmico: lugar intermediário entre o ser natural/inconsciente e o ser cultural/consciente, nem uma coisa, nem outra, mas fusão de ambas: aí é o homem.

Isso se aplica à narrativa de Chiziane, porque esta se estrutura em ritmo, imagens, numa relação ontológica entre homem, ser, natureza. É uma harmonia (e desarmonia) lírica que envolve o plano das ideias. E, como afirma Pereyr, ocupa um lugar intermediário entre o ser natural/inconsciente e o ser cultural/consciente. Assim é o homem.

E a liricidade de Chiziane segue com antíteses e mensagens de ensinamentos para todos nós, seus receptores:

É velha a marcha desta vida. Nova é a meta e o mote, o culto do eu dissolveu o tino. Os guerreiros marcham e buscam a paz na lonjura dos caminhos. A estrada das andorinhas convida os guerreiros a acelerar a marcha, o chão é o domínio dos homens. Lá em cima as aves divertem-se à custa da prisão humana: roupas, cargas a cabeça, armas, perseguindo um lugar de sossego (CHIZIANE, 2013, p. 21).

A antítese “velha” / “nova” marca o antes e o depois, o passado e o contexto atual de um país recém-independente. O “culto do eu”, da individualidade do sujeito vem dialogar com o coletivo, em busca de uma identidade social. Por isso, é necessária a marcha, desvendar os caminhos nas estradas tortuosas e chegar ao “reino das andorinhas”. Chiziane faz uma crítica pertinente quando o narrador diz que “o chão é o domínio dos homens. Lá em cima as aves divertem-se à custa da prisão humana” (CHIZIANE, 2013, p. 21): as expressões “chão” e

“cima” se contrastam, sugerindo que, na terra, os homens parecem querer dominar, mas vivem aprisionados num sistema, em ideais que não contemplam a democracia, enquanto que, lá em cima, habitam as aves, que representam o ideal de igualdade, do ser livre.

Outra crítica significativa Chiziane faz ao falar do lugar das mulheres, ou seja, as mulheres não necessariamente ficam em casa, cuidando dos filhos. Elas também podem percorrer novos caminhos, tomar atitudes e decidir o rumo das suas vidas:

A paisagem vai mudando de forma em cada passo. Vislumbre nos olhos das mulheres: afinal, é bom viajar fora do cercado da cozinha. Lavar os olhos com as formas da terra. Encher a mente de belas imagens. Conhecer caminhos, paisagens, lugares. Sentir o peito a dilatar de prazer perante a grandeza dos montes (CHIZIANE, 2013, p. 22).

Na passagem acima, o espaço que as mulheres podem ocupar se mistura à beleza da natureza, das paisagens novas que elas podem vislumbrar:

Elas extasiam-se: ver o mágico Rio Save, com olhos vivos. Mergulhar os pés nas águas sagradas. Rio manso, rio belo, tortuoso. Fértil. Atravessaram-no e continuaram a marcha. Encontraram o Rio Mussapa de águas límpidas. Banharam os pés nas águas sagradas. Exorcizaram dos maus espíritos nas águas bentas [...]. Encontram o Rio Pungue. Rio macho, rio bravo. Lutaram contra suas ondas e atravessaram. E descobriram que, do lado de lá do rio, a terra era fêmea. Negra, fresca (CHIZIANE, 2013, p. 22).

Elas contemplam e tocam o Rio Save para se sentirem renovadas, abençoadas. São águas sagradas as quais elevam o espírito das mulheres, matriarcas das famílias e que exercem papel fundamental nas comunidades africanas. Nas religiões de matrizes africanas, os orixás se relacionam com a natureza, “ficando cada um deles responsável por alguns aspectos da natureza e certas dimensões da vida em sociedade e da condição humana” (PRANDI, 2001, p. 22). Nas águas doces, rio, lagos e cachoeiras, habita Oxum, orixá feminino, vaidosa, dona da beleza e fertilidade:

Oxum morava perto da lagoa, perto de *ossá*. Todos os dias Oxum ia à lagoa se banhar; todos os dias ia polir suas pulseiras, seus *indé*; todos os dias lavava na lagoa seu *idá*. Oxum caminhava junto às margens, sobre as pedras cobertas pelas águas rasas da beira da lagoa [...] Dentro da lagoa Oxum dançou suas danças, dançou para o jovem caçador danças de amor, de sedução. E o caçador deixou-se atrair por tanto encanto. O caçador perdidamente enamorou-se de Oxum (PRANDI, 2001, p. 327).

O rio em que mora Oxum traz vida e a vida, assim como o rio, tem seu curso, sua passagem. É renovação e fertilidade. Uma travessia inevitável como a vida e a morte. O rio, em

Chiziane é a fluidez, a margem dos dois lados do existir humano. O Rio Save, o Rio Mussapa e o Rio Pungue são três rios muito importantes para a África. Eles possuem, cada um, uma representatividade muito forte, política e/ou econômica. O Rio Save é da África Austral, com nascente no Zimbabué, atravessa Moçambique, desaguando no Oceano Índico. Sobre o aspecto político, no Norte do Rio, há apoio à Resistência Nacional Moçambicana (RENAMO) e, ao Sul, apoiadores da Frente de Libertação de Moçambique (FRELIMO). Paulina Chiziane fez parte dessa Frente de Libertação, o que deixa evidente o seu posicionamento político, social. Então, o Rio Save possui familiaridade, tanto para a autora, quanto para as mulheres personagens que aparecem no conto. Esse Rio serve de fronteira entre as províncias de Gaza e Inhambane (Sul) e as de Manica e Sofala (Norte). O Rio Pungue banha o Zimbábwe e Moçambique e tem nascente no Monte Nyanganinos, planaltos da África Oriental. Possui fauna e flora muito ricas este rio, além de participação das mulheres em seu desenvolvimento, mas também questões problemáticas:

A pobreza na bacia continua a representar um grande problema para o desenvolvimento sustentável, apesar dos recursos hídricos abundantes e de outros recursos naturais [...]. No Zimbábwe, as mulheres têm representação nos órgãos de tomada de decisão como concelhos da bacia e da sub-bacia. O sector das águas em Moçambique recomenda também que as mulheres sejam incluídas nas comissões dos recursos hídricos (ALFERES, 2006, p. 12).

E o Rio Mussapa, na África Austral, também é muito importante para a população de Moçambique, sendo evidenciado por Chiziane na sua escrita. Rio é fluxo contínuo, passagem de tempo. Na caminhada em busca das andorinhas, rumo ao Zulwine, o tempo acompanha os homens, as mulheres e crianças: “Quantos sóis terão passado, depois da partida? Quantas luas? Quando partimos, a lua tinha forma de uma banana. Engravidou, pariu muito luar e emagreceu. Voltou a ser cascazinha de banana e ainda não tivemos um dia de descanso.” (CHIZIANE, 2013, p. 23). Nesta passagem, Chiziane fala, de forma singela, do tempo, dos dias passados, e utiliza imagens poéticas, como a presença da lua. Mas o que a autora sugere é fazer com que pensemos sobre enfrentar o tempo com paciência, persistindo, abdicando de determinadas coisas, para ir ao encontro de outras, ainda que não haja “um dia de descanso”, pois tempo e o destino se cruzam, abrindo novos caminhos. Paulina Chiziane continua com as reflexões, trazendo mitos, crenças; seus personagens são dotados de sabedorias, como o general Nguyuzá, que diz:



– Se virem uma árvore morta de dia, desconfiem – responde o general com palavras sábias – estamos na terra dos naus<sup>27</sup>. Aqui a natureza está repleta de segredos. Árvores mortas que florescem em noites de magia, rainhas da vida e da morte, que dão poderes de ressurreição. Quem tem a sorte de comer dos seus frutos, vence a morte e a escuridão dos túmulos (CHIZIANE, 3103, p. 23).

Simbolicamente, a árvore representa mãe, grandeza, e está sempre em evolução, crescendo para o céu. Ela tem seus mistérios e magias e é sagrada: “– Na árvore da eternidade, não se toca, pune com a morte todos que a ferem” (CHIZIANE, 2013, p. 24). Aqui se tem o respeito pela natureza. E o general sabe disso, repassando os ensinamentos para os seus companheiros. Esses ensinamentos se estendem para refletir sobre as lições da vida, das batalhas vencidas:

– Passei por provas muito duras para me tornar homem – recorda o general. – Venci muitas batalhas para merecer este posto [...]. Cumprirei a missão com muita dignidade. Serei condecorado, acreditem. A história da minha vida será contada e recontada. Serei consagrado herói depois dessa missão (CHIZIANE, 2013, p. 25).

As recordações de um tempo vivido e as missões do presente levam o general à convicção de ser herói. E aqui reside, mais uma vez, a lembrança trazida por Chiziane: a memória dos heróis moçambicanos.

A peregrinação para as andorinhas não é fácil. Dores, choros e raiva é o que se vê durante a caminhada, mas Nguyuza diz: “– Somos fortes. Fortíssimos. Imbatíveis! [...] – No conforto e repouso, reside a morte da liberdade. Liberdade é buscar, caminhar por vezes, sofrer.” (CHIZIANE, 2013, p. 26-28). Na inércia, na pausa, não se pode ir em busca da liberdade. É preciso movimentar-se, arriscar-se e, por vezes, deixar o lar, famílias, para se viver livre. “[...] A liberdade não se expressa. Vive-se” (CHIZIANE, 2013, p. 29).

Finalmente, a chegada ao encontro das andorinhas. Enquanto o Império de Gaza ficou só, apenas com o imperador; no reino das andorinhas, encontra-se o Rio Nhathe, com águas purificadas, também o Rio Chire e seus montes, além da natureza fértil, trazendo sonhos férteis, descobertas de novas paisagens, a materialização do sonho enigmático, revelado pela sacerdotisa. Aqui está o ápice do conto **Quem manda aqui?**: chega-se ao reino das andorinhas, ao contrário do que ordenara o imperador, capturá-las e aprisioná-las para um castigo não é a

---

<sup>27</sup> Grupo étnico do vale do rio Zambezi. O idioma falado é o ndau ou xindau. Eles também falam o Português, em Moçambique, e o Inglês, no Zimbábue.

solução, pois reside, nesse lugar, a tranquilidade, trazendo serenidade e abundância para o homem. É um lugar de fartura, benevolência e delírio, ambiente onde se encontra

Sol ameno. Águas termais em abundância para tratar feridas causadas pela marcha infinita. Olharam todos para o alto. Os contornos do monte se desenham com exatidão e elegância. Lugar ideal para a construção de um sonho antigo. A descoberta de novas paisagens faz crescer, na alma, sentimentos novos. A sacerdotisa olha para o general. E ele olha para ela. E o Ngyuza sente chegado o momento [...]. A êxtase, finalmente! – Como é belo o reino das andorinhas! (CHIZIANE, 2013, p. 31).

A construção de um sonho é concretizado e o momento de vivenciar novos rumos, novos destinos, descobrindo a liberdade, enfim, realiza-se. “O sonho maravilhoso se transforma em realidade. O fim em princípio” (CHIZIANE, 2013, p. 32). No reino das andorinhas, as mulheres são como a natureza: belas. “O solo é negro como as mulheres da terra. Do monte, os antúrios balançam no sol ameno. Nos campos, os cajus maduros, as mangas, anonas, mafiluas colam-se às bocas sedentas de beijos e a fome morre num instante [...]” (CHIZIANE, 2013, p. 32). Neste lugar, tudo é tão livre; portanto, “– Se queres conhecer a liberdade, segue o rasto (*Sic*) das andorinhas” (CHIZIANE, 2013, p. 32). As andorinhas provocam sinestesia: é preciso, olhar, ouvir, sentir e se inspirar, aguçar as sensações variadas:

Elas dançam em roda as cantigas da eternidade desde o princípio do mundo. De onde vem elas? Daqui. Dali. De todo lado. De lugar nenhum. São o olho de Deus no controle do mundo. Primeiro foi o verbo. Depois foi a natureza, os rios, os ventos e as estrelas (CHIZIANE, 2013, p. 33).

O narrador, na passagem acima, fala das andorinhas, fazendo uma intertextualidade com a Bíblia: Deus no controle, o princípio do mundo, o verbo e a natureza. As andorinhas são onipresentes, estão em toda parte, todo lugar. Portanto, a liberdade nos rodeia, pode estar à nossa volta. Chiziane é muito feliz na sua narrativa. De maneira sensível e crítica, ela fala sobre o que as andorinhas trazem: “Trazem, no bico, a mensagem dos mortos na celebração da nova vida. Elas informam da partida do sol e da chegada das flores. Dizem-nos quando a chuva cairá, verdadeiros protetores da humanidade” (CHIZIANE, 2013, p. 34). São elas as mensageiras da vida, do homem. Conhecem a natureza, são sábias e mais velhas que a humanidade. A moral da história é que o homem, mortal, veio depois das andorinhas e não pode ignorar a existência delas.

Enquanto o general e seus companheiros desfrutam do prazer de estar ao lado das andorinhas, gozando de suas liberdades, o Império de Gaza tem seu terreno invadido pelos

portugueses e o imperador Ngungunhana é preso, perdendo a batalha. A expedição para a caça das andorinhas, ironicamente, deixou o império vulnerável, sem nenhuma segurança. Chiziane discute as ideias opostas de liberdade e prisão quando, de um lado, têm-se o reino das andorinhas, e, de outro, os portugueses dominando a terra que era governada pelo líder Ngungunhana. Amarraram-no, ameaçaram-no: “O imperador foi preso pelos portugueses sem resistência” (CHIZIANE, 2013, p. 36). Ele se sente traído pelos seus guerreiros, pelo general Nguyuzza, sente-se humilhado:

Sonhos, tempestades, remorsos, esperança, desespero bailam na mente do imperador como uma revoada de pássaros. Nos olhos, o desalento. Reconhecendo que estava perdido para sempre. Lamenta. Os meus guerreiros acobardaram-se, pela primeira vez. Baixaram as armas e me deixaram à mercê dos invasores. A vingança dos mortos caiu sobre mim. Por quê? Faz o ato de contrição e se arrepende (CHIZIANE, 2013, p. 37).

O imperador parece frágil, impotente. Ele rememora a sua postura: silenciar hipopótamos no lago, caçar andorinhas, as orelhas cortadas dos Chopes<sup>28</sup>, os sangues derramados. Seu governo foi marcado por crueldades: “Governar é matar antes de ser morto [...]” (CHIZIANE, 2013, p. 38). Os portugueses riem, gozam dele. E, por ironia, uma nova andorinha defeca na sua cabeça no momento em que agora ele está preso, de mão amarradas. Mas a verdade é que o imperador ainda é rei na sua terra, pelo seu povo. Suas crueldades são pretextos para mostrar a força que tem contra os invasores. Ele é rei:

– Um rei não chora e nem verga. O rei não implora, mesmo que o matem. Um rei nasce rei e morre rei. Nas democracias do mundo, se elegem os serviços sem linhagem, não os soberanos. Sou imperador apesar de preso. Serei imperador mesmo depois de morto. Serei sempre imperador na memória do meu povo. Nunca me ajoelharei perante nenhum poder deste mundo [...]. A prisão é a porta para a evasão do espírito. Extasiado de futuro, declama (CHIZIANE, 2013, p. 38- 39).

Na passagem poética acima, percebemos a resistência do rei e que ele jamais irá se submeter a nada e a ninguém, sobretudo aos invasores. Será sempre rei, lembrado e respeitado pelo seu povo. Ficará na memória nacional como símbolo de subversão. Os portugueses também saberão da sua importância, da sua luta e força, mesmo invadindo seu espaço e agredindo-o verbalmente: “O que julgas ainda ser? Pensas ainda vencer as espingardas com as tuas lanças de pau, imperador negro? – Pergunta o soldado branco” (CHIZIANE, 2013, p. 39).

---

<sup>28</sup> Os Chopes são um povo do Sul de Moçambique.

O imperador tem uma tomada de consciência e percebe que as andorinhas estão ao seu lado. Elas desejam sua liberdade e ele então se rende a elas: “Quero voar ao lado das andorinhas para mais depressa trazer novas primaveras nesta terra [...] – Eu não sou um homem, sou um povo. A alma de um povo não se prende, voa livre como as andorinhas” (CHIZIANE, 2013, p. 39). Notamos o sentimento de coletividade do imperador. Ele não é um homem só, ele representa um povo que merece ser livre, bem como as andorinhas, que voam em bando, aproveitando a liberdade que lhes é dada. Esse povo, unido como as andorinhas, projeta um futuro. O imperador afirma:

Eu sou o futuro e a certeza. Conheço os enigmas do além. Dentro de mim, reside a chave dos mistérios do amanhã. O futuro será risonho e verdejante, para lá do tempo. Esta terra, juro-vos, vestirá as cores de todas as primaveras [...]. Do futuro me vem o aroma de buganvílias, cajus, bananas e lírios, de canho, de mafilua. Oïço (*Sic*) à distância o toque dos batuques de glória. Os campos estão cobertos de milho. A liberdade virá! (CHIZIANE, 2013, p. 39).

No trecho acima, encontramos um futuro que florescerá. Sendo assim, as cores já não serão acinzentas ou avermelhadas, mas coloridas, primavera de esperança, trazendo aroma de liberdade. “O momento é fértil, é preciso semeá-lo” (CHIZIANE, 2013, p. 40). Esse futuro será diferente também para as mulheres. A narrativa as traz como responsáveis pelo futuro primaveril:

Mulheres da minha terra, minhas mães, não choreis, que o vosso ventre está fecundo de futuro. Na linha do futuro, se ergue a morte e a nova vida. Com um poder muito mais alto, surgirá de vós, mulheres de N’wanati, aquele que irá salvar este povo. Estes invasores lutarão por calar a voz dos vossos ventres, que as gerações novas esquecerão, por um instante, os ventres das mulheres dos deuses estrangeiros [...] – As guerras dos portugueses são poderosas, mas somos nobres. Seremos sempre reis aqui nas margens deste rio onde dormem espíritos dos N’wanati (CHIZIANE, 2013, p. 40).

As mulheres são fortes, pois é delas que nascem as gerações futuras. São elas que também contarão histórias de lutas e conquistas do povo moçambicano, para seus filhos e netos, satisfazendo-lhes a curiosidades, pois eles terão o desejo de saber quem foi Ngungunhana, o imperador de Gaza. As mulheres não mais chorarão por um passado de guerras e mortes, mas transformarão as lágrimas em risos e gritos de luta. As mães cantarão o hino de liberdade para as crianças, que crescerão sabendo das histórias de luta de seus antepassados:

Continuarei a viver aqui no coração do meu povo [...]  
“Vinde, vinde todos

Vinde todos ouvir a antiga  
 Não quereis conhecer quem governou o império?  
 Ngungunhou homens, ngungunhou mulheres  
 Mas perdeu a liberdade  
 Por tentar matar uma andorinha!”  
 (CHIZIANE, 2013, p. 44).

Esse é o hino que se pretende cantar com eloquência para firmar-se uma nação independente, ecoando vozes que resistem e enfrentam os invasores com honra, na forma de uma andorinha. As mulheres são nossos antepassados.

No conto de Chiziane, as andorinhas são também a própria representação dos antepassados, ancestrais que trazem lições para então atrair os seus familiares, o seu povo, para o caminho da liberdade. As andorinhas fazem parte da ancestralidade do imperador de Gaza.

**Quem manda aqui?** foi construído com poeticidade, numa linguagem simples e com a presença da memória. Sobre este último item, Chiziane rememora a história de Moçambique, trazendo o personagem Ngungunhana, o imperador. Passamos a conhecê-lo e notamos que a escritora reconta, a seu modo de escrita, a história dessa figura. O ato de recontar está, portanto, ligado à memória, ou seja, é contar novamente o fato acontecido, passado. Há uma relação entre história e memória: aquela seria, de modo geral, a análise crítica do passado ou estudar o passado no tempo presente; e esta refere-se às lembranças individuais e coletivas, sendo também uma reconstrução do passado que supre os interesses do presente. Le Goff (1996, p. 423) afirma que:

A memória, como propriedade de conservar certas informações, remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas.

O autor citado afirma ainda que a memória é também social, grupal. Portanto, podemos dizer que o texto **Quem manda aqui?** atualiza informações passadas que são também coletivas. Seria, pois, a informação de que tomamos conhecimento sobre o imperador de Gaza, em Moçambique, um homem prepotente e opressor, que ordena aos generais a capturarem as andorinhas, impedindo-as de voar, de gozar se sua liberdade, simplesmente porque elas incomodam: “Desvairado, chama pelos guerreiros. Hoje ele é dragão, ele é leão. Ele rugue. [...]. O grito que solta corta a respiração de quem o escuta. Os homens vieram correndo. Ajoelhados diante do soberano [...]” (CHIZIANE, 2013, p. 10).

A história do imperador e das andorinhas é conhecida e narrada ainda hoje, e propagada pelo que Le Goff (1996, p. 429) chama de “Homens-memória”, ou seja:

Indivíduos que guardavam e propagavam a memória de seu povo, formando e afirmando identidades, reunindo e fortalecendo culturas. Tal prática realizava-se de maneira dinâmica e fluida, ao contrário da reprodução mnemônica “palavra por palavra” das sociedades como escrita. As primeiras realizavam a sua prática de memorização através do canto, atribuindo à memória mais liberdade e originalidade. Em Le Goff (2003), percebemos que, nas sociedades sem escrita, a memória coletiva parece ordenar-se em torno de três grandes interesses: a idade coletiva do grupo, que se funda em certos mitos (mitos de origem); o prestígio das famílias dominantes (genealogias); e o saber técnico, que são as fórmulas práticas ligadas à magia religiosa (VALVERDE, 2014, p. 92).

A memória coletiva, nas sociedades sem escrita, aproxima-se muito da forma como Chiziane vai costurando a sua ficção: a história, bem como os personagens, é narrada de forma natural, “dinâmica e fluida”, como nos costumes de tradição oral.

Contar seu passado, trazendo a memória à tona é o que faz o personagem do general Ngyuza, a fim de mostrar a própria história de vida na sociedade em que viveu. Então ele diz: “[...] Querem agora, fazer-me recuar, perante um bando de pássaros? [...] Chegou a hora do desembainhar de espadas para recordar a todos que a lei existe. E também a ordem.” (CHIZIANE, 2013, p. 25).

O general recorda ainda do seu tempo de menino, da sua relação com as mulheres. O narrador da história diz:

Recorda do seu percurso de homem. Menino ainda, recrutado para a guerra. Recorda a adolescência dos desejos. Com tanta mulher bela sem poder tocar em nenhuma sob pena de morte. Porque, naquele império, mulher era prêmio de homem bravo, na vitória de um combate. Bateu-se como um leão e conseguiu a primeira. De tantas batalhas, colecionou o seu harém (CHIZIANE, 2013, p. 33).

Nas entrelinhas do texto, ou até mesmo de modo direto, Chiziane fala da nação, de Portugal, do processo de colonização. Um passado que ainda vem sendo digerido pelos moçambicanos. No conto em análise, a autora traz a região do imperador da Gaza, invadida pelos portugueses:

O Império de Gaza ficou lá atrás. O seu imperador foi engolido pela distância, apenas reside na memória dos caminhantes. Escutam-se por todo o lado as vozes dos guerreiros que gritam como pastores de gado: vai, segue, marcha, voa! O povo se arrasta na luta contra a distância. [...] Chegaram a um lugar. De um lado, o monte. Do outro lado, o rio. Entre o monte e rio, a terra é fêmea, virgem em cio, aguardando a fecundação dos braços viris de um povo macho (CHIZIANE, 2013, p. 31).

A região do Império é também lugar de memória, assim como os museus, monumentos ou outros locais públicos. Lugar político, ideológico, de heróis ou não. Lugar que se quer lembrar ou esquecer.

Mais adiante, o imperador diz:

– Onde está o meu melhor general, para me libertar dos invasores – gritava o imperador, atrapalhado, – Xabalala, tens notícias de Ngyuza? Por que é que não regressa? Onde está o meu povo e os meus melhores guerreiros? [...] (CHIZIANE, 2013, p. 36).

Os portugueses invadiram, exploraram, destruíram impérios ao redor do mundo e, no nosso contexto, em Moçambique. Porém, como pode ser notado na passagem acima, o povo resiste, caminha e chega ao lugar das andorinhas, lugar de liberdade, de memória social, “de construção de um sonho antigo” (CHIZIANE, 2013, p. 31). Essa construção pode ser a reconstrução de uma identidade, tanto da nação quanto do indivíduo. Memória e identidade se relacionam na medida em que, como afirma Pollak (1992, p.1- 2), há

[...] ligação entre memória e identidade social, mais especificamente no âmbito das histórias de vida, ou daquilo que hoje, como nova área de pesquisa, se chama de história oral [...]. A priori, a memória parece ser um fenômeno individual, algo relativamente íntimo, próprio da pessoa. Mas Maurice Halbwachs, nos anos 20-30, já havia sublinhado que a memória deve ser entendida também, ou sobretudo, como um fenômeno coletivo e social, ou seja, como um fenômeno construído coletivamente e submetido a flutuações, transformações, mudanças constantes [...]. Quais são, portanto, os elementos constitutivos da memória, individual ou coletiva? Em primeiro lugar, são os acontecimentos vividos pessoalmente. Em segundo lugar, são os acontecimentos que eu chamaria de "vividos por tabela", ou seja, acontecimentos vividos pelo grupo ou pela coletividade à qual a pessoa se sente pertencer.

Os indivíduos que não viveram as invasões coloniais, as guerras de libertação moçambicanas, podem ser aqueles sujeitos da memória vivida por tabela, ou seja, sujeitos que possuem o sentimento de pertencimento, mesmo não estando diretamente no contexto em que ocorreu o fato. Esses indivíduos sentem que pertencem às histórias dos antepassados. Dessa forma, Chiziane, nas páginas finais do conto, apresenta a seguinte lição: “[...] Era, sim, o passado falando na voz do futuro. Os antepassados revelam-se em cada instante nas vozes dos emissários do presente” (CHIZIANE, 2013, p. 42).

Candau (2011), quando se refere ao processo de transmissão da memória na modernidade, mostra-se inquieto, pensativo, pois essa transmissão sofre várias interferências

externas, que podem ou não ser positivas, mas que modificam as relações sociais, o contato com o outro, nesse processo de transferência mnemônica. Portanto, ele afirma: “Nas sociedades modernas, a transmissão de uma boa parte da memória é mediatizada” (CANDAU, 2011, p. 110). Aqui, o autor se refere às influências da mídia, dos meios de comunicação, que nem sempre ajudam na transmissão qualitativa da informação. Isso prejudica a memória individual e social. No contexto literário de Paulina Chiziane, o livro é uma forma de transmissão. E a relação entre autor, leitor e história narrada se entrelaça de tal forma, que não há tantas interferências externas que prejudiquem essa relação. E assim a memória do passado histórico moçambicano se constrói na cabeça do leitor.

É possível que o conto **Quem manda aqui?** mantenha uma relação com a própria autora Chiziane, quando faz referência aos antepassados, à cultura e aos povos os quais Chiziane conhece e dos quais fez parte. Os povos Chopes, por exemplo, representam a cultura em que se insere a escritora. Eles aparecem no texto como os principais inimigos do Império de Ngungunhana. A seguir, um trecho do conto que descreve esses povos:

– Quero ver todas as andorinhas de castigo em silêncio – gritava o imperador [...]. Na vossa missão, aproveitem a ocasião para ngungunhar os Chopes, esses infelizes. – Por que os Chopes agora, Alteza – questiona Nguyuzza. – Eles andam bem quietos e não provocaram os habituais distúrbios. – Os Chopes? Só eles podem enviar-me as andorinhas para provocar. Só eles. Estão interessados no meu desassossego. [...]. Os Chopes, esses insubmissos, têm o dom do feitiço e só eles podem fazer-me essas afrontas! (CHIZIANE, 2013, p. 20).

Aqui, Chiziane apresenta, para o leitor, a etnia Chope, que, no conto, eram os inimigos do imperador. Eram provocativos e insubmissos, mas guerreiros e resistentes. Ao falar do seu povo na narrativa, Chiziane pode deixar transparecer a preocupação com o não apagamento das suas origens, da sua comunidade.

“Era uma vez” é a forma como Paulina Chiziane inicia o segundo conto, **Maundlane, o Criador**. Importante frisar esse modo de começar uma história, pelos seguintes motivos: primeiro, porque a autora traz a ideia de história antiga, repassada de geração em geração, contada para as crianças, histórias de *griô* (ou *griot*), contadores de histórias na África, que tinham e ainda têm o compromisso de transmitir histórias e canções; e, segundo, porque ela ironiza a ideia do *era uma vez* dos contos de fadas ocidentais, com início, meio, fim e mais um final feliz. Chiziane busca contar a história como ela se apresenta, sem ilusões e fantasias, apesar de que a sua escrita se volta para uma simplicidade, ora lúdica, ora lírica e crítica. Mas o fato é que a escritora ousa contar a história dos heróis a qual ouvia dos seus pais. Então,



apresenta o *era uma vez* de três irmãos que saem em busca de um curandeiro que salve a vida do pai doente. O irmão mais novo se depara com esse curandeiro, o qual aparece na forma simbólica de uma serpente medonha, mas que devolve a vida do pai:

A serpente enrola-se no miúdo e ambos caminham. Não vale a pena descrever o cansaço do rapaz [...]. Chegou a casa mais morto que vivo. A serpente que, afinal, era um deus, largou o menino, enrolou o pai e devolveu-lhe a vida. E tudo acabou bem (CHIZIANE, 2013, p. 46).

A serpente, por ser um animal traiçoeiro, venenoso e misterioso, que se arrasta, simboliza, muitas vezes, o mau e a morte, na cultura Ocidental, mais especificamente, na cultura cristã. Está associada ao pecado, a prática mundana pelo episódio da Bíblia, em que Eva, ao morder a maçã, abandona o paraíso, influenciada pela serpente, disfarçada de Satanás. Inicialmente, a serpente da história apresentada por Chiziane parece má, venenosa, mas se mostra prestativa, em diálogo com o menino, disposta a ajudar e de fato o ajudou na cura do pai dele. Serpente, pai e menino tornam-se um pretexto de Paulina Chiziane para falar das histórias de heroísmo em que personagens enfrentam tudo e todos para protegerem seus familiares, pais, mães e avós.

A relação de união familiar é muito importante para algumas comunidades africanas. Portanto, para além da história da cobra medonha, o enredo do conto traz um menino que quer ser herói, vencedor, que guerreia com coragem para evitar que a família passe por qualquer sofrimento. Mas até se tornar realmente um herói, o menino, que já é órfão de pai, passa por questionamentos, conflitos: “– Por que é que, só nos contos à volta da fogueira, os pequenos vencem? – pergunta-se. Serei, algum dia, um vencedor? – Vencedor de quê, se sou pobre sem pai?” (CHIZIANE, 2013, p. 46). O menino já demonstra preocupações, dúvidas, que são comuns para o universo adulto, não para uma criança. Mas ele sente que se tornará adulto com grandes responsabilidades; por isso, o conflito, os questionamentos já surgem desde cedo. Para tentar compreender esses conflitos, o menino sempre se reporta à figura da avó ou da mãe, figuras essenciais para o ensinamento do garoto. Assim, ele dialoga com a avó:

- Serei eu capaz de tamanho sacrifício, avó?
- Já foste capaz!
- Aonde?
- No sonho, ora essa. Para ser herói na vida, é preciso ser herói no sonho.
- Estou a falar da vida real, avó!
- Não crês em ti?
- Crer em quê?

– É, meu anjo. Os mortos dialogam com os vivos através dos sonhos (CHIZIANE, 2013, p. 47).

O menino recebe todo o apoio da avó. Em nenhum momento, ela duvida da capacidade dele. A avó acredita que o garoto será herói não só no sonho, mas na vida real. O sonho presente no trecho acima refere-se ao que o garoto teve com a história da serpente curandeira, pois lá o menino foi vencedor e não teve medo da serpente. A partir do momento que ele tem esse sonho, o pai se comunica com ele: “Os mortos dialogam com os vivos através dos sonhos” (CHIZIANE, 2013, p. 47). E significa também que ele conseguirá, de fato, ser um vencedor, pois os sonhos nos comunicam algo, trazem mensagens através do inconsciente, que podem se concretizar no plano material.

O menino é chamado de Chivambo pelos antepassados. Era também chamado de Chitlango, Dzovo. Todos esses nomes são para lembrar que ele é rei, poderoso. Aqui está a razão pela qual Chiziane traz esses nomes no seu texto: para se referir a Eduardo Mondlane. Nota-se aí a memória, presente na literatura da escritora moçambicana. Sabe-se que Mondlane foi o fundador da Frente de Libertação de Moçambique, considerado herói moçambicano. Todas as atitudes, comportamentos e experiências do menino no conto são estratégias narrativas para relembrar a personalidade forte que foi Eduardo Mondlane. O menino do conto presenciou, por exemplo, pessoas exploradas, chicoteadas, acontecimentos que Mondlane tentava evitar nas suas lutas pela independência: “[...] viu muitos condenados na construção do caminho-de-ferro. Um capataz branco, com fuzil nas costas e chicote nas mão. Viu também um sipaio negro, com um bastão, que gritava como um louco para os condenados [...]” (CHIZIANE, 2013, p. 51). Em **Os condenados da terra**, Frantz Fanon (1979, p. 28- 29) discute:

O mundo colonizado é um mundo cindido em dois. A linha divisória, a fronteira, é indicada pelos quartéis e delegacias de polícia. Nas colônias, o interlocutor legal e institucional do colonizado, o porta-voz do colono e do regime de opressão é o gendarme<sup>29</sup> ou o soldado [...]. A cidade do colonizado é uma cidade faminta, faminta de pão, de carne, de sapatos, de carvão, de luz. A cidade do colonizado é uma cidade acorada, uma cidade ajoelhada, uma cidade acuada.

Fanon fala sobre esse ambiente dos colonizados, condenados a um sistema de opressão e silenciamento. Em **Pele negra, máscaras brancas**, o mesmo autor discute também como o corpo negro colonizado é silenciado:

---

<sup>29</sup> Militar pertencente a um tipo especial de corporação. Vela pela ordem e segurança pública na França e em alguns outros países.

[...] Depois tivemos de enfrentar o olhar branco. Um peso inusitado nos oprimiu. O mundo verdadeiro invadia o nosso pedaço. No mundo branco, o homem de cor encontra dificuldades na elaboração de seu esquema corporal. O conhecimento do corpo é unicamente uma atividade de negação (FANON, 2008, p. 104).

Tal temática dialoga com a narrativa de Chiziane, porque também ela expõe fatos opressores na terra dos colonizados.

Já adolescente, o garoto sente que, crescendo, terá de sair de casa para ser escravizado: “No peito adolescente, celebra-se o parto do primeiro medo, na inauguração das incertezas. Estou a crescer, em breve, terei que sair de casa, para ser escravo. De repente lhe vem a necessidade de chorar só um bocadinho [...]” (CHIZIANE, 2013, p. 51- 52). À medida que o menino cresce, vão aumentando também seus questionamentos, que surgiram desde da infância. Não entendia por que na escola não havia livros contando a história do seu povo, dos heróis nacionais. Onde estavam a conservação da memória e a história da nação? A língua nativa, os grupos étnicos de Moçambique, os rios, as culturas, as danças tradicionais, as personalidades históricas, nada disso existia. A oralidade, por exemplo, era desconhecida ou escondida: “No pensamento deles, tudo o que não está escrito, não existe [...]” (CHIZIANE, 2013, p. 55). Ele percebeu que não se reconhece e valoriza a cultura do seu país. Este é ignorado. A memória moçambicana é decepada, mas Paulina Chiziane se empenha, de forma política e também artística, para recuperar e reverter o apagamento histórico e cultural que foi feito em Moçambique.

Como se não bastassem todas as decepções do garoto, este ainda perde as mulheres da sua vida: mãe e avó, e nem ao menos chegou a conhecer o pai. Parece estar só, “Olha para o horizonte. Perscruta à busca de um sinal” (CHIZIANE, 2013, p. 56). A morte parece o seu desejo neste momento de solidão, só assim encontrará sua família. Então ele lamenta:

[...] Por que partiste e me deixaste sozinho? Não me deixe sozinho, avó, leva-me também para o teu mundo [...]. Fecha os olhos e saboreia a invisível presença dos seus mortos e, quando volta a abri-los, estão cobertos de lágrimas. É a marca de água no regresso à terra depois do mergulho louco no oceano fundo, onde todos os antepassados dormem (CHIZIANE, 2013, p. 56).

Dor e ausência se misturam, levando-o a mergulhar num sentimento de inconformismo, tristeza, mas ele caminha, tentando achar equilíbrio, estímulo, pois desistir não é característica de um Chivambo, Chitlango, Dzovo ou, ainda, de um Eduardo Mondlane. Sua caminhada parece solitária, mas, na verdade, continua acompanhado espiritualmente dos seus ancestrais,

estes nunca o abandonam. “Segue pela estrada do mundo, com convicções novas [...]” (CHIZIANE, 2013, p. 57). Durante todo o seu percurso, o menino relembra, em cada pessoa, imagem, as três figuras da família de maior importância na sua formação: mãe, avó e pai.

O menino adentra mundos desconhecidos, perigosos, e se arrisca. Em determinados momentos, não sabe qual estrada seguir. Dualidades e contradições estão à sua volta. Isso revela que o homem, desde a infância, passando pela adolescência, está em crise, com conflitos de identidade, constituindo-se em um ser fragmentado. Em se tratando de um sujeito colonizado, explorado e subjugado, essa crise parece ser ainda maior. Os antepassados acompanham esse menino em crise, ensinando-o a ser homem e digno na sociedade:

Sei que me acenas com flores brancas desse lado onde estás. Sei que me acompanhas a cada passo, sinto-o. Lembras-te das palavras de mel que me dizias aos meus ouvidos, avó? São as relíquias que hoje iluminam a minha vida porque tu me criaste com maior sabedoria do mundo (CHIZIANE, 2013, p. 58).

Paulina Chiziane não abandona o lirismo narrativo; com isso, o leitor se sente fisgado, deixando-se levar pelas ações e acontecimentos do enredo. Imagens e sentidos plurais vão surgindo, mas respeitando o contexto trazido por Chiziane. Na passagem acima, imagens como “flores brancas”, que lembram a paz, a tranquilidade, vão se formando. O lugar onde a avó está é sereno, sem guerras. As “palavras de mel”, doces, cheias de ternuras, dão a ideia de não serem palavras de ordem, de imposição. Mas sim palavras que são como relíquias, preservadas, sagradas, clareando as ideias do menino. Então, são imagens e significados que vão sendo construídos por meio da escrita simples, subjetiva e, ao mesmo tempo, precisa e pontual da autora.

O tempo, responsável pelo destino do menino, dos seus povos e da nação, também está sendo narrado: “O tempo, esse governador da vida e do ciclo das estações. Que determina os signos e os destinos dos homens. Que cura as feridas da alma. Que faz um órfão descobrir a cura do sofrimento [...]. Só o tempo, esse tempo maravilhoso [...]” (CHIZIANE, 2013, p. 59).

Já adulto, o protagonista da história, mais uma vez, volta-se para as suas memórias, como forma de reconstruir um tempo perdido ou nunca tido. Chiziane insiste em falar da memória, porque ela é protagonista da história oral e escrita. A memória, em Chiziane, é também um personagem central. Através dela, busca-se a preservação dos povos, da língua e dos costumes. Busca-se reler/rever as informações, refletindo sobre elas. No livro **Literatura, História e Memória** (2011), organizado pelo professor Dr. Adeíto Manoel Pinho, encontramos um olhar acadêmico analítico sobre os trabalhos de Jacques Le Goff, importante

teórico sobre momentos historicistas, relacionados à memória. Dessa forma, Pinho (2011, p. 26) afirma:

O papel do narrador em *História e Memória*, é perceber exaustivamente os locais aparentemente caóticos de consolidação das diversas faces da disciplina histórica e tomar consciência dos momentos significativos de mudança. Diferentemente, a literatura, em plena ação, modifica os seus mecanismos performáticos, os conteúdos do mundo real que transmite e os próprios sujeitos encarregados da transmissão e da recepção. O ser literário é dotado da capacidade de duplicação de si, do conhecimento do autor e do leitor [...]. Le Goff, para além da identificação das faces da disciplina dos pontos de mutação consciente, os utiliza para explicar com evidências e fontes em que se transformou a disciplina.

Adeílato Pinho parece ter razão, pois o narrador de *História e Memória* é consciente e preocupa-se em identificar locais e situações confusas, problemáticas na história, para então propor mudanças. Já a literatura e o ser literário têm o papel de fazer releituras, remodelando a história ao seu modo estilístico, subjetivo, envolvendo o leitor. Em relação aos narradores e escritores africanos, Cápuia Carvalho (2015, p. 108), que discute bem sobre esse tema, afirma:

Os narradores africanos destroem e resgatam mitos, constroem-se e destroem-se e criam utopias, anseiam por saídas para a incerteza da pós-modernidade, nas ex-colônias lusófonas. Descortina-se, deste modo, uma literatura que vai trazer, ao leitor contemporâneo, uma escrita que prepara a independência de seus povos, a desmudar as tradições e os novos signos desta África tão ferida no passado; nações que surgem neste novo milênio.

Os narradores de Chiziane, sejam eles personagens ou observadores, fazem esse trajeto descrito por Cápuia: desconstruem, ao passo que resgatam mitos, reafirmando culturas, identidades e aspirando sempre por independência. O homem que Chitlango se torna faz dele um ser que aspira essa independência, sobrevivendo a cada dia e agradecendo sempre à família. Com orgulho, ele explana:

Foi a inteligência da minha avó que me fez sábio.  
Foi o amor da minha mãe que me fez humano.  
Foi a imagem do meu pai que me fez mais homem.  
Fui às pastagens e me tornei pastor.  
Veio a dor da morte da mãe e da avó. Lutei contra ela e venci  
(CHIZIANE, 2013, p. 60).

Sentimento de gratidão é o que se observa na passagem acima. Toda a formação do rapaz enquanto ser humano veio deles, dos descendentes. Inteligência e amor fizeram dele sábio e mais homem, no sentido de ser forte, corajoso. Mesmo com a dor da morte, ele conseguiu

superar. O trecho acima assemelha-se a um poema, tanto pela forma, quanto pela poeticidade. A repetição anafórica de “foi” no início e “fez” no decorrer dos versos é uma característica perceptível em poemas, bem como a ideia que esses verbos representam de ações passadas, mas que refletem na vida atual do menino. Passado e realidade atual se contrastam e, ao mesmo tempo, complementam-se.

Partida e chegada, dicotomicamente, se entrelaçam nas trilhas de Chitlango. Ele parte da sua terra, não por descontentamento, mas por sede de conhecer outros espaços, ser desafiado e extrair um aprendizado significativo. Foi para Portugal, mas não foi feliz com o sistema que existia lá. Esteve no Sul da África, mas o regime nesse local o sufocou, tirou-lhe a liberdade. Finalmente, chega à América, onde é doutor, com diploma, escritório e um gabinete confortável, e então se depara com a modernidade, computadores, tecnologias. Podemos dizer que esse percurso de Chitlango até a América foi um movimento de diáspora, dispersão, por motivos políticos e econômicos. Hall (2006, p. 39) afirma que:

A África passa bem, obrigado, na diáspora. Mas não é nem a África daqueles territórios agora ignorados pelo cartografo pós-colonial, de onde os escravos eram sequestrados e transportados, nem a África de hoje, que e pelo menos quatro ou cinco "continentes" diferentes embrulhados num só, suas formas de subsistência destruídas, seus povos estruturalmente ajustados a uma pobreza moderna devastadora. A "África" que vai bem nesta parte do mundo é aquilo que a África se tornou no Novo Mundo, no turbilhão violento do sincretismo colonial, reforjada na fornalha do panelão colonial.

Pensando num contexto colonial moçambicano, vimos que a diáspora possibilitou novas formas de sobrevivência, de relações, o surgimento de culturas. Possibilitou também formas de resistência e identidades. Hall (2011, p. 43) discute:

As identidades, concebidas como estabelecidas e estáveis, estão naufragando nos rochedos de uma diferenciação que prolifera. Por todo o globo, os processos das chamadas migrações livres e forçadas estão mudando de composição, diversificando as culturas e pluralizando as identidades culturais dos antigos Estados não dominantes, das antigas potências imperiais, e, de fato, do próprio globo.

Segundo Hall, o que antes era estabelecido e estável, como a identidade, agora tem se tornado múltiplo, diversificado, plural. Isso devido às migrações, por vontade própria ou obrigatórias. O personagem do conto tem a sua identidade alterada por influências diversas, inclusive por suas passagens pela África do Sul, Portugal e América. O contato com outras culturas acaba por modificar, de certa forma, a identidade do indivíduo.

Enquanto estava na América, Chitlango recebe uma carta:

– A carta veio de longe! [...] Querido Chitlango – ele lê. – A escravatura acabou nos decretos, mas em África os povos são explorados no próprio solo. A terra sangra. De todo lado, só choros de desespero. Os homens bravos lutam com paus e pedras e resistem tenazmente como bandos dispersos, cada um por si e, desta forma, a vitória é impossível [...] (CHIZIANE, 2013, p. 61-62).

Com esta carta, Chitlango reflete a sua existência, bem como a de seu povo, sua memória o transporta para o seu lugar de origem, suas raízes. Ele desperta, cai em sim: “Penetra confuso na identificação das coisas. Quem sou eu aqui? O que estou fazendo aqui? [...]” (CHIZIANE, 2013, p. 62). O que acontece com o personagem é o “entre lugar” do híbrido. Ele encontra-se nem aqui, nem ali, está no “entre” América e África. Esse entre lugar

[...] não é nem um novo horizonte, nem um abandono do passado... Inícios e fins podem ser mitos de sustentação dos anos no meio do século, mas, neste *fin de siècle*, encontramos-nos no momento e trânsito em que espaço e tempo se cruzam para produzir figuras complexas de diferença e identidade, passado e presente, interior e exterior, inclusão e exclusão. Isso porque há uma sensação de desorientação, um distúrbio de direção, no “além”: um movimento exploratório incessante (BHABHA, 2007, p. 19).

Bhabha aponta um espaço e tempo que se cruzam. Esse cruzamento atinge Chitlango e então ele, em meio às diferenças, torna-se um ser complexo, conflituoso, múltiplo. Mas, como a presença da avó está sempre na sua memória, ele recorda a sabedoria que lhe foi passada. Sabedoria essa que o ajuda a compreender a sua identidade, a si mesmo e o que está à sua volta:

Sabes o que é ser alguém, meu neto, sabes? Não sabes? Ser alguém é parar de chorar. É ver a tristeza a morrer e o sorriso a nascer. É ter a certeza de que um corpo morre para que o outro cresça. É poder semear a mafurreira, árvore que nunca morre. É poder andar descalço e colher as flores do campo. Conversar com os pássaros. Olhar o horizonte sem medo de apreciar o voo das águias é poder dormir com a certeza de que o sol nascerá e a chuva cairá eternamente (CHIZIANE, 2013, p. 62-63).

Com esse ensinamento, o entendimento do que é ser alguém, do que é ser humano em situações adversas e em crises de identidade começa a fazer sentido. As palavras de Chiziane, nesse trecho, são certeiras e tocam o sujeito de modo universal, seja ele moçambicano ou não. A autora consegue falar de situações complexas, usando, para isso, formas simples. Expressões como “morrer”, “nascer”, “chorar”, “tristeza” são sentimentos universais comuns, que nos

acompanham; por isso, Chiziane os traz, talvez a fim de nos identificarmos e nos aproximarmos ainda mais com o contexto narrativo que ela apresenta.

A escritora moçambicana relaciona a natureza com as nossas emoções, nossos estados psíquicos. Aprendemos com Chiziane e seus personagens que é preciso semear a árvore que nunca morre, como o baobá, símbolo das culturas africanas, de grandes trocos e muito tempo de vida. Baobá é como uma entidade natural das florestas, matas, onde habita Oxossi, o caçador. “Oxóssi caçava todos os dias. Todo dia ia à mata em busca de caça.” (PRANDI, 2001, p. 119).

Por meio das entrelinhas e das metáforas, conseguimos captar as mensagens de Paulina Chiziane e entendemos que “colher flores do campo”, “conversar com pássaros”, “apreciar o voo das águias” e ter certeza de que “o sol nascerá e a chuva cairá eternamente” representam a esperança para tempos sombrios, dentro e fora da ficção, para nós também, na contemporaneidade.

A carta recebida deu um nó na garganta de Chitlango e ele percebeu que realmente era preciso respeitar e seguir todos os ensinamentos da avó. Ter diploma, dinheiro e conforto na América não iria ajudar os seus conterrâneos na África:

[...] lá na terra, os bebês já não brincam no colo das mães, porque os braços das mulheres têm que produzir algodão, ouro e pagar imposto aos invasores [...]. Esta América de sonhos me dá tudo, mas sou apenas mais um, não sou ninguém. Mas sou alguém na minha terra sofrida. Lá, ao menos sou Chivambo, o Chitlango, o Dzovo Maundlane! (CHIZIANE, 2013, p. 63).

A realidade é desesperadora para o rapaz, que não aceita que as mulheres tenham que pagar impostos para os invasores. Não é justo que ele tome conhecimento dessa realidade, através de uma carta, e não possa agir sobre isso. Ele partiu da sua terra, conseguiu êxito, mas seu povo continua sofrendo. Portanto, o maior desejo de Chitlango, neste momento da obra, é retornar a Moçambique. Seu trabalho na América, no gabinete das Nações Unidas, não é mais importante que o seu país; por isso, ele se prepara para o regresso: “[...] Vou, sim, para a frente. Quero lançar-me no azul profundo, no voo das águias. Vou perseguir a primavera como todas as andorinhas! Para trás? Nunca mais!” (CHIZIANE, 2013, p. 65).

Voltou à sua terra, deparou-se com a natureza, a floresta densa, viu seu povo: “Saboreia imagens antigas no ato de renascimento. Como é bom voltar aos braços da terra mãe!” (CHIZIANE, 2013, p. 65). Teve medo do regime que estava sendo implantado lá. Mas, nesse regresso, houve o estranhamento por parte de alguns, a crítica, o choque cultural: “– Quem és tu, que vens de longe e falas as línguas dos brancos? – Pareces um estrangeiro, já não és dos



nossos. Como fostes parar em terras estranhas?” (CHIZIANE, 2013, p. 65). Mas Chitlango se sente da terra e fala da união, de lutar junto, para combater os invasores e buscar a liberdade:

– Unamo-nos. Todas as armas num só feixe. Suportemos a amargura do percurso, para redimir o sofrimento do povo. Venceremos! [...]. Formemos a grande corrente humana, que levará a cobra sagrada até a cura da nossa terra doente (CHIZIANE, 2013, p. 65).

Os povos começam a perceber a importância da união através das palavras de Chitlango e reconhecem que ele não abandonou sua terra, não é um estrangeiro. “Os guerreiros se encantam. Os verdadeiros profetas não aparecem apenas no livros da eternidade. Por vezes, conosco caminham e saboreiam as amarguras do percurso” (CHIZIANE, 2013, p. 68).

A volta de Chitlango impulsionou os guerreiros e, finalmente, da estrada das andorinhas se aproximam. Eles gritam com efervescência: “– Sejam os libertadores da nossa terra, martirizada pelo sistema colonial. Unamo-nos – repete Chitlango” (CHIZIANE, 2013, p. 68). O sentimento de liberdade reinava naquele ambiente, apesar do medo do regime que estavam enfrentando. Chitlango então assumia o papel de avó dos companheiros:

Para acalmar o medo, Chitlango fazia o papel de avó dos guerrilheiros e contava histórias à volta da fogueira [...]. Era uma vez um pai doente. Os dois filhos valentes acobardaram-se diante do desafio. O mais pequeno, o mais franzinho... Então, acrescenta os seus pontos, enaltecendo a bravura que vem da inteligência e da perseverança [...], transportaram nos ombros a cobra para a cura da terra (CHIZIANE, 2013, p. 68- 69).

Chiziane traz as marcas do *era uma vez*: ao redor das fogueiras, histórias de se encantar e adentrar nas aventuras. Os personagens de Chiziane tomam para si esse papel de transmitir mensagens, histórias repassadas de pai pra filho. Os companheiros e os novos amigos de Chitlango se encantam com sua forma de narrar e expressam:

– Quem és tu, que vens de tão longe e nos falas com a linguagem de estrelas? Cada frase tua nos remete à imensidão de nós mesmos e nos faz descobrir a exata dimensão da nossa grandeza [...] és o senhor valente que nos conduz à batalha! És tu que vai erguer a bandeira de nossa terra, Chitlango! [...]. Herdei a perseverança da minha mãe. A sapiência da minha avó. A nobreza do meu pai. De todos os antepassados, herdei esta força, esta bravura. (CHIZIANE, 2013, p. 68).

Apesar de vir das Américas, de tão longe, Chitlango não se contaminou, não se deixou influenciar por completo. Ele ainda preserva sua cultura, suas lições vindas dos antepassados.

Com toda bravura, perseverança e sapiência herdadas, o rapaz conduz o seu povo à batalha, para as conquistas desejadas. Para a liberdade almejada, é preciso de alguém para se espelhar; por isso, “Ele é o modelo, ele é o sonho, o espelho onde o povo inteiro se reflete.” (CHIZIANE, 2013, p. 65). Todo o seu povo acredita que, com ele, será possível “[...] descobrir o infinito, num voo de águia!” (CHIZIANE, 2013, p. 69). Chitlango assume essa responsabilidade e, finalmente, consegue lutar pelo seu povo e enfrentar os invasores; com isso, “[...] assume o trono de fogo no reino de guerra” (CHIZIANE, 2013, p. 70). A liberdade chega, mas as lutas ainda continuam.

Após anos de guerras, Chitlango agora descansa com a consciência tranquila. “A luta contra o colonialismo produziu já muitas vitórias, exigindo novas dinâmicas” (CHIZIANE, 2013, p. 70). O descanso de Chitlango parece ser ao lado da sua avó, dos seus antepassados. “Avó e neto abraçam-se, princípio e fim no mesmo ponto [...]” (CHIZIANE, 2013, p. 75). Ele reencontra a sua avó na “morada do tempo [...]”. “Morte não é ausência, mas transferência do aqui, para o além [...]” (CHIZIANE, 2013, p. 74). Poeticamente, Chitlango ou Chivambo assiste o seu funeral: “Uma cena comovente no espelho do horizonte. Uma multidão distante, na marcha suave e disciplinada como formigas [...]” (CHIZIANE, 2013, p. 80). Essa multidão, em volta do seu corpo, espera que se cumpra a tarefa de proteger a todos das tempestades, dos inimigos, das guerras.

Chitlango morre, mas permanece vivo na memória do seu povo, das gerações novas. Ele plantou a semente que agora germina: “Cumpriu-se a benção e a maldição da sua sina: pelos livros vivos, pelos livros morrerás! [...]. Foste imortalizado na memória do tempo.” (CHIZIANE, 2013, p. 71- 76). Percebemos, neste trecho, uma faceta da metalinguagem, do narrar a importância da própria escrita e narração.

No conto de Paulina Chiziane, Chitlango parece ter morrido das bombas, das guerras. E foi assim com Eduardo Mondlane, pois tiraram-lhe a vida pelo ódio, pela repressão, por não aceitar um herói em busca da liberdade. Chiziane traz esse heroísmo para falar da importância de um guerreiro e da família na formação deste. A escritora atravessa as barreiras que querem impedir que as lembranças desses heróis interfiram na construção da história moçambicana. A militância de Chiziane consiste no não apagamento dessas histórias e seus heróis. Eduardo Mondlane não será esquecido enquanto houver narrativas contadas por aqueles que conheceram e vivenciaram os acontecimentos históricos de Moçambique. Chiziane é uma dessas contadoras de histórias do seu povo.

**Maundlane, o Criador** traz a figura da avó, que merece destaque no conto. Esta figura representa a memória dos mais velhos, dos antepassados. *As histórias da avó são sempre a*

*melhor maneira de começar*: é essa mensagem que podemos ler na epígrafe que dá início ao conto de Chiziane.

Bosi (1983, p. 21-23), sobre as memórias dos mais velhos, diz:

Nelas é possível verificar uma história social bem desenvolvida: elas já atravessaram um determinado tipo de sociedade, com características bem marcadas e conhecidas; elas já viveram quadros de referência familiar e cultural igualmente reconhecíveis [...]. Ao lembrar o passado, ele não está descansando, por um instante, das lides cotidianas, não está entregando-se fugitivamente às delícias do sonho: ele está-se ocupando consciente e atentamente do próprio passado, da substância mesma de sua vida. O velho não se contenta, em geral, de aguardar passivamente que as lembranças o despertem, ele procura precisá-las, ele interroga outros velhos [...]. Em suma, o velho se interessa pelo passado, bem mais que o adulto.

Estar ocupado conscientemente e atentamente com o próprio passado, com a substância da vida é o que faz a avó do menino Chivambo, Dzovo, Chitlango ou ainda Eduardo Mondlane do conto. Ela traduz a memória viva do povo e da tradição oral de Moçambique. Através dela, compreendemos o que expressa Bosi (1983, p. 3), ao possuir contato com os mais velhos:

A memória é um cabedal infinito do qual registramos um fragmento. Frequentemente, as mais vívidas recordações afloram depois da entrevista, na hora do cafezinho, na escada, no jardim, ou na despedida do portão. [...] Continuando a escutar, ouviremos o outro tanto e ainda mais. Lembrança puxa lembrança e seria preciso escutar o infinito.

Escutar os mais velhos é adquirir conhecimentos, sabedoria, aprender as lições e captar os conselhos. É isso que faz o menino ao dialogar com sua avó. É na figura da avó que ele encontra segurança e confiança para exprimir seus sentimentos, dores e desejos:

[...] sou Chitlango apenas no nome, sou o Chivambo, apenas no sonho, eu sou ninguém. Da sua mente, nasce uma ideia luminosa e ele corre aos braços da avó, para anunciá-la.

– Avó, haverá um remédio para parar de crescer?

– Remédio de quê?

– Não quero mais crescer, avó, quero estar sempre assim.

– Oh! Olha só! Manamasse wê? Vem ouvir o que me pede o teu filho! Oh, então não queres crescer?

– Quero ser sempre criança!

– Por quê?

– Para não ser machileiro<sup>30</sup>. Para não ser deportado. Para não sair daqui.

---

<sup>30</sup> Homem que transporta a machila aos ombros (cadeira de madeira que transportava o rei ou os grandes senhores).

- Lindo menino! Saiba, pois, que és o homem da casa. O único. Deves crescer muito depressa, para ajudar a tua mãe e a tua avó. Tu és Chivambo, não te esqueças disso.
- Sim, avó.
- Promete-me, então, que vais crescer e depressa (CHIZIANE, 2013, p. 53).

A presença da avó é, para o menino, essencial para a sua formação enquanto indivíduo e para manter viva as histórias dos seus antepassados, bem como as memórias dos seus ancestrais. Sarlo (2007) dialoga com essa ideia quando fala da *Pós-memória, reconstituições*. Ela afirma que a pós-memória não seria a memória pública, mas sim subjetiva, afetiva. Para chegar a essa ideia, Sarlo apresenta as contribuições de James Young e Marianne Hirsch. Esses acreditam que o diferencial da pós-memória são as “lembranças”. Porém, Sarlo afirma que os fatos do passado estão unidos à vida do sujeito, do entorno imediato. E que é por meio das informações de terceiros que somos informados pelos acontecimentos da vida contemporânea. Sarlo (2007, p. 93) diz ainda que:

A pós-memória, que tem a memória em seu centro, seria a reconstituição memorialística da memória de fatos recentes não vividos pelo sujeito que os reconstitui e, por isso, Young a qualifica como “vicária”<sup>31</sup>. Mas mesmo caso se admita a necessidade da noção de pós- memória para descrever a forma como um passado não vivido, embora muito próximo, chega ao presente, é preciso admitir também que *toda experiência do passado é vicária*, pois implica sujeitos que procuram entender alguma coisa colocando-se, pela imaginação ou pelo conhecimento, *no lugar* dos que a viveram de fato. O vicário não é específico da pós-memória.

Chivambo ou Eduardo Mondlane, como era conhecido, passa por esta experiência vicária de sofrer e vingar os seus, mesmo não tendo passado pelas situações de opressão, e lamenta quando se vê órfão e distante dos seus ancestrais. Então ele diz:

[...] Quem me contará as histórias fantásticas na fogueira do anoitecer? Quem me irá alimentar o espírito com a sabedoria dos antigos que foram excluídos dos livros da nossa escola? Por que não me vem buscar, porque me deixaram aqui? Vamos, corre, minha alma, voa. Leva-me para lá, onde tudo é esquecimento [...]. A presença dos mortos na memória dos vivos é nó da continuidade entre o aqui e o além. Se a avó estivesse aqui, não choraria, saberia como embalar-me (CHIZIANE, 2013, p. 56).

---

<sup>31</sup>Aquilo que substitui ou faz às vezes de outrem. Que é autorizado ou outorgado por outrem.

O menino não pretende apagar as histórias contadas pela avó. Ainda que memória e esquecimento se relacionem – uma vez que a memória é seletiva e, portanto, não conseguimos lembrar de tudo –, há, naturalmente, o esquecimento, mas, ainda assim,

Chivambo quer colorir a mente com as doces memórias do passado. Por isso, recorda a avó [...]. Quando tudo aconteceu, era ainda menino e não tinha quem lhe ajudasse a registrar [...]. Hoje, recorda a avó com intensidade. A sua habilidade de vestir os sonhos com as cores do arco-íris e colocar leveza no fardo da vida. Recorda a sua mãe. Visionária. Profetiza. Crente de um mundo onde a justiça hiberna e, por isso, não se cansava de iniciar a bravura do próprio filho para a batalha pela liberdade. Hoje, Chitlango quer recordar os tempos da incerteza e da solidão, quando não tinha com quem partilhar uma ideia, um sonho, uma visão, ou um simples sorriso (CHIZIANE, 2013, p. 59).

A memória permeia o conto de Chiziane, reforçando a ideia de se repensar o passado e analisar o presente, pensando o futuro. A memória no texto da autora amplia as reflexões sobre a nação moçambicana e o processo colonial. O trecho a seguir sugere esse raciocínio:

De repente, começa a querer entender melhor os brancos. Saber o que lhes leva a sair das suas terras distantes para vir desterrar-se nesta terrícola pobre e pacata. Que espécie de gente era aquela que deixa tudo o que há de bom e de melhor na sua terra, para se fixar aqui? Queria perceber por que é que, sendo estrangeiros, se julgam donos da vida alheia. Por exemplo, diziam: aqui é Portugal Moçambique. Que contradição! Como é que uma terra pode ser outra ao mesmo tempo? Achava engraçada a história de registrar a terra, como se alguém pudesse pegá-la, dobrá-la, embrulhá-la num lençol, carrega-la no navio ou no avião para ser registrada numa repartição qualquer de Portugal (CHIZIANE, 2013, p. 53- 54).

Essa tentativa do menino de entender os brancos, os portugueses é um discurso o qual Chiziane apresenta no texto buscando desconstruir a ideia de que a história e a memória dos portugueses não são as únicas tidas como verdade. Ou seja, não é apenas o passado colonial glorioso e triunfal de Portugal que existe.

Ainda sobre a análise do conto em questão, entrelaçando a memória, podemos dizer que o personagem menino personifica a memória. Ou seja, ele faz referência a Eduardo Mondlane, personalidade moçambicana que lutou na guerra de libertação do seu país, considerado pelos povos e políticos de Moçambique (em especial, pelo presidente Samora Machel<sup>32</sup>) o herói da nação. Portanto, esse é o exemplo de memória de lutas por liberdade. A memória construída

---

<sup>32</sup> Nasceu em 29 de Setembro de 1933, líder revolucionário socialista, liderou a Guerra da Independência de Moçambique e se tornou primeiro presidente após a independência do país, de 1975 a 1986.

sob o aspecto da nação moçambicana. Memória individual e compartilhada. Assim, o menino do conto personifica a memória.

Os dois contos de Paulina Chiziane dialogam entre si no que tange aos seguintes aspectos: o herói, a metáfora das andorinhas, a busca da identidade e da memória nacional.

Nesses contos de Chiziane, é possível encontrar a resposta para a problemática deste trabalho: Chiziane consegue trazer a identidade da nação moçambicana, através da memória dos seus heróis.

A memória em Paulina Chiziane também tem traços da ironia. Memória e ironia são duas ferramentas muito presentes nos textos literários e Chiziane traz essa memória moçambicana de modo irônico. Acontece esse diálogo nos contos da autora, na medida em que a ironia pode ajudar a repensar o passado de Moçambique.

A ironia não é apenas uma simples ferramenta estética que aparece (quando é percebida) no poema, na crônica, romance ou até mesmo na fala oral. Ela não apresenta somente aquela ideia de sentido oposto ao que se quer dizer ou uma expressão sarcástica para fazer rir gratuitamente, já que “a ironia, em muitas de suas manifestações, é usada também com o intuito de divertir” (ALAVARCE, 2009, p. 44). A ironia está para além disso: é também aquilo que se diz, querendo dizer o contrário, mas havendo, por trás desse *dizer o contrário*, um propósito, um objetivo maior, de criticar seriamente o seu alvo. D.C. Muecke, autor do livro **Ironia e o irônico** (1995), conceitua a ironia e sugere que a literatura é um grande arcabouço para percebê-la, bem como perceber os personagens irônicos. Para ele, a figura irônica consegue ter uma visão particular dos fatos. Afirma ainda que a ironia

[...] é uma atividade que exige, além de uma larga experiência de vida e um grau de sabedoria mundana, uma habilidade, aliada a engenho, que implica ver semelhanças em coisas diferentes, distinguir entre coisas que parecem as mesmas, eliminar irrelevantias, ver a madeira a despeito das arvores, e estar atento a conotações e ecos verbais (MUECKE, 1995, p. 61).

Nos textos de Chiziane, percebe-se essa capacidade irônica, a autora demonstra sabedoria e habilidade para exercer a atividade da ironia. A partir do que afirma D.C. Muecke, notamos que a escritora e seus narradores estão atentos “a conotações e ecos verbais”, são aqueles que enxergam algo de irônico acontecendo, como forma de crítica social.

Hutcheon (2000, p. 17) apresenta um discurso crítico e político sobre a ironia quando afirma: “A ‘cena’ da ironia envolve relação de poder baseadas em relações de comunicação. Inevitavelmente, ela envolve tópicos sensíveis tais como: exclusão e inclusão, intervenção e

evasão”. Essa relação de comunicação se dá também por meio *do dito e não dito*. Uma relação em que se tem

[...] o resultado de juntar – até mesmo de friccionar – o dito e o não dito, cada um assumindo um significado apenas em relação ao outro. Por certo, essa (como a maioria) não é uma relação de iguais: o poder do não dito de desafiar o dito é a condição semântica que define a ironia (HUTCHEON, 2000, p. 91).

O escritor se apropria desse recurso irônico com o intuito de desconstruir algo, uma ideia. E Paulina Chiziane não foge a isso, ela faz uso da ironia, problematizando os discursos hegemônicos, oficiais. Hutcheon (2000) nos ajuda na compreensão desse contexto de Chiziane, quando afirma que a ironia tem, como uma das funções, a destruição de ideologias, sendo, portanto, “um instrumento poderoso ou até mesmo uma arma na luta contra uma autoridade dominante” (HUTCHEON, 2000, p. 50). Desta maneira, a ironia aparece no texto de Paulina Chiziane como um reflexo de criticidade, um instrumento contra-hegemônico. Ela, sendo um recurso estético crítico-social, se enquadra nas narrativas de Chiziane, uma vez que essas narrativas possuem um contexto social.

A ironia traz aquilo que está oculto, guardado, não dito. E o que está oculto precisa (ou não) ser revelado. Chiziane, por vezes, revela suas intenções no texto, é exemplo aquela intenção de enaltecer o seu povo, de mostrar seus saberes. Mas a intenção pode estar escondida, camuflada em sugestão, o que requer cuidado e perspicácia do receptor durante a leitura, afinal de contas, os textos da escritora moçambicana também são arte, e esta é subjetiva, passível de diversas interpretações.

A ironia é uma das ferramentas essenciais para complementar um discurso ou desconstruí-lo. E o discurso de Chiziane emerge da fala de mulher negra, historicamente negada, de uma nação destruída colonialmente. Tal discurso vem carregado de ânsia por reparação histórica e política.

Duarte (1994) confere à obra literária em geral um campo propício para a ironia, bem como para o humor. Sobre a primeira, ela afirma que “representam-se vozes narrativas, que, impulsionadas pelo desejo de significação, fingem dominar a linguagem”. E, a respeito do humor, afirma que:

Reduplica-se o fingimento e revelam-se as artimanhas de construção textual, em que o jogo literário desvincula-se de questões pragmáticas, explicitando seu caráter de arte que ludicamente liberta o homem do jugo de sua condição humana (DUARTE, 1994, p. 54).

Na obra **Niketche – Uma história de Poligamia (2004)**, de Chiziane, por exemplo, podemos perceber esse jogo de ironia e humor. Há uma situação ou uma “cena” irônica. O que parece cômico – momento em que a personagem Rami, protagonista do romance, entra em luta corporal com uma das mulheres de seu marido – é, na verdade, uma crítica muito forte à condição das mulheres no sistema poligâmico na sociedade moçambicana. É uma representação das lutas que elas têm de enfrentar dentro do sistema. O trecho do romance que revela essa comicidade crítica de Chiziane diz o seguinte:

A Julieta ou Juliana aparece à minha frente. Esforça-se desesperadamente por manter a calma [...]. Ela é gordinha, meu Deus — enervo-me —, a cabra está bem alimentada à custa do dinheiro do meu marido [...]. Sinto uma carga de fel subindo pelas minhas entranhas. Vomito. A festa começa. *Primeiro round*. Explosões de raiva correm como tempestades [...]. *Segundo round*: Lançou uma bofetada a minha rival. Salto para cima dela, puxo-lhe o nariz e ela fica transtornada pela surpresa. Ela reage e defende-se com uma força mágica vinda não se sabe de onde. Esmero-me na luta e dou golpes tão valentes como os dos filmes de kung-fu [...]. Arranha-me, despe-me, rasga-me, morde-me, esmurra-me. *Terceiro round*: Defendo-me bem, tiro-lhe a peruca e arranholhe a cara. *Quarto round*: Sinto que estou a perder o combate. Dou passos em retaguarda e alcanço a rua. A minha adversária persegue-me, derruba-me, e rebolamos nas poças de água no meio da chuva. Ela crava as unhas no meu pescoço, quase que me estrangula [...]. *Quinto round*: Socorro, esta mulher me mata! Na altura em que tento fugir, levo uma garraíada na nuca. Vejo estrelas no céu nublado. *Sexto round*: Fui à guerra e perdi o combate. Desmaio (CHIZIANE, 2004, p. 20- 21).

Chiziane pode trazer uma intenção na passagem acima. O que está descrito representa a briga entre Rami e Julieta, mas *o não dito* seriam as lutas as quais a mulher enfrenta na sociedade moçambicana, ainda hoje. Uma outra possibilidade de leitura seria, também, a representação das lutas e guerras moçambicanas, das quais Chiziane foi testemunha. A passagem acima, referente a **Niketche**, também traduz a comicidade que Bergson (2004, p. 99) chama de *a comicidade de caráter*. Neste capítulo, ele esclarece que a comicidade consiste naquilo que é humano. E tudo aquilo que nos faz rir é porque traz uma semelhança com o homem. A cena da briga entre Rami e Julieta nos causa risos, mas, ao mesmo tempo, faz-nos pensar de forma séria sobre o contexto social em que o livro foi escrito, exatamente porque se relaciona com o ser humano. Bergson (2004, p. 109- 110) discute que:

[...] Só é essencialmente risível aquilo que é automaticamente realizado. Num defeito, numa qualidade mesmo, a comicidade é aquilo graças a que a personagem se entrega sem saber, o gesto involuntário, a palavra inconsciente. Toda distração é cômica [...]. Se na pessoa humana deixarmos de lado o que nos desperta a sensibilidade e consegue comover-nos, o resto poderá tornar-



se cômico, e a comicidade estará na razão direta da parcela de rigidez que nela se manifestar.

A ironia possui potencialidades no sentido de fazer zombarias, atacar, ridicularizar, embaraçar, humilhar ou excluir, como bem afirma Hutcheon (2000, p. 32). Ela (a ironia) também está relacionada à sátira, ao sarcasmo.

No primeiro conto, **Quem manda aqui?**, a ironia consiste na atitude do imperador de querer impedir as andorinhas de voar. O texto traz a ideia de zombaria, ridicularização e humilhação, como reflete Hutcheon (2000, p. 32). O comportamento do imperador seria uma situação irônica, sarcástica, pois as andorinhas, pássaros que simbolizam a liberdade, não poderiam ser perseguidas e impedidas de voar. Seria, no senso comum, uma “ironia do destino”, uma vez que o imperador gostaria de que seus generais prendessem esses pássaros, impossibilitando-os de voar, de serem livres, mas é ele, no decorrer da história, que se torna um prisioneiro dos invasores, enquanto as andorinhas permanecem livres. Portanto, “Se, na ordem da criação, as andorinhas são mais velhas que a humanidade, como pode um simples mortal pretender silenciar o seu superior, na hierarquia da existência?” (CHIZIANE, 2013, p. 34). Mais adiante, o narrador do conto diz:

Uma andorinha lança uma caganita que lhe cai no cocuruto. O imperador tenta limpar a cabeça com as mãos amarradas. Os invasores riem-se. O imperador sente uma vertigem de fúria. Como se andorinha despertasse na mente ondas de revolta. Ri-se. Movimenta os lábios e cospe no rosto de um soldado branco. Os sipaios se espantam. O homem, que parecia vencido, agora parece revestido de novos poderes. De onde lhe veio tanto poder e tanta ousadia?  
 – Estás agora preso, imperador Bantu!  
 – Colocaram-me diante do povo para me verem chorar? Mas enganam-se – diz o imperador [...] (CHIZIANE, 2013, p. 38- 39).

A afirmação de Hutcheon (2000, p. 50) de que a ironia surge como um instrumento poderoso ou até mesmo uma arma na luta contra uma autoridade dominante cabe na compreensão do trecho acima, uma vez que a figura do imperador – embora, na narrativa, seja a de um ser impiedoso – faz parte de uma nação colonizada que, por meio de lutas e guerras, enfrentou as ameaças dos invasores, dos dominantes europeus, e resistiu a elas. A resistência contra a dominação está viva na memória da nação e é por isso que o imperador do conto afirma que, apesar de preso, é imperador e sempre será na memória do seu povo.

No conto **Quem manda aqui?**, o discurso irônico de Chiziane, atrelado ao modo poético de narrar, é o discurso da liberdade, das andorinhas que

Cantam e dançam, por cima de todas as coisas. Querem ouvi-las? Tem de levantar os olhos para o céu, o Zulwine, levar os olhos no azul que tranquiliza a alma e escutá-las. Elas inspiram-nos a descobrir a grandeza da alma na imensidão do mundo (CHIZIANE, 2013, p. 33).

A ironia neste conto é uma estratégia discursiva para afirmar uma identidade que se encontra(va) fora de “cena”. Hoje o discurso defendido é:

[...] Eu vos digo, portugueses, eu estou aqui, eu não saio, lutarei por esta terra até aos confins da eternidade. Estarei sempre aqui, na forma de uma andorinha. Para predizer o futuro e celebrar os ritos de vida e de morte. Para escolher o homem bravo que lutará pela liberdade desta terra. A liberdade virá, eu juro! (CHIZIANE, 2013, p. 44).

**Maundlane, o Criador** é iniciado com a expressão *Era uma vez*. Mas esta não seria uma simples história de contos de fadas, histórias “ingênuas”, fantasiosas. A narrativa conta a história de um herói, mas um herói do contexto moçambicano, e não europeu. De modo irônico, Chiziane tem a liberdade de contar a história de seu país, à sua maneira. O *Era uma vez* que a autora traz não é a história em que os protagonistas são ocidentais, brancos, como se via nos livros infantis. O *Era uma vez* de Paulina Chiziane (*Karingana wa Karingana em Moçambique*) dá início a um novo jeito de narrar a nação moçambicana, refletindo sobre os processos históricos. Nesse sentido, podemos classificar a narrativa da autora como irônica pós-colonial.

No início de **Maundlane, o Criador**, o narrador de Chiziane é perspicaz, irônico e consegue envolver o leitor com a história de um homem doente, que precisava da ajuda dos filhos para ir em busca de um curandeiro que lhe trouxesse a vida. O primeiro filho, guerreiro, experiente em combates, se amedrontou e fugiu quando viu que o curandeiro apareceu na forma de uma serpente monstruosa. Com o segundo filho, a mesma coisa aconteceu. Mas, com o terceiro, o menino inexperiente e fisicamente fraco, a situação foi diferente. Este, não tivera medo e conseguiu levar a serpente para curar a saúde do pai. A cobra pergunta:

– Não tens medo de mim?  
 – Tenho. Tenho muito medo.  
 – Então por que não foges?  
 – Porque não posso voltar sem cumprir minha promessa.  
 – E se eu te comer?  
 – Mas importante que o medo é a saúde do meu pai [...]  
 (CHIZIANE, 2013, p. 46).

Nestas páginas iniciais da narrativa, Chiziane nos apresenta esta situação irônica em que aquele menino que parecia ser frágil, sem forças, é o que luta e o que enfrenta as adversidades.

Isso seria *o dito* para dizer *o não dito*. E o não dito consiste numa reflexão, a partir de uma nação vista como frágil, subjugada, sem cultura, mas que busca criar políticas de enfrentamento.

Ironicamente, Chiziane traz a história dos três irmãos e a serpente como um sonho que o menino teve. Porém, não um sonho impossível, irreal. O sonho representa uma possibilidade para a busca real das conquistas moçambicanas. Sob essa perspectiva, podemos dizer que as conquistas se referem à independência de Moçambique e ao retorno da memória viva dos heróis do país.

Mais adiante, o tom irônico de Chiziane é crítico, reflexivo, mas, ao mesmo tempo, metafórico. No trecho seguinte, podemos perceber isso:

A terra está doente, dizem todas as vozes. Os tocadores de timbila<sup>33</sup> exibem toda a sua perícia nas batucadas dos deuses e as mulheres dançam convulsivamente na invocação das chuvas. Mas a chuva que cai já não basta, dizem. Os espíritos bons recolheram para si a benção e a boa sorte, tudo é triste, diz a mãe. O sol é cada vez mais forte e a pastagem rala. O povo, esse, está muito doente, dizem os velhos. Pode-se curar a doença de um povo? Como? (CHIZIANE, 2013, p. 48).

A passagem acima seria uma consequência de um passado moçambicano, em que as ambições e explorações de grupos hegemônicos refletem uma sociedade doentia, em busca desenfreada de poder, e do imperialismo. É uma doença que contamina todos que desse processo fazem parte, como o povo de Moçambique.

O modo como Chiziane trabalha a ironia, no seu texto, não deixa de ser um ato político e social. Hutcheon (2000) confirma isso em **Teoria e política da ironia**. A autora moçambicana utiliza o menino da história **Maundlane, o Criador** para mostrar seu sentimento de dor e indignação com o fato de estar inserido numa pátria invadida:

Sou filho de uma pátria agreste, onde se matam os homens para que as mulheres sofram de enxada na mão, alimentando, sozinhas, a nova geração de escravos. Tal como a minha mãe. Sou da pátria onde os homens emigram à busca da vida e só regressam à terra mortos, ou com vícios e cheios de doenças. Sou desta pátria que nasceu para dar e nunca para receber. Tiramos tudo esses colonos. A nossa terra, os nossos túmulos, os nossos corpos, a nossa saúde. Pressinto que serei eu o próximo mártir. Meu Deus, este regime vai fazer de mim um machileiro! Não me posso imaginar a transportar um branco naquele monstruoso palanquim (CHIZIANE, 2013, p. 51).

---

<sup>33</sup> Instrumento tradicional moçambicano, utilizado originalmente pelo povo Chope, no Sul de Moçambique.

O menino sente que talvez ele possa não sair vivo da sua terra, pois o regime em que vive contribui para o fim da cultura, da identidade e da vida de um povo. Porém, ironicamente, o menino, para continuar vivo, guerreando pela sua família e nação, resolve conhecer melhor o *outro*. Então diz ele:

Tenho que aprender tudo e saber tudo. Quero conhecer aquela língua com que os invasores conspiram contra nosso povo. Quero conhecer os livros que usam, para registrar a nossa terra em nome deles. Quero conhecer aqueles sinais que escrevem nos livros deles. Quero conhecer todos os seus truques para lhes poder fintar e escapar. Sou o homem da casa, tenho que saber de tudo (CHIZIANE, 2013, p. 54).

Seu desejo de conhecer a cultura do colonizador e a sua própria, saber tudo, fez com que ele se matriculasse numa escola, bem como realizasse viagens, a fim de consolidar o seu conhecimento:

Um dia, matriculou-se na escola. Para saber tudo e ser o homem da casa. Encontrou, na escola dos indígenas, professores negros, arrogantes, que torturavam os alunos, obrigando-os a servi-los nas suas lides domésticas como ir ao rio buscar água, deixando pouco tempo para estudar. Nos livros daquela escola, não encontrou sequer uma linha sobre a história da terra. Não havia uma só linha sobre o heroico Chivambo, rei e general que conduziu os homens há cem anos, como toda gente dizia [...]. Mas tinha muitas imagens das suas rainhas, gordas, feias e preguiçosas [...]. Elas aparecem com as mãos limpas, de que nunca trabalhou a terra, e comem à custa do suor dos escravos [...]. Não somos nada — concluiu. Os nossos nomes nem constam nos livros que estudamos, não existimos (CHIZIANE, 2013, p. 54- 55).

Por ironia, o menino acaba sendo também um “invasor”, adentrando espaços alheios, e outras culturas. Mas isso com o intuito de lutar pelos seus antepassados, preservando a memória destes. E assim, ele pronuncia:

Parti à conquista dos saberes dos brancos. Lá onde a memória das palavras é substituída por símbolos, letras, alfabeto. Escalei Manjacaze, Chicumbane, Mause. Venci a distância. Viajei para Lourenço Marques [...] Em Portugal me quiseram transformar em sipaio, arrumei as malas e parti. O Regime Sul-Africano era mais feroz, queria sufocar a minha liberdade. Fitei-lhe e fugi [...]. Conquistei a América com os pés descalços! (CHIZIANE, 2013, p. 60).

O personagem chegou até Nova York e, durante sua caminhada, vivenciou a modernidade: “estava ali, naquele gabinete confortável, num gabinete moderno, com computador e ar condicionado” (CHIZIANE, 2013, p. 61). Esse seu percurso é fruto de um passado vivenciado pelos seus familiares e que ele pretende compreender no presente.

Aqui reside a ironia de Chiziane, imbricada na memória, ao passo que notar o passado sendo tratado de forma irônica é antenar-se para o posicionamento crítico da autora moçambicana. Ela realiza uma “ligação entre memória e identidade social, mais especificamente no âmbito das histórias de vida, ou daquilo que hoje, como nova área de pesquisa, se chama de história oral [...]” (POLLAK, 1992 p.1- 2).

O recurso irônico que podemos identificar nos contos de Chiziane se aproxima muito ao que Guimarães (2001, p. 416- 417) discute, uma vez que há um contexto e o co-texto irônico:

[...] A ironia surge habitualmente enquadrada numa situação de diálogo; o enunciado irônico não é apreendido como tal se não quando inserido no respectivo contexto e acompanhado do respectivo co-texto [...]. É difícil chegar a uma conclusão quanto aos motivos que levam alguém a optar pela ironia e não por uma afirmação cuja interpretação seja literal; parece, contudo, poder afirmar-se que quem recorre à ironia o faz, geralmente, quando pretende transmitir um juízo de valor, quando pretende avaliar, criticar.

Guimarães (2001, p. 420) diz que: “[...] para reconhecer e entender a ironia, o receptor de uma mensagem tem de estar na posse de informações específicas e não necessariamente do conhecimento geral dos ouvintes/participantes numa determinada conversa.”

Portanto, entendemos que, se o leitor/receptor de Chiziane conhece, tem acesso a informações como o fato de que ela é uma autora que viveu um passado colonial moçambicano, de lutas e independência e que possui uma produção que se encaixa nos conceitos e estudos pós-coloniais, ele (o leitor) pode conseguir reconhecer a ironia. É possível que reconheça e entenda também o uso da memória, uma vez que esta conserva informações e se apresenta como uma função psíquica, por meio da qual o homem pode atualizar impressões ou informações passadas (LE GOFF, 1996, p. 423).

Por meio da memória e da ironia, Chiziane consegue transmitir sua visão a respeito do contexto histórico, político e social de Moçambique, bem como transmitir sua fala, que se mostra inquieta na intenção de reverberar.

A narrativa de Paulina Chiziane talvez possua um propósito de engajamento social e perpassa por um compromisso. A ironia que nela reside, além de ser o contrário do que se quis dizer, *o dito* e *o não dito*, também reforça a escrita que não se apresenta de forma descompromissada. Notamos que na sua escrita:

A ironia sempre tem uma aresta; ela às vezes tem um “ferrão”. Em outras palavras, existe uma “carga” afetiva na ironia que não pode ser ignorada e que não pode ser separada de sua política de uso se ela for dar conta da gama de respostas emocionais (de raiva a deleite) e os vários graus de motivação e

proximidade (de distanciamento desinteressado a engajamento apaixonado). Às vezes a ironia pode mesmo ser interpretada como uma retirada de afeto; às vezes, entretanto, há um engajamento deliberado de emoção (HUTCHEON, 2000, p. 33).

Os contos de Chiziane apresentam potencialidades de críticas sociais, carregando a ironia, que, como afirma Lélia Duarte (2006, p. 1- 2):

Pode ter formas e funções extremamente diversificadas [...]. Em qualquer de suas formas, a ironia será, entretanto, uma estrutura comunicativa. De fato, nada pode ser considerado irônico se não for proposto e visto como tal; não há ironia sem ironista, e este será alguém que percebe dualidades ou múltiplas possibilidades de sentido e as explora em enunciados irônicos, cujo propósito somente se completa no efeito correspondente, isto é, numa recepção que perceba a duplicidade de sentido e a inversão ou a diferença existente entre a mensagem enviada e a pretendida. A ironia constitui-se, assim, como afirmação de um indivíduo que reconhece a natureza intersubjetiva de sua individualidade. Serve dessa forma à literatura, quando esta busca um leitor que não seja passivo, mas atento e participante, capaz de perceber que a linguagem não tem significados fixos e que o texto lhe pode apresentar armadilhas que ele deve perceber e jogos de enganos dos quais deverá, eventualmente, participar.

No mais, por trás da ironia, há um discurso e, no caso de Paulina Chiziane, acreditamos ser um discurso político, que mostra o seu lugar de fala, seu poder, já que discurso também é poder. Chiziane encara a escrita como um ativismo, decorrente da sua militância na FRELIMO, na OMM, no Fórum de mulheres, nas guerras e nas lutas moçambicanas. A literatura é uma forma de resistir.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pensando na potência da palavra da escritora moçambicana Paulina Chiziane, escolhemos para este estudo o livro de contos intitulado **As andorinhas** (2013). Analisamos a presença da memória e da ironia nos dois primeiros contos do livro: **Quem manda aqui?** e **Maundlane, O criador**. São contos que buscam discutir, dentre outros aspectos, a identidade moçambicana e problematizar a respeito do modelo colonizador. Assim como outros escritores africanos pós-coloniais, Chiziane manifesta esta preocupação em rever a sua história.

Da mesma maneira como as andorinhas simbolizam a liberdade, os contos em análise também apresentam essa liberdade de expressão da autora, de revelar seus sentimentos e inquietações. É por isso que sua obra, bem como os seus personagens, mantém uma relação com a própria escritora, seja por suas próprias experiências de vida ou por aquilo que dela foi presenciado/observado na sociedade moçambicana.

Em **As andorinhas** apresentam-se histórias que fazem parte da memória coletiva do povo. Histórias contadas pelos mais velhos. São histórias de imperador, de heróis que participaram das lutas de independência moçambicana, de mulheres que enfrentaram o preconceito numa sociedade em que se privilegiam os homens.

Com uma linguagem rica em símbolos, metafórica e colorida, a autora é umas das poucas mulheres escritoras de Moçambique na contemporaneidade, isso faz com que ela venha conquistando espaço nas academias locais e ocidentais, sobretudo quando se discute literatura negra ou literatura pós-colonial. Mas, ainda assim, buscamos contribuir para que a obra de Chiziane ganhe mais notoriedade, na Academia a que pertencemos (Universidade Estadual de Feira de Santana- UEFS), bem como em outras. Para isso, priorizamos a temática da memória, que precisa ser estudada pensando o contexto moçambicano.

A memória é um recurso muito utilizado na literatura e nos textos de Paulina Chiziane. Ela aparece como meio de recontar a história e a cultura de Moçambique, um país ainda jovem quanto ao aspecto da independência. Portanto, Chiziane, através dos contos **Quem manda aqui?** e **Maundlane, o Criador**, discute, de modo crítico, o passado moçambicano, tratando também da reconstituição de identidade da nação e do indivíduo que teve a sua subjetivação anulada durante o processo colonial. Chiziane mescla o passado, o presente e possibilidades para o futuro de uma nação, que ainda procura se estruturar.

Além da memória, a ironia também permeia os textos de Chiziane e é uma ferramenta estética fundamental para compreendermos a visão crítica da escritora sobre a história de seu país.

Percebemos, durante o percurso desta pesquisa, que há uma transgressão, um engajamento político social da autora. E isso é evidenciado na face sociológica de sua obra, sugerido também quando entendemos os seus contos como arte, por meio do recurso irônico, pois a ironia torna-se também instrumento de luta contra o sistema dominante.

A análise da narrativa de Paulina Chiziane não só amplia as discussões sobre memória, mas evidencia uma literatura que é também política e de resistência. Chiziane demarca seu espaço na literatura como primeira mulher negra a publicar um livro em Moçambique. **As andorinhas** encontra-se, pois, nesse contexto de militância, reafirmando a escrita feminina negra, resgatando a cultura e a história, com poeticidade, lirismo e metáforas.

A partir da problemática desse trabalho – qual seja: saber se Paulina Chiziane consegue, por meio da memória, trazer as tradições do seu país, a fim de evitar o apagamento da história moçambicana, reconstruindo-a –, podemos dizer que ela consegue sim equacionar esse problema e trazer as figuras heroicas do seu país, assim como os costumes, a fim de que não se apaguem da história. A escritora premiada, autora de **As andorinhas**, nos representa enquanto cânone pessoal, porque somos mulheres negras, colonizadas, que carregam, ainda hoje, estereótipos negativos na sociedade. Portanto, a escrita de Chiziane nos transforma, modifica nosso pensamento, nossa forma de agir e de enfrentar situações adversas no meio social.



## REFERÊNCIAS

- AFONSO, Maria Fernanda. **O Conto Moçambicano: Escritas Pós-Coloniais**. Lisboa: Caminho, 2004.
- ALAVARCE, Camila Silva. **A ironia e suas refrações: Um estudo sobre a dissonância na paródia e no riso**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009.
- ALFERES, Julião. **Bacia do rio pungué**. Moçambique/ Zimbabwe: Edição ligeira, 2006.
- APPIAH, Anthony. **Na casa de meu pai: a África na filosofia da cultura**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.
- ARFUCH, Leonor. **O espaço biográfico: Dilemas da subjetividade contemporânea**. Tradução de Paloma Vidal. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2010.
- BERGSON, Henri. **O riso: ensaio sobre a significação do cômico**. Tradução de Ivone Castilho Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 1980.
- BERND, Zilá. **A persistência da memória: Romances da anterioridade e seus modos de transmissão intergeracional**. Porto Alegre: Besourobox, 2018.
- BONNICI, Thomas. Teoria e crítica pós-colonialistas. In: BONNICI, Thomas; ZOLIN, Lúcia Ozana (Orgs.). **Teoria literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas**. Maringá: Eduem, 2005.
- \_\_\_\_\_. **Introdução ao estudo das literaturas pós-coloniais**. Bauru: Mimesis, 1998.
- BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1983.
- BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Tradução de Myriam Ávila. Belo Horizonte: UFMG, 2007.
- BRAIT, Beth. **Ironia em perspectiva polifônica**. Campinas: UNICAMP, 1996.
- CAIRO, Luiz Roberto. Notas sobre o cânone da história da literatura brasileira na segunda metade do século XX. **Léguas & meia: Revista de literatura e diversidade cultural**. Feira de Santana: UEFS, v. 3, nº 2, 2004, p. 115-125.
- CANDAU, Joël. **Memória e identidade**. Tradução de Maria Leticia Ferreira. São Paulo: Contexto, 2011.
- CARMO, Igor Fernando. **Dimensões do herói moçambicano em As andorinhas de Paulina Chiziane**. São Paulo: USP, 2014.
- CARVALHO, Isaiás Francisco de. A poética do outro em Niketche: figuras de alteridade na literatura moçambicana. **Revista Moara**, Pará, ed 46, ago-dez. 2016.

\_\_\_\_\_. O narrador pós-colonial. **Anais do I CONLIRE – Congresso Nacional de Linguagens e Representações: Linguagens e Leituras.** Ilhéus/ Bahia: UESC, 2009.

CARVALHO, Sylvania Cápua. **Narrativas da ancestralidade moçambicana: o mito feminino das águas em 'O outro pé da sereia' de Mia Couto.** Curitiba: Appris, 2015.

\_\_\_\_\_. Resgate de identidade na narrativa de mia couto em cruzamento com história e memória de Jacques Le Goff e outras vozes da história social. In: PINHO, Adeíto Manoel; ARAUJO, Maria da Conceição Pinheiro; NOGUEIRA, Juliana Gomes (Org.). **Literatura, história e memórias: leituras de Jacques Le Goff.** Feira de Santana: UEFS Editora, 2011.

CAVACAS, Fernanda. Mia Couto: palavra oral de sabor cotidiano/ palavra escrita de saber literário. In: CHAVES, Rita; MACÊDO, Tania. (Orgs.) **Marcas da diferença: as literaturas africanas de língua portuguesa.** São Paulo, Alameda, 2006.

CORTAZAR, Julio; BARBOSA, Joao Alexandre. **Valise de cronópio.** 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 1993.

COSTA, Gleid Ângela dos Anjos. **Os (des) encantos da ruptura indenitária em O alegre canto da perdiz, de Paulina Chiziane.** 2017. Dissertação de Mestrado - Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários, Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana.

COSTA, Viegas Fernandes da. **Literatura africana pós-colonial.** Entrevista Programa Literatus TV, episódio nº 15: FurbTV, 2015. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=dQyeJPOEy6g>>. Acesso em: 10 jan. 2018.

CONCEIÇÃO, Evaristo. **Ponciá Vicêncio.** Belo Horizonte: Mazza Edições, 2003.

COUTO, Mia. Prefácio. In: **ONDJAKI. Momento de aqui.** Contos. Lisboa: Caminho, 2001.

CHAVES, Rita; MACÊDO, Tania. **Marcas da diferença.** São Paulo: Alameda Casa Editorial, 2006.

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de símbolos: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números.** 30. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2017.

CHIZIANE, Paulina. **O canto dos escravos.** Maputo: Matiko e Arte, 2017.

\_\_\_\_\_. **O alegre canto da perdiz.** Lisboa: Caminho, 2008.

\_\_\_\_\_. **Niketche: uma história de poligamia.** São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

\_\_\_\_\_. **O sétimo juramento.** Lisboa Caminho, 2000.

\_\_\_\_\_. **Ventos do apocalipse.** Lisboa: Caminho, 1999.

\_\_\_\_\_. **Balada de amor ao vento.** Maputo: AEMO, 1990.

\_\_\_\_\_. As cicatrizes do amor. In: GODINHO, M.L.; ROSÁRIO, L. do (Orgs.). **O conto moçambicano**: da oralidade à escrita. Rio de Janeiro: Te corá Editora, 1994.

\_\_\_\_\_. **As andorinhas**. Maputo/ Belo Horizonte: Nandyala, 2013.

\_\_\_\_\_. **Eu, Mulher... Por uma Nova Visão do Mundo**. Disponível na Revista do Núcleo de Estudos de Literatura Portuguesa e africana na UFF, vol. 5, nº 10, Abril de 2013.

CHIZIANE, Paulina; MARTINS, Mariana. **Ngoma Yethu**. Maputo: Índico, 2015.

CHIZIANE, Paulina; PITA, R. Samuel. **Por quem vibram os tambores do além?** Maputo: Índico, 2013.

CHIZIANE, Paulina; SILVA, Maria do Carmo. **Na mão de deus**. Maputo: Índico, 2012.

CHIZIANE, Paulina; CHAVES, Luiz. **Phatyma**. Curta-metragem. Maputo: AfricaMakiya Produções, 2010.

CRAVERINHA, José. **Karingana wa Karingana**. Maputo, Moçambique: Académica, 1974.

DALI, Salvador. **A persistência da memória**. Nova Iorque. Museu de Arte Moderna. 1931.

DIOGO, Rosália. Paulina Chiziane: As diversas possibilidades de falar sobre o feminino. In: MIRANDA, Maria Geralda de; SECCO, Carmem Lúcia Tindó. (Orgs.). **Paulina Chiziane: Vozes e rostos femininos de Moçambique**. Curitiba: Appris, 2013.

D'ONOFRIO, Salvatore. Teoria da lírica: Elementos estruturais do poema. Formas e exemplos de liricidade. In: \_\_\_\_\_. **Teoria do texto 2**. São Paulo: Ática, 1995.

DUARTE, Lélia Parreira. **Ironia e humor na literatura**. Belo Horizonte: PUC Minas; Alameda, 1994-2006.

FAEDRICH, Anna. **O conceito de autoficção**: demarcações a partir da literatura brasileira contemporânea. Araraquara: Itinerários, 2015.

FANON, Frantz. **Pele negra, mascara brancas**. Salvador: EDUFBA, 2008.

\_\_\_\_\_. **Os condenados da terra**. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.

FOUCAULT, Michel; MACHADO, Roberto, (Org.) **Microfísica do poder**. 24. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2007.

GOTLIB, Nádya Batella. **Teoria do conto**. São Paulo: Ática, 1985.

GUIMARÃES, Maria Joana. Ironia: Uma primeira abordagem. In: **Revista da Faculdade de Letras: Línguas e Literaturas**. Porto, vol. 18, 2001.

HALEY, Alex. **Negras raízes**: A saga de uma família americana. Tradução de A.B. Pinheiro de Lemos. 5. ed. Rio de Janeiro/ São Paulo: Record, 1976.

HALL, Stuart. **Da diáspora: Identidade e mediações culturais**. Belo Horizonte: UFMG, 2006.

HONWANA, Luís Bernardo. **Nós matamos o cão tinoso**. Moçambique: Afrontamento, 1980.

HUTCHOEON, Linda. **Teoria e Política da Ironia**. Tradução de Júlio Jeha. Belo Horizonte: UFMG, 2000.

\_\_\_\_\_. **Poética do Pós-Modernismo**. Rio de Janeiro: Imago, 1991.

JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo: diário de uma favelada**. São Paulo: Ática, 1993.

JORGE, Silvio Renato. Entre guerras e narrativas: Percursos da escrita de Paulina Chiziane e Lília Monplé. In: MIRANDA, Maria Geralda de; SECCO, Carmem Lúcia Tindó. (Orgs.). **Paulina Chiziane: Vozes e rostos femininos de Moçambique**. Curitiba: Appris, 2013.

KI-ZERBO, Joseph. **História Geral da África, I. Metodologia e pré-história da África**. 2. Ed. Brasília: UNESCO, 2010.

KUTTER, Cintia Acosta. Novos espaços de formação: Balada de amor ao vento, de Paulina Chiziane, um bildungsroman feminino. In: MIRANDA, Maria Geralda de; SECCO, Carmem Lúcia Tindó. (Orgs.). **Paulina Chiziane: Vozes e rostos femininos de Moçambique**. Curitiba: Appris, 2013.

LACERDA, Daniel. O Conto, Gênero Superior da Literatura Moçambicana na Visão Analítica de M. Fernanda Afonso. **Revista Latitudes**, França, n. 25, p.84-86, dez. 2005.

LAKOFF, G. & JOHNSON, M. **Metáforas da vida cotidiana**. Coordenação de tradução: Mara Sophia Zanotto. São Paulo: Mercado das Letras, 2002.

LARANJEIRA, Pires. **Literaturas Africanas de Expressão Portuguesa**. Lisboa: Universidade Aberta, 1995.

LEITE, Ana Mafalda. **Literaturas Africanas e formulações pós-coloniais**. Moçambique, UEM, 2003.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Tradução de Bernardo Leitão. São Paulo: UNICAMP, 1996.

LIMA, Mestre Alcides de; COSTA, Ana Carolina Francischete da. Dos griots aos Griôs a importância da oralidade para as tradições de matrizes africanas e indígenas no Brasil. **Revista Diversitas**, São Paulo, Ano 2. nº 3, p.217-245, 2015.

LOPES, Ney. **Rio negro 50**. Rio de Janeiro: Record, 2015.

MACEDO, Tania. Da voz quase silenciada à consciência da subalternidade: a literatura de autoria feminina em países africanos de língua oficial portuguesa. **Mulemba**. Rio de Janeiro, v. 1, n. 2, p. 4-13, jan.-jul. 2010.

MANTOLVANI, Rosângela Manhas. Literaturas entrelaçadas em Marcas da diferença. **Revista Crioula**, nº. 1. São Paulo: FFLCH-USP, p.1-3, 2007.

MATA, Inocência. Estudos pós-coloniais: Desconstruindo genealogias eurocêntricas. **Civitas**, Porto Alegre, v. 14, n. 1, p.27-42, jan.-abr. 2014.

MATA, Inocência. Paulina Chiziane e a exposição de um “ossário de interioridades mortais”. In: MIRANDA, Maria Geralda de; SECCO, Carmem Lúcia Tindó. (Orgs.). **Paulina Chiziane: Vozes e rostos femininos de Moçambique**. Curitiba: Appris, 2013.

MIRANDA, Maria Geralda de; SECCO, Carmem Lúcia Tindó. (Orgs.). **Paulina Chiziane: Vozes e rostos femininos de Moçambique**. Curitiba: Appris, 2013.

MUECKE, D.C. **Ironia e o irônico**. São Paulo: Perspectiva, 1995.

NOA, Francisco. **Império, mito e miopia: Moçambique como invenção literária**. São Paulo: Kapulana, 2015.

NGOENHA, Severino Elias. Identidade moçambicana: já e ainda não. In: SERRA, Carlos (Org). **Identidade, moçambicanidade, moçambicanização**. Maputo: Universitária, 1998.

PADILHA, Laura, Capulanas e vestidos de noiva: Leitura de romances de Paulina Chiziane. In: MIRANDA, Maria Geralda de; SECCO, Carmem Lúcia Tindó. (Orgs.). **Paulina Chiziane: Vozes e rostos femininos de Moçambique**. Curitiba: Appris, 2013.

\_\_\_\_\_. **Literaturas Africanas e formulações pós-coloniais, de Ana Mafalda Leite**. Via atlântica, 2005.

\_\_\_\_\_. Da construção identitária a uma trama de diferenças: Um olhar sobre as literaturas de língua portuguesa. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, Coimbra, n. 73, 2005.

\_\_\_\_\_. **Novos Pactos, outras ficções: ensaios sobre literatura Afro-luso-brasileira**. Porto Alegre: EDIPURS, 2002.

PACHECO, Lillian. A Pedagogia Griô educação, tradição oral e política da diversidade. **Revista Diversitas**, São Paulo, Ano 2. nº 3, 2015.

PATRÍCIO, Rosana Ribeiro. **As filhas de pandora: imagens de mulher na ficção de Sonia Coutinho**. Rio de Janeiro: 7Letras; Salvador, BA: FAPESB, 2006.

PEREYR, Roberval. **Amalgama: Nas praias do avesso e poesia anterior**. Salvador: SCT, FUNCEB, 2004.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. Consideração intempestiva sobre o ensino da literatura. In: **Inútil poesia e outros ensaios breves**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

\_\_\_\_\_. **Altas literaturas: escolha e valor na obra crítica de escritores modernos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

PINHO, Adeílto Manoel; ARAUJO, Maria da Conceição Pinheiro; NOGUEIRA, Juliana Gomes (Org.). **Literatura, história e memórias: leituras de Jacques Le Goff**. Feira de Santana: UEFS Editora, 2011.

POLLAK, Michael. **Memória e identidade social**. Estudos históricos: Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, 1992.

PRANDI, Reginaldo. **Mitologia dos orixás**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

RAFAEL, Candido. **Xiboniboni: a metáfora dos espelhos em Niketche**, de Paulina Chiziane. Rio de Janeiro: UFRJ, 2009.

REIS, Maria Firmina dos. **Úrsula**. 3. Ed. Rio de Janeiro: Presença Edições; Brasília: INL, 1988.

SANTOS, Áurea Regina; MENDES, Algemira de Macedo. Configurações de gênero na narrativa de Paulina Chiziane: o empoderamento de vozes femininas. **Palimpsesto**, Rio de Janeiro, ano 15, n. 22, p.51-68, jan.-jun. 2016.

SANTOS, Rogéria Lourenço. **Metáforas lexicais em estruturas verbais e mentais em notícias de popularização da ciência**. 2010. Dissertação de Mestrado - Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria.

SANTOS, Tiago Ribeiro. Guerras, mulheres e memórias: entrevista com a escritora Paulina Chiziane. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 26, 2018.

SANTOS, Thais. O sétimo juramento: uma reflexão sobre mulher e a política em Moçambique. In: MIRANDA, Maria Geralda de; SECCO, Carmem Lúcia Tindó. (Orgs.). **Paulina Chiziane: Vozes e rostos femininos de Moçambique**. Curitiba: Appris, 2013.

SARDINHA, Tony Berber. **Metáfora**. São Paulo: Parábola, 2007.

SARLO, Beatriz. **Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva**. São Paulo: Companhia das Letras; Belo Horizonte: UFMG, 2007.

SECCO, Carmem Lúcia Tindó. O brilho da palavra e da imagem. In: MIRANDA, Maria Geralda de; SECCO, Carmem Lúcia Tindó. (Orgs.). **Paulina Chiziane: Vozes e rostos femininos de Moçambique**. Curitiba: Appris, 2013.

SILVA, Calane da. A literatura moçambicana e o discurso da mediunidade. In: MIRANDA, Maria Geralda de; SECCO, Carmem Lúcia Tindó. (Orgs.). **Paulina Chiziane: Vozes e rostos femininos de Moçambique**. Curitiba: Appris, 2013.

SILVA, Teresa Cruz. A desqualificação do "outro" na história de Moçambique: Um estudo de caso sobre religião e colonização no Sul do país (1940-1961). In: CARVALHO, Juvenal de (Organizador). **Reflexões sobre a África contemporânea**. Cruz das Almas, BA: UFRB, 2016.

SILVA, Vera Lúcia. **As tecituras do tempo na narrativa As Andorinhas de Paulina Chiziane**. Rio de Janeiro: UFES, 2014.

TEIXEIRA, Vanessa Ribeiro. As mulheres que criam reis – Uma leitura de Maundlan, o Criador, de Paulina Chiziane. In: MIRANDA, Maria Geralda de; SECCO, Carmem Lúcia Tindó. (Orgs.). **Paulina Chiziane: Vozes e rostos femininos de Moçambique**. Curitiba: Appris, 2013.

VALVERDE, Tércia. **Ensaaios**. Teoria e crítica literária. Salvador: EDUNEB; Feira de Santana: UEFS Editora, 2014.

WEG, Rosana Morais. **Literatura colonial**: a presença moçambicana. São Paulo: Revista Estudos avançados. vol.31 n.89, p. 465-468, jan.- abri. 2017.

WILLRICH, Bernardo Augusto. **Reflexos de uma escrita**: Representações do espelho na literatura. UFRGS. Porto Alegre: Instituto de Letras, 2012.

XAVIER, Lola Geraldés. Era uma vez... Moçambique no feminino. In: MIRANDA, Maria Geralda de; SECCO, Carmem Lúcia Tindó. (Orgs.). **Paulina Chiziane: Vozes e rostos femininos de Moçambique**. Curitiba: Appris, 2013.

YATES, Frances. **Arte da memória**. Tradução de Flávia Bancher. Campinas: UNICAMP, 2007.

## SITES

TDMARCUS2009. **Paulina Chiziane. A Páginas Tantas**. 2013. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=yYIwTj7afJA>>. Acesso em: 10 jan. 2018.

Leitura Obriga HISTÓRIA. **Qual a diferença entre memória e história?** 2017. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=XRDzvuc4AAU>>. Acesso em: 19 jan. 2018.

CIVILIZAÇÕES AFRICANAS. **Chopes**. 2010. Disponível em: <<http://civilizacoesafricanas.blogspot.com.br/2010/05/chopes.html>>. Acesso em: 21 jan. 2018.

PRIBERAM DICIONÁRIO. **Vicária**. Disponível em: <<https://www.priberam.pt/dlpo/vic%C3%A1ria>>. Acesso em: 22 jan. 2018.

INFOPÉDIA. Dicionários Porto Editora. Timbila. Disponível em: <[https://www.infopedia.pt/\\$timbila](https://www.infopedia.pt/$timbila)>. Acesso em: 24 jan. 2018.

TERTULIA BIBLIÓFILA. **Luis Bernardo Honwana – um escritor moçambicano a não esquecer**. 2012. Disponível em: <<https://tertuliabibliofila.blogspot.com/2012/03/luis-bernardo-honwana-um-escritor.html>>. Acesso em: 15 jul. 2018.

DICIO. Dicionário Online de Português. **Sipaio**. Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/sipaio/>>. Acesso em: 18 jul. 2018.

ESCAVADOR. **Rosângela Manhas Mantolvani**. Disponível em: <<https://www.escarador.com/sobre/6775932/rosangela-manhas-mantolvani>>. Acesso em: 18 jul. 2018.

DICIONÁRIO DE SÍMBOLOS. **Pássaros**. Disponível em:  
<<https://www.dicionariodesimbolos.com.br/passaros/>>. Acesso em: 18 jul. 2018.

ESCAVADOR. **Maria Nazareth Soares Fonseca**. Disponível em:  
<<https://www.escarador.com/sobre/3323774/maria-nazareth-soares-fonseca>>. Acesso em: 25 set. 2108.

COLETIVO LÍRICO. **Uma análise da obra: A Persistência da Memória de Salvador Dalí**. 2018. Disponível em: <<https://coletivolirico.com.br/uma-analise-da-obra-a-persistencia-da-memoria-de-salvador-dali/>>. Acesso em: 29 set. 2018.

DICIONÁRIO DE SÍMBOLOS. **Sol**. Disponível em:  
<<https://www.dicionariodesimbolos.com.br/sol/>>. Acesso em: 04 out. 2108.  
DW. **Rio Save**. Disponível em: <<https://www.dw.com/pt-002/rio-save/t-36487743>>. Acesso em: 05/ out. 2018.

CIVILIZAÇÕES AFRICANAS. **Ndaus**. 2010. Disponível em:  
<<http://civilizacoesafricanas.blogspot.com/2010/04/ndaus.html>>. Acesso em: 05 out.2018.

DICIONÁRIO DE SÍMBOLOS. **Árvore**. Disponível em:  
<<https://www.dicionariodesimbolos.com.br/arvore/>>. Acesso em: 05 out. 2018.

MEMÓRIAS E SOCIEDADE. **Escrevivências na C.I**. 2018. Disponível em:  
<<http://www.memoriaesociedade.ibict.br/escrevivencias-na-c-i/>>. Acesso em: 20 jan. 2019.

MEGA CURIOSO. **Baobá: Por que essas árvores africanas têm troncos tão largos?** 2017. Disponível em: <<https://www.megacurioso.com.br/plantas-e-frutas/39949-baoba-por-que-essas-arvores-africanas-tem-troncos-tao-largos-.htm>>. Acesso em: 20 jan. 2019.



## ANEXOS

*Se queres conhecer a liberdade  
Segue rasto das andorinhas  
(ditado Chope)*

### QUEM MANDA AQUI?

#### 1

Depois do pasto da xima branca, branquíssima, silada no alguidar, acompanhado de nhewe cozido, leite coalhado e carne grelhada, sente muito calor, o imperador! Não era da comida, não. O calor vinha do sol e das banhas daquele corpo de elefante. O imperador era requintado no prato. Ao pequeno almoço tomava leite coalhado ou leite fresquinho que saía quentinho da vaca. Gostava de carne grelhada, mal passada, e pão seco. Tomava o seu copo de aguardente, mas pouco. A natureza faz por vezes isto: tamanho grande, feito de alguma comida. Era de boa raça, o imperador!

Desloca o grande corpo para o repouso predileto, debaixo da sombra da grande phama. Deita-se de papo para o ar, ao lado da sua dama preferida. Poisa os olhos no horizonte criador. Descobre que são seus os espaços terrestres e o infinito celeste. Que são suas as estrelas que à noite brilham e as árvores que transportam a brisa do entardecer.

Contempla a sua obra e suspira de orgulho – fui eu quem transformou tudo isto em vida. Coloquei luz nos olhos dessa gentalha. Quando aqui cheguei, a terra era selvagem e era macho. Domestiquei-a. Tornei-a fêmea, é toda minha, faço o que quero. Dá-me bons frutos, cereais, gado. Dá-me sol e chuva. Nesta terra fêmea, os homens me servem de joelhos, porque já não são homens. Sou o único macho na superfície da terra.

Uma andorinha canta alegrias no espaço. De pança também cheia, baila. Liberta os intestinos e a caganita balança na cloaca. Cede à gravidade e cai no olho do imperador.

O corpo gordo se ergue como uma mola, movido pela da fúria. Dos olhos túrgidos, solta-se o dragão que dorme por dentro. O imperador podia resistir a tudo menos aquele ultraje: cocó de pássaro? Não, não podia suportar. Ele, que venceu todas as batalhas, que transformou a vida, que vavou as orelhas dos cativos, que fecundou todas as mulheres da terra, que ngungunhou tudo à sua medida, não podia ser abusado por um simples pássaro.

Desvairado, chama pelos seus guerreiros. Hoje ele é dragão, ele é leão. Ele ruga.

– Nguyuza? Lumbulule? Marivate? Khumalo? Sithole?

O grito que solta corta a respiração de quem o escuta. Os homens vieram correndo. Ajoelhados diante do soberano, recitam em uníssono:

– Às ordens, Alteza.

– Quem manda debaixo do sol?

– Deus - respondem de novo em uníssono.

– Deus? - a raiva do imperador cresce.

– Sim.

– Quem é Deus aqui?

O Nguyuza é o primeiro a falar. É Chefe. A ele cabe a primeira palavra e ao imperador a última.

– O nosso imperador é Deus. É o Mambo dos Mambos, o Nkulunkulu!

Eles respondem a mesma ladainha de sempre, com tremor acrescido naquelas vozes de guerreiros. Pressentem que nada de bom viria daquele chamamento.

– Ordenei o silêncio - barafusta o gordo imperador.

– A aldeia inteira está em silêncio – responde Lumbulule. – Nem uma mulher a pillar. Nem uma criança a chorar. O silêncio é total.

– E aquele pássaro?

– O pássaro? – pergunta Khumalo.

Poisados no teto do céu, os olhos dos homens iniciam a busca. Descobrem. O calor da hora recolheu os pássaros ao aconchego dos seus ninhos. Elas balançam, elas bailam. Trazem nos bicos pios alegres que chovem aos ouvidos como a frescura da brisa.

– São vozes das andorinhas, majestade – responde Marivate.

– Foram enviados pelos espíritos para cantar louvores à sua majestade, embalar o seu repouso, Hosi! – acrescenta Lumbulule.

– São vozes divinas prenunciando a paz – diz o filósofo Sithole, sem convicção nenhuma – no seu canto, dizem que sua majestade é o mais potente dos homens, fecundará todas as mulheres do mundo. Que as vacas ficarão prenhes e as galinhas terão mais ovos. Que os celeiros abarrotarão de grão na próxima colheita.

Conhece a linguagem dos pássaros, estúpidos? – grita o imperador

– Não conheço, mas entendo.

– Que entendes tu, cabeça de galinha?

– Eles dizem que o nosso imperador é o eterno Deus, o rei sobre todos os reis – acrescenta Khumalo.

– Estúpidos – grita o imperador – silenciem todas as andorinhas. Apanhem-nas. Tragam-nas aqui ao castigo, para que todas as aves do mundo saibam quem manda aqui!

Os homens esquecem as ladainhas habituais de sim Alteza, viva Alteza, por tudo e por nada. Ficam simplesmente mudos. Navegam perdidos no mar de espanto. Treinados para cumprir sem questionar, são cegos cumpridos das ordens, mas hoje desconfiam..

Estará o imperador no uso da razão?

Terá bebido um copo a mais?

Terá fumado daquelas ervas que crescem livres nos campos?

A mente do imperador balança como vento no apagar das velas. Hoje, a loucura e a lucidez bailam no mesmo compasso. A demência sutilmente marca a sua presença. Por vezes, a grandeza humana se escreve com letras de impotência.

– Silenciar as andorinhas, Majestade? – pergunta Nguyuzá.

– Não ouviste, surdo? Perdeste os ouvidos?

– Perdão, Majestade. A pergunta é meramente técnica. Só queria confirmar a ordem para melhor estruturar as regras, depurar o método, refinar a estratégia desta missão.

– Nguyuzá, quero silêncio, muito silêncio. Que a natureza à volta se cale, na hora do meu repouso.

– Sim, Alteza.

Poder. Invisível armadura que nos sustenta o espírito. Por ela os guerreiros sangraram a terra e castraram a virilidade dos homens. De tanto poder, o imperador quer residir na pirâmide do Zulwine, mas esqueceu o pormenor mais importante: no topo da pirâmide o seu corpo de elefante não tem sustento. Cairá.

– A ordem está dada – sumariza o imperador.

– Estamos aqui para obedecê-lo, Alteza – completa Nguyuzá – as suas ordens serão cumpridas a rigor. De resto, as andorinhas, são aves inúteis que nem servem para comer. Não respeitam o nosso imperador nem o nosso império. Vamos castigá-las.

– Quero uma solução rápida, de qualidade.

– Sim, Alteza. Só preciso de algum tempo para organizar uma expedição forte para dar lição a esses insubmissos.

– Assim se fala, General, assim é que gosto – sorria o imperador, acariciando o ventre reluzente de bons manjares.

– A estratégia será infalível, Alteza – assegurou Nguyuza – A vitória será retumbante. Traremos esses passarinhos ao magno julgamento, juramos. Serão castigados e aprenderão na dor, quem manda nos raios do sol e na direção dos ventos. Todas as andorinhas do mundo saberão, de uma só vez, quem ordena as tempestades e trovoadas medonhas que ngungunham o mundo!

– Concedo-vos apenas esta noite para se prepararem.

– Sim, Alteza.

– Agora, desapareçam da minha frente.

Todos baixam a cabeça e batem as palmas em sinal de total submissão. Eles sabem que cada palavra do imperador é uma gota de fel sobre a vida. Aqui mata-se. Aqui morre-se. Para perder o sopro, basta pisar um risco.

– É para já, Alteza! – responde Marivate.

– Longa vida, Alteza! – diz Lumbulule com voz de mulher.

Com a alma empanturrada pela grandeza, o imperador regressa ao seu repouso e ronca, sereno.

Era ele Mudungazi, o Ngungunhana!

Que ngungunha homens e mulheres.

Por isso, o mundo lhe pertence!

## 2

Nguyuza sente calor e frio. Transpira. O estômago se comprime numa náusea profunda. O vômito vem a caminho. Corre para a mata, porque os intestinos também se rebelam. De cócoras, defeca. Vomita fel, muito fel. Liberto o desconforto, procura repouso na predileta sombra da sua mafurreira. A purga lhe traz clareza da mente.

As palavras do gordo eram um pote de fogo. O general desconfia. O imperador não está a brincar. Busca sim, o pretexto para uma nova sangria. A língua do homem mata mais do que as balas dos portugueses.

O general treme, Na diarreia, a expressão de medo. No vômito, o pânico. No suor, a revolta. Fala sozinho como um louco. A vaidade do homem eu é que a sustento. Em cada batalha faço uma vitória, como uma mulher trazendo um feixe de lenha, para aquecer os pés de um marido velho.

No pôr-do-sol a sua imagem se reflete e dialoga com a própria consciência. Não, não sou eu aquele que vê ali, todo manchado de sangue. Que fiz eu, de batalha em batalha, cumprido

ordens e bramindo outras, correndo atrás do imperador, na conquista do nada? De onde me veio a cegueira, a ponto de me deixar montar como um cavalo louco, a ponto de aperfeiçoar a arte de aceitar a mentira como verdade? De onde veio a ilusão de preservar a própria vida, matando outras? Eu deveria ser outro e não este. Talvez seja eu que ainda pode vir a nascer. O imperador de hoje, é repugnante. Seria mais fácil receber ordens para matar um homem. Mas um pássaro?

Na capital do imperador, o luto ainda enjoe as pobres viúvas. Na semana finda, guerreiros valentes foram atirados à vala comum, como gatos mortos. Tudo porque o gordo imperador, mandou silenciar uma manada de hipopótamos que se refresca no lago, em pleno sol. Organizou uma expedição e os homens fizeram-se ao desafio. Hipopótamos e humanos não lutam com as mesmas armas. Enquanto os guerreiros nadavam e tentavam desferir golpes com as frágeis lanças de ferro, os hipopótamos, numa só dentada, quebravam o guerreiro pela coluna e atiravam o corpo para dar de comer aos peixes! Cem guerreiros mortos é o balanço. Outros cinquenta com graves mutilações. Perderam os braços, perderam as pernas, perderam a cabeça. Agora é a guerra aos pássaros. Quantos se irão perder desta vez?

Outras andorinhas dançam na copa da mafurreira. Nguyuza levanta os olhos e observa atentamente. Talvez queira descobrir a que logrou a maior proeza da história. Sorri.

Cagar no olho do imperador?

Bravos machos são estas andorinhas!

Ousaram desafiar a virilidade do maior homem do mundo, o Ngungunhana, que ngungunha todos os homens e todas as mulheres do planeta. Ah!

Ri-se. Como consequência, estava ali ele, a preparar estratégia para abrilhantar a carreira dos bravos guerreiros, com uma caçada de pássaros só para aplacar a ira do soberano. Com que armas se irão defender as pobres andorinhas?

Uma brisa repentina arrebatou-o para o outro lado da vida, num sono de magia, para que os deuses se revelem. No sonho, vê primaveras e flores. Vê muito azul e muita nuvem. Descobriu que estava no céu. Os seus olhos machos procuram um encanto celeste, um marco para poder recordar. Foi então que viu uma andorinha fêmea de penas sedosas, refletindo cores de diamante. Atraído por tanta beleza, transformou-se em pássaro, voou em direção a ela. Esta, mais veloz eclipsou-se entre as nuvens. Ele foi voando, voando, procurando desesperadamente aquela imagem deslumbrante. Acabou entrando na fortaleza do reino das andorinhas. Espantou-se. A fortaleza não tem paredes, nem teto, nem armas. No meio dela, há um palácio de pérola e cristal. Sem guardas nem generais. Completamente adornado de estrelas e protegido de correntes de ar puro. Na entrada do palácio está um velhinho, dormindo a sesta.

– Bom velho, não viu por aqui passar a andorinha mais bela do mundo?

- Ah – respondeu o velho – ela te espera no horizonte do sonho.
- É tão bela! Eu a amo tanto! Onde fica esse lugar?
- Encontrá-la-ás. Mas é muito caprichosa e só corresponde ao amor aos seres livres.
- E eu sou um homem livre.
- És um General!

## 3

Depois do mágico sono, o doce despertar. Ngyuza corre para a casa da sacerdotisa, para decifrar o enigma. Respira fundo e diz tudo num só fôlego.

– Tive um sonho. Eu flutuava como pássaro, no mais alto dos céus.

– Sonho bonito – confirma a sacerdotisa - és um homem de sorte.

– Sorte?

– Sim. Só as almas abençoadas vencem o peso, voam no alto e alcançam a sagrada dimensão!

Nos olhos da sacerdotisa, o mar de ternura se reflete. Ngyuza se espelha nesse mar e se deixa despenhar, náufrago sedento de ondas de brisa. Ele se enrola na imensidão dela, porque lhe insufla o coração de sentimentos puros.

– Diz-me o que significa – implora o general.

– Nesse sonho reside a chave do teu destino.

– Destino? O imperador parece possuído de loucura e me incumbiu uma missão estranha.

– Clarividência, lucidez e loucura, por vezes, se fundem num ponto.

Ngyuza sorri.

– Fala-me mais desse destino.

– No Zulwine, o reino das andorinhas te aguarda.

– Eu? Lograrei conhecer esse lugar maravilhoso, com estes olhos que a terra há-de comer? – pergunta Ngyuza, inspirado.

– Já lá estiveste.

– Eu?

– De lá todos partimos.

– Marchei por todo o lado e nunca ouvi falar desse lugar.

– Não?

– Não!

- É o útero da vida, sem o qual nenhum ser existiria. Regressar ´sorte de poucos.
- Como se chega lá?
- Zulwini é o princípio. É o fim. É aqui ou qualquer lugar.
- Chegarei?
- Escolhe. A via longa ou a via curta. Qual das duas vias te levará?
- Vem comigo e ensina-me o caminho.
- Oh, grande honra! – Emociona-se a sacerdotisa sou sua serva. Como posso recusar o pedido do mais poderoso dos generais?

Envolvem-se num abraço com sabor a mel. A sacerdotisa se transforma na andorinha do sonho e Ngyuzza num homem livre. De braços dados, voam no azul em direção ao horizonte. No silêncio do general, nascem as mais belas palavras e ele canta em surdina:

– Eu te admiro, sacerdotisa: Os teus olhos de mar incendeiam o meu corpo. O teu sorriso massaja-me o peito num fogo cálido, ah, sacerdotisa!

Tanto um como outro ardem de desejo, mas não se beijam. Eleita pelos deuses, a sacerdotisa é virgem, celibatária, como todas as freiras. Freiras na versão bantu, evidentemente. Se Ngyuzza ousar possui-la, mesmo por amor, sofrerá o supremo castigo: a impotência.

– Partiremos antes do nascer do sol. Prepara-te.

Como uma criança no despontar da aurora, Ngyuzza ganha leveza na alma. Caçar andorinhas? Um encanto. Que melhor diversão podia ter um velho general cansado de guerras?

Os olhos proféticos do general abandonam o sorriso e desenham clarividências. No espelho de futuro, tudo se reflete. Na voz do general, o lamento do tempo perdido. Meu pobre imperador: a geração que vem buscará a nossa grandeza em monumentos de pedra, sem perceber que nós, antepassados, escrevemos a nossa história em monumentos de sangue. Os nossos descendentes rir-se-ão das nossas crenças, das nossas rezas, comerão peixe e todos os insetos marinhos, sem se importarem com a nossa realeza, tudo muda, ah, meu gordo imperador!

Tudo está a postos para a grande expedição. O sol surge, dourado, do ventre mãe da nascente. Está tudo organizado. Zelosamente. Meticulosamente. As estratégias refinadas cuidadosamente. Os rapazes farão as fisdadas. As raparigas Farão a coleta de andorinhas presas ou mortas. As mulheres irão tecer as redes e armadilhas caso seja necessário. Os guerreiros

farão a protelo contra as feras. Mobilizam-se famílias inteiras: pais, mães, filhos e até mesmo avós. Ninguém fica.

O imperador manda soltar os tambores de guerra, para celebrar a partida dos guerreiros. Cobre os ouvidos dos homens com palavras de ordem, mesmo sabendo que não se tratava de missão nenhuma. Era simples teatro. Diversão. Gozando das poderes que tenra, pondo gente em movimento, por atividade nenhuma.

Os guerreiras, apesar de contrariados, reconhecem, no líder louco, inegáveis talentos. Bom estratega. Cérebro astuto, que o conduziu de vitória em vitória, à construção do Império de Gaza. Aquela farsa era para privar os guerreiros da gordura e preguiça, sabiam. Era para mantê-los ocupados e não perder habilidades de guerra, há muito que aio havia combates.

O imperador repara que Nguyuzza mobilizou os melhores guerreiros. Tratando-se de uma caçada de pássaros, no final da tarde estariam de regresso e o império não ficaria privado de segurança.

– Nobres guerreiros do império, desejo-vos sorte no cumprimento da vossa missão – grita o imperador.

– Sim, Alteza.

As mentes ainda sonolentas dos guerreiros resmungam. De tanto poder, o imperador já não sabia para que servia.

Respondem o soberano sem a menor excitação. Dizendo aquilo que ele gostava de ouvir. Sabiam que não iam matar. Nem morrer. Cumpririam as recomendações sem o menor preconceito. Porque haveriam de preocupar-se, se a estupidez era a nova ordem do império?

– Quero ver todas as andorinhas de castigo e em silêncio – gritava o imperador.

– Sim, Alteza!

– Na vossa missão, aproveitem a ocasião para ngungunhar os Chopes, esses infelizes.

– Por quê os Chopes agora, Alteza? – questiona Nguyuzza. – Eles andam bem quietos e não provocaram os habituais distúrbios.

– Os Chopes? Só eles podem enviar-me as andorinhas para provocar. Só eles. Estão interessados no meu desassossego. Os infelizes confiam nas suas flechas e nos seus arcos, porque não querem reconhecer que é a mim que o poder pertence.

– Acha, então, que são andorinhas mágicas que lhe incomodam, Majestade?

– Não acho, tenho a certeza. Os Chopes esses insubmissos, têm o dom do feitiço e só eles podem fazer-me essas afrontas!

– Usando cocô de andorinha para derrubar um império?



– Ah, vê-se mesmo que não conhecem os poderes maléficis desses infelizes! Parem de fazer perguntas e cumpram as minhas ordens!

– Sim, majestade!

Na máscara de ódio camuflava o secreto sentimento de temor e respeito pelos Chopes, esses rebeldes machos de arco de flecha. Que o desafiavam continuamente. Com eles travara vários combates. Umis vezes ganhando, outras perdendo. O único povo a quem torturara mas não conseguira subverter. Mas jurou vingar-se. Humilhando-os sempre que pode. Combatê-los. Maltratá-los.

– Agora, soltai o grito de guerra, para que os Chopes escutem – ordena o imperador.

– Submetei-vos, Chopes malditos – gritam os guerreiros. – Submetei-vos ao nobre imperador e serão salvos. Ele venceu os infelizes. Invadiu a pátria dos Khambane e matou o poderoso Mbinguana. Invadiu a terra dos N'wanati e construiu a capital do grande império. Quem não crê nele morrerá!

– Dizei-me bravos guerreiros – incita o imperador – que tratamento se deve a esses Chopes, esses bastardos?

– Transformá-los em fêmeas. Vavar-lhes as orelhas e enfiar-lhes brincos de mulher.

– Para quê? – pergunta o imperador – para quê?

– Para que a grandeza do império se reconheça à distância. Para que os bastardos exibam no corpo a falta de virilidade.

– E se encontrarem os nobres trabalhando nos campos?

– Saudá-los-emos de joelhos. Colocar-lhes-emos o m'boti, a coroa negra, destinada aos iluminados do império.

## 5

É velha a marcha desta vida. Nova é a meta e o mote, o culto do eu dissolveu o tino. Os guerreiros marcham e buscam a paz na lonjura dos caminhos. A estrada das andorinhas, convida os guerreiros a acelerar a marcha, o chão é o domínio dos homens. Lá em cima as aves divertem-se à custa da prisão humana: roupas, cargas à cabeça, armas, perseguindo um lugar de sossego.

Inspirados pelo espírito das andorinhas, a multidão caminha como pássaros em voo. A marcha rápida parecia mais um êxodo, uma fuga, do que propriamente uma busca.

A paisagem vai mudando de forma em cada passo. Vislumbre nos olhos das mulheres: afinal, é bom viajar fora do cercado da cozinha. Lavar os olhos com as formas da terra. Encher

a mente de belas imagens. Conhecer caminhos, paisagens, lugares. Sentir o peito a dilatar de prazer perante a grandeza dos montes.

Na mente dos guerreiros, a mesma pergunta.

Terá, Nguyuz, capacidade de agarrar andorinhas vivas?

Como se castiga uma andorinha?

Existem chicotes para andorinhas?

Descobrem a beleza e o desafio daquela missão. Caminham sem parar. Um sol sucedendo a outro, ininterruptamente, como as etapas de uma vida.

Elas extasiavam-se: ver o mágico Rio Save, com olhos vivos. Mergulhar os pés nas águas sagradas. Rio manso, rio belo, tortuoso. Fértil. Atravessaram-no e continuaram a marcha. Encontraram o mítico Rio Mussapa de águas límpidas. Banharam os pés nas águas sagradas. Exorcizaram dos maus espíritos nas águas bentas. Purificaram o corpo com bênção dos mortos. E continuaram a marcha.

Um leão rugiu numa certa noite. Os braços fortes dos homens puseram as armas em riste. Mataram o leão e a sua leoa. E continuaram a marcha.

Encontraram o Rio Pungue. Rio macho, rio bravo. Lutaram contra as suas ondas e atravessaram. E descobriram que, do lado de lá do rio, a terra era fêmea. Negra. Doce. Fresca. Convidando os homens para o repouso no seu solo. Estava em cio, muito pronta para ser fecundada. As mulheres, loucamente apaixonadas pela terra, sonhando em ocupá-la, encheram a boca de murmúrios.

Quantos sóis terão passado, depois da partida? Quantas luas? Quando partimos, a lua tinha forma de uma banana. Engravidou, pariu muito luar e emagreceu. Voltou a ser a cascazinha de banana e ainda não tivemos um dia de descanso.

E as perguntas indisciplinadas das mulheres.

– Por que nos arrasta para tão longe, se em todos os bosques podemos caçar? Olha a quantidade de andorinhas naquela árvore. Podíamos parar aqui e fazer uma boa caçada, encher sacos e sacos, e retornar. Ou ficar.

– Perderíamos nós, o nosso tempo, caçando estes – responde Nguyuz.

– Por quê?

– Estas são como nós, de escalão inferior. Andorinhas fêmeas, subalternas, obedecendo a um comando macho, do rei ou imperador. Não posso arriscar a vida deste povo, regressando sem a missão cumprida.

As mulheres veem na paisagem árvores mortas.

– Ngyuza, grande General – murmuram as mulheres. – Podíamos parar um pouco, cortar os ramos das árvores mortas para o conforto da noite. As crianças tremem de frio.

– Se virem uma árvore morta de dia, desconfiem – responde o general com palavras sábias – estamos na terra dos ndaus. Aqui a natureza está repleta de segredos. Árvores mortas que florescem em noites de magia, rainhas da vida e da morte, que dão poderes de ressurreição. Quem tem a sorte de comer dos seus frutos, vence a morte e a escuridão dos túmulos.

– Só queremos o combustível dos seus ramos, as crianças morrem de frio nas noites, General.

– Na árvore da eternidade, não se toca, pune com a morte todos os que a fêrem. – Onde vamos encontrar a lenha, então?

– No céu ou no solo sagrado das andorinhas.

– Só os loucos seguem o rasto das andorinhas, meu General – diz uma das mulheres.

Louco?

Ngyuza estremece: uma mulher o chamara louco. Não tardarão as crianças e os velhos a chamarem-no louco. A anarquia em breve estará instalada no grupo em marcha. Assaltado pelo rigor no cumprimento da missão, lança ao ar todos os dados. A sua mente de guerreiro fora treinada de pequeno a reconhecer os perigos que germinam como sementes. Se no meio da mata um rato surge, há um celeiro por perto. Se uma ave doméstica aparece, há uma aldeia por perto. Foi então que percebeu a crise que tais lamentos poderiam criar no cumprimento da missão.

Chamaram-me: louco.

Estará este bando de mulheres a pensar que está a ser enganado ou desviado por um louco? Sente-se afrontado. Magoado. Logo agora que só precisa de alguns dias para materializar o sonho que reside na sua mente.

O mundo das andorinhas está agora mais nítido, mais visível, mais próximo. Agora que se tem a pista, as mulheres lançam murmúrios com palavras mortas. Quem está a cultivar a horta dos murmúrios? Quem a aduba?

Lamentos de mulher? Os homens lançam gemidos cancerígenas nos ouvidos delas. Quem terá sido? Algum guerreiro? As mulheres incubam-nas lamentos como sêmem e as espalham aos quatro ventos. O que viria depois? Desordem. Anarquia. Fracasso. Decide, então, disciplinar o grupo. O general manda interromper a marcha e põe em prática as cogitações que lhe correm na mente.

– Quem me quer chamar de louco que se acuse!

A pergunta remete os guerreiros ao silêncio. Sabem o que significa desafiar um general em plena atividade. Podem ser remetidos ao eterno silêncio em poucos instantes.

– Quem ousa desafiar a minha autoridade?

Novo silêncio.

– Passei por provas muito duras para me tornar homem – recorda o general. – Venci muitas batalhas para merecer este posto. Querem agora, fazer-me recuar, perante um bando de pássaros? Jurei fidelidade ao imperador. Cumprirei a missão com muita dignidade. Serei condecorado, acreditem. A história da minha vitória será contada e recontada. Serei consagrado herói depois desta missão.

Chegou a hora do desembainhar de espadas para recordar a todos que a lei existe. E também a ordem. Para que todos reconheçam nele o guia e sintam que estão nas mãos de homens fortes que velam pela sua segurança.

– Marivate, amarra o Lumbulule no tronco daquela árvore – ordena.

A ordem foi imediatamente cumprida. Olhares inquisitivos no rosto dos soldados. De onde vinha aquela aspereza? E por quê a escolha do Lumbulule, como vítima? E por quê o Marivate como carrasco? Os mistérios do acaso, por vezes, escolhem a dedo as suas vítimas. Tanto um como outro eram muito disciplinados. Mas também são os mais preguiçosos, que, com mais prazer, saboreiam o descanso.

– Chicoteia-o, Marivate, mas não o mate.

Lumbulule retorce-se no tronco, fazendo par às chicotadas e uivos, na dança e contradança. Um castigo sem história. Os rostos inexpressivos dos guerreiros perante o castigo. Nem suspiros ou lágrimas no rosto das mulheres. Eles estavam cansados, estavam mortos, e aquele castigo era apenas mais um. Só Lumbulule chora, de dor e de raiva, por estar a ser castigado sem saber por quê.

– Se alguém entre vós me chamou louco, nos ouvidos de uma mulher, que se acuse!

Novo silêncio

– Vocês todos têm a missão de disciplinar o grupo, lembrem-se. De agora em diante, quero apenas ouvir o choro das crianças e as cantigas dos pássaros. Nem um lamento, de quem quer que seja, ouviram.

– Sim, meu General.

Mas todos lamentam. Somos todos iguais nesta marcha. Todos submissos ao mesmo tirano. São as mesmas ordens que nos arrancaram os pés da terra para nos remeter ao espaço. Será a mesma lança a trespassar-nos o peito.

Seguiu a lavagens cerebral e a moralização do grupo.

Nguyuzá retoma a palavra em gritos de guerra.

– Somos um exército forte ou fraco? – pergunta Nguyuzá

– Somos fortes. Fortíssimos. Imbatíveis! – Respondem os guerreiros em uníssono.

– Sabem de onde nos vem a força?

– Sabemos.

– Então, digam-me. Quero ouvir.

– De Macupulane, o rei dos Chopes.

– O que aconteceu?

– Matamo-lo.

– E depois?

– Bebemo-lo!

– Sim, bebemos o rei dos Chopes – sublinha Nguyuz. – Têm boa memória, vocês, mas quero que me digam tudo em pormenores. Para facilitar a tarefa, começo. Eu, Nguyuz, a mando do imperador, atraí o rei dos Chopes para uma cilada e matei-o. Pronto. Cada um diz a sua parte. Começa tu, Lumbulule.

– Eu, Lumbulule, extirpei-o. Tirei-lhe o cérebro, o coração e as costelas.

– Eu, Marivate, preparei a fogueira.

– Eu, Khumalo, calcinei as partes do finado na grande fogueira.

– Eu Sithole recolhi os pedaços calcinados e triturei num pilão de mulher.

O general retomo a palavra num breve sumário.

– Depois de tudo, eu Nguyuz, preparei a bebida. Misturei as cinzas das partes do finado, num barril de água que todos beberam. O grande imperador tomou o primeiro gole e embriagou-se. No delírio da celebração, todos gritamos: bebemos o rei dos Chopes! Não foi assim?

– Foi!

Os homens estão estarecidos de medo. O general era temível. Protegido pelo céu e pela terra, fez das guerras seu pedestal. Tem uma sombra perigosa, preciosa. Até o imperador o teme. Era ele, o verdadeiro autor de todas as vitórias do império.

– Assola-vos o medo do impossível? – pergunta Nguyuz – Temeis a viagem ao infinito? A ordem já foi dada, escolhei. Cumprir e viver ou recuar e morrer!

– Às suas ordens, General!

Os homens ficam surpresos. Levaram aquela missão de ânimo leve. Mas eis que outro louco transforma a missão em autêntico jogo de vida e de morte.

– Quem me desobedecer, será imediatamente imolado no fogo da desonra. Atirá-lo-ei ao abismo por cobardia. Não será bebido, porque não presta. Só se bebe o que é corajoso e bom, como o Macupulane, o rei dos Chopes.

O castigo renovou os ânimos do general. A ferida está sarada e não haverá cisão na sua marcha. De repente, a bonomia. Depois da frieza glacial, o degelo.

– Falemos agora como homens – convida o general – digam-me com sinceridade, bravos guerreiros: qual a causa desta insubordinação?

Com palavras controladas, os guerreiros dão as respostas necessárias.

– A fome, meu General. Dias e dias sem comer. A marcha é bárbara e as mulheres já emagreceram bastante.

– Ainda bem que emagreceram – diz o general – a gordura atrasa a marcha.

Apesar da frieza, o general é um homem de bem e reconhece os limites do corpo humano. Ele mesmo sente a exaustão daquela marcha. Mas as pessoas só precisam de se esforçar um bocadinho, a meta está próxima. Por isso, cria o desassossego para mantê-los despertos.

– Por vezes, o corpo se torna inimigo da alma. – grita o general. – No conforto e repouso, reside a morte da liberdade. Liberdade é buscar, caminhar por vezes, sofrer.

– Estão todas cansadas, General.

– Sim. Por causa das inúteis cargas que transportam. Atirem-nas todas às águas do Rio Púngue.

– São mantimentos, General!

– Só servem para engordar.

– O que será das crianças, General?

– Já viram as andorinhas? As fêmeas nunca transportam cargas à cabeça, mas comem. Os machos nunca voaram com lanças, nem arcos, nem flechas, mas são livres. Façamos, a partir de hoje, a oração que os pássaros dirigem aos céus no despontar de cada manhã. Digam: Deuses, que dai de comer aos pássaros, dai-nos de comer também. Vamos, repitam.

Os homens repetem:

– Deuses, que dai de comer aos pássaros, dai-nos de comer também.

Arriscando-se a um novo castigo, Lumbulule questiona:

– Estamos longe de casa, General. Deixamos muito para trás a terra dos Chopes. Afinal, onde vamos?

– Para um lugar sem nome, um lugar que nenhum humano ousou conquistar, caçar a andorinha que cagou no olho do imperador.

– Sim, meu General.

– Lumbulule, meu refilão, já ouviste falar do país das andorinhas?

– Quer a verdade, meu General?

– Fiz-te uma pergunta.

– O reino das andorinhas nunca se alcança – explica Lumbulule. – Elas vivem a primavera eterna, sem noite nem inverno, sem calor nem frio. São livres.

– Livres? O que é para ti a liberdade, Lumbulule?

Fica em silêncio e voa num mundo sem guerras, nem castigos. Um mundo onde tudo é amor, sonho e sorriso.

– Não me respondes? – pergunta o general.

De novo o silêncio.

– Tens muita razão, Lumbulule. A liberdade não se expressa. Vive-se.

## 6

– O general ainda não voltou? pergunta o imperador pela milésima vez.

– Não – responde Xabalala, o conselheiro.

– Por que demora tanto?

– Porque as andorinhas refugiam-se por trás da abóbada, depois do Zulwine, nesse lugar onde ninguém ainda conseguiu chegar com os pés vivos.

– Pressinto traição.

– Não, não creio. Doze luas completas durou a viagem de Mossurize a Manjacaze. Dez luas demora o parto de uma criança. Quanto tempo leva a marcha até o país das andorinhas?

– E se o general não regressar?

– Voltará.

– Quando? – Em breve. O gordo imperador está a emagrecer. As guerras dos portugueses são poderosas e Nguyuzá não volta.

– Será que devo mandar outra expedição para resgatá-los? – Ficaria sem guarnição, Majestade. É perigoso – aconselha Xabalala.

## 7

Viajam os pés na terra e os olhos no céu. Passam voando as andorinhas, bailarinas, cantoras, brincalhões. Qual delas provocou esta tortura? Esta? Aquela? Nenhuma? Para trás ficou a terra das andorinhas loucas, porque estas são elegantes, respeitadas, não cagam em qualquer lugar.

O Império de Gaza ficou lá atrás. O seu imperador foi engolido pela distância, apenas reside na memória dos caminhantes. Escutam-se por todo o lado as vozes dos guerreiros que

gritam como pastores de gado: vai, segue, marcha, voa! O povo se arrasta na luta contra a distância. Vão mudos, para não perderem energias com falas inúteis.

Chegaram às margens do rio Nhathe, o Zambeze. Mergulharam naquelas águas e se purificaram. E voltaram a caminhar.

Chegaram ao Rio Chire e atravessaram.

Chegaram a um lugar.

De um lado, o monte. Do outro lado, o rio. Entre o monte e o rio, a terra é fêmea, virgem em cio, aguardando a fecundação dos braços viris de um povo macho. Sol ameno. Águas termais em abundância para tratar das feridas causadas pela marcha infinita. Olharam todos para o alto. Os contornos do monte se desenham com exatidão e elegância. Lugar ideal para a construção de um sonho antigo.

A descoberta de novas paisagens faz crescer, na alma, sentimentos novos: A sacerdotisa olha para o general. E ele olha para ela. E o Nguyuzza sente chegado o momento.

Nguyuzza ordena uma paragem.

– Chegamos ao reino das andorinhas.

– Chegamos? – perguntam os guerreiros, as mulheres e as crianças.

– Chegamos, sim.

A êxtase, finalmente!

– Como é belo o reino das andorinhas!

Todos conheciam, afinal, este lugar. Fazia parte dos sonhos. Sem saber que ele existia na realidade. Também não sabiam que um dia a ele chegariam nas asas de uma andorinha. O solo é negro como as mulheres da terra. Do monte, os antários balançam no sol ameno. Nos campos, os cajus maduros, as mangas, anonas, mafiluas colam-se às bocas sedentas de beijos e a fome morre num instante. Mergulham os pés nas águas termais e as feridas da marcha curam em pouco tempo.

– Boa gente – diz o general – estamos aqui para semear uma nova bandeira. Chegamos à terra prometida.

O sonho maravilhoso se transforma em realidade. O fim em princípio. Para trás, ficou o triste cenário de um império em queda.

Com as capulanas das mulheres fizeram-se redes de pesca. Com as catanas dos homens desbravaram-se as matas e fizeram as hortas. Nos bicos dos pelicanos, os grãos de milho, de laranja, limão. Da cloaca das andorinhas, vieram as sementes de goiaba, de tomate, de papaieira.

Finalmente, a fartura, o delírio.

– Por que não nos disse a verdade, General?



- Eu menti?
- Não, mas...
- As grandes mentiras incubam grandes verdades.
- E as andorinhas, General?
- Se queres conhecer a liberdade, segue o rasto das andorinhas.

\*\*\*

A sacerdotisa e o general sobem ao monte de mãos dadas. Chegam ao ponto alto, bem perto do Zulu. Do trono de pedra que a natureza criou, Ngyuza senta-se como um rei e contempla as estrelas a partir do alto. Cansado dos céus, desce à terra para olhar o sol no espelho da água.

Recorda o seu percurso de homem. Menino ainda, recrutado para a guerra. Recorda a adolescência dos desejos. Com tanta mulher bela sem poder tocar em nenhuma sob pena de morte. Porque, naquele império, mulher era prêmio de homem bravo, na vitória de um combate. Bateu-se como um leão e conseguiu a primeira. De tantas batalhas, colecionou o seu harém. Ao todo dez, sem a escolha nem paixão, segundo a escolha do imperador. Todas são belas, obedientes, simples troféus, prêmios, espólio, todas elas com sabor a guerra.

Abraça a sacerdotisa e celebra a primeira conquista, a primeira paixão e o primeiro beijo. E descobre que o verdadeiro amor é uma viagem curta para dentro de si próprio.

8

Andorinhas!

Quem nunca as viu? Cantam e dançam, por cima de todas as coisas. Querem ouvi-las? Tem de levantar os olhos para o céu, o Zulwine, lavar os olhos no azul que tranquiliza a alma e escutá-las. Elas inspiram-nos a descobrir a grandeza da alma na imensidão do mundo.

Quem lhes conhece a idade? Quando nasceram?

Elas dançam em roda as cantigas da eternidade desde o princípio do mundo. De onde vêm elas? Daqui. Dali. De todo o lado. De lugar nenhum. São o olho de Deus no controle do mundo.

Primeiro foi o verbo.

Depois foi a natureza, os rios, os ventos e as estrelas. Seguiram-se os animais. Depois o homem e, finalmente, a mulher.

Ninguém se pode gabar de ter assistido ao parto de uma andorinha. Porque elas existiram sempre. Mas elas testemunham todos os nossos partos. Em cada nascimento, elas estão lá, colorindo o céu, para informar ao mundo a chegada de mais um. Trazem, no bico, a mensagem dos mortos na celebração da nova vida.

Elas informam da partida do sol e da chegada das flores. Dizem-nos quando a chuva cairá, verdadeiros protetores da humanidade.

Se, na ordem da criação, as andorinhas são mais velhas que a humanidade, como pode um simples mortal pretender silenciar o seu superior, na hierarquia da existência?

## 9

Os olhos do imperador se perdem no milheiral verde, carregando às costas espigas fartas. Aumentando o número de rebanhos. O gado triplicou. As mulheres engravidaram e pariram muitos filhos machos, guerreiros do futuro. Os inimigos foram dominados. O poder é absoluto.

Um homem forte vem e se ajoelha, pedindo clemência.

– Quem és?

– Sou o Matibyana, o rei dos Rongas.

– O que queres aqui?

– A proteção.

O gordo imperador olha para os lados. Chama o principal conselheiro:

– O que achas, Xabalala?

– Não o receba, Majestade.

– Por quê?

– Vai atrair o azar para a nossa terra.

– Qual azar?

– Os portugueses.

– Esses? Que poder têm eles para me amaldiçoar?

– Tem armas de fogo, Alteza. Esse homem andou metido em querelas. Virão importunar-nos.

– Estás cego, Xabalala. Vejo apenas um ser encolhido, de joelhos tão submisso, para o prazer dos meus olhos. Mal aqui chegou, se transformou em mulher. Não é rei nenhum. Um rei não se ajoelha e nem pede clemência. Como posso eu recusar uma fêmea pedindo abrigo?

– E se os portugueses reagirem, Majestade?

– Tenho um exército poderoso.

– De momento está ausente.

– Onde foram?

– Ah, majestade! Enviou-os numa missão punitiva para disciplinar as andorinhas. —

Ainda não regressaram?

– Não. Por isso mesmo, não se deve meter em querelas.

– Ah, mas voltarão dentro em breve. Os portugueses não me assustam.

– E se não voltarem?

– Voltam sim, voltam. Os meus guerreiros são nobres e dignos servos do seu imperador.

– Pressinto traição, Majestade!

– Não me fale de traição, Xabalala. Jamais serei traído. Deixem o Matibyana refugiar-se aqui. Isso irá aumentar o meu poder sobre os Rongas.

Xabalala tenta persuadir, em vão. O gordo imperador é teimoso e só faz o que quer.

Matibyana ficou e os portugueses reagiram. Vieram. Em todo o império, a ameaça.

– Onde está o meu melhor general, para me libertar dos invasores – gritava o imperador, atrapalhado. – Xabalala, tens notícias do Ngyuza? Por que é que não regressa? Onde está o meu povo e os meus melhores guerreiros?

– As lanças dos guerreiros não alcançam os céus. As fígadas de pássaros não atingem o horizonte. Eles só voltarão com a missão cumprida.

– Vocês sabiam e nada me disseram? Por que não me aconselharam?

– Acaso nos pediu um conselho?

– O império está ameaçado.

– Em breve, será destruído.

– Xabalala, faz alguma coisa. Manda mensageiros e chama de volta o Ngyuza e os meus guerreiros!

– As vozes humanas não atingem o horizonte.

\*\*\*

Coolela.

Sipaios negros sitiam o abrigo do imperador, obedecendo ao comando dos portugueses. Penetram. Amarram o mais alto do império pelos pulsos. Um nó. Outro nó. Arrastam-no para fora e exibem a caçada.

O ato é moroso como uma exibição teatral. Para que o mundo inteiro veja. Para que todos testemunhem que na terra há um amanhecer diferente. A velocidade da ação parou no

tempo. Não há gritos. Nem sangue. Nem generais gritando ordens de guerra. O imperador foi preso pelos portugueses sem resistência.

Só te enfeiteça quem contigo vive, recorda o imperador, desconfiando dos autores daquela trama. Xabalala, seu conselheiro, é um homem afável de muitas palavras e muitos rostos. Dono do gado e das belas mulheres, capaz de castrar o próprio sexo por uma migalha de poder. Esse indivíduo era capaz de tudo para usurpar o seu império. Ele e os Chopes devem estar por detrás disto.

Nguyuzá, por que me abandonaste?

Por uma caganita de andorinha, enfraqueci a segurança do meu império. Os melhores homens partiram para nunca mais voltar!

Os olhos do povo assistem ao insólito. Tudo isto é por causa do rei dos Rongas.

Confirmam-se ditados e provérbios antigos.

Tudo passa.

Não há mal que perdura.

De bom mel não se enche a colher.

O imperador nasceu num berço de ouro.

Nunca tivera uma ferida no corpo nem uma dor na alma. Ouvira a palavra humilhação da boca dos seus vassalos. Não a sentira. A hora chega para todos.

Sonhos, tempestades, remorsos, esperança, desespero bailam na mente do imperador como uma revoada de pássaros. Nos olhos, o desalento. Reconhecendo que estava perdido para sempre. Lamenta. Os meus guerreiros acobardaram-se, pela primeira vez. Baixaram as armas e me deixaram à mercê dos invasores. A vingança dos mortos caiu sobre mim. Por quê?

Faz o ato de contrição e se arrepende.

Por causa do cheiro de sangue impregnado no corpo. Pelos cem guerreiros mortos, por querer silenciar os hipopótamos no lago. Quinhentos guerreiros que se evadiram na caçada de andorinhas. Pelos milhares de Chopes cujas orelhas mandei vavar a sangue frio, com canivete, só para lhes enfiar brincos de mulher. Pelo derramamento de sangue nas guerras sem fim.

Será que isso é algum mal?

Governar é matar antes de ser morto. Conquistar é roubar, espoliar, roubar, expulsar. A traição é uma lança disfarçada de sorriso.

A busca do rei dos Rongas é apenas um pretexto, para este ato. Que espécie de imperador seria eu, se não protegesse os meus aliados, só por temer os estrangeiros?

Agora que me têm cativo, que farão de mim? Deportar-me? Matar-me? Destituir-me?

– Senta-te no chão, imperador Bantu – grita um soldado branco.

– Humilha-te perante o poder do novo império! – ordena o sipaio negro.

Os sipaios agem com prepotência, saboreando uma glória que não lhes pertence.

Uma andorinha lança uma caganita que lhe cai no cocuruto. O imperador tenta limpar a cabeça com as mãos amarradas. Os invasores riem-se. O imperador sente uma vertigem de fúria. Como se a andorinha despertasse na mente ondas de revolta. Ri-se. Movimenta os lábios e cospe no rosto de um soldado branco. Os sipaios se espantam. O homem, que parecia vencido, agora parece revestido de novos poderes. De onde lhe veio tanto poder e tanta ousadia?

– Estás agora preso, imperador Bantu!

– Colocaram-me diante do povo para me verem chorar? Mas enganam-se – diz o imperador. – Um rei não chora e nem verga. O rei não implora mesmo que o matem. Um rei nasce rei e morre rei. Nas democracias do mundo, se elege os serviçais sem linhagem, não os soberanos. Sou imperador apesar de preso. Serei imperador mesmo depois de morto. Serei sempre imperador na memória do meu povo. Nunca me ajoelharei perante nenhum poder deste mundo. Sentar-me na areia, diante dos subalternos?

Estrelas faíscam na mente. Espadas tilintam nos seus ouvidos e escuta as vozes dos bravos guerreiros em gritos de guerra. E descobre. A alma emerge das trevas e ele sorri. Afinal, não morri! Descobre. A prisão é a porta para a evasão do espírito. Extasiado de futuro, declama.

– Vem a mim, amanhã distante, e abre os olhos destes sipaios que me atormentam. Vai, meu coração, vai. Leva-me a galope no jumento do tempo. Quero voar ao lado das andorinhas para mais depressa trazer novas primaveras nesta terra.

– Obedece à prisão, rei Bantu.

– Eu não sou um homem, sou um povo. A alma de um povo não se prende, voa livre como as andorinhas.

– O que julgas ainda ser? Pensas ainda vencer as espingardas com as tuas lanças de pau, imperador negro? – pergunta o soldado branco.

– Eu sou o futuro e a certeza. Conheço os enigmas do além. Dentro de mim, reside a chave dos mistérios do amanhã. O futuro será risonho e verdejante, para lá do tempo. Esta terra, juro-vos, vestirá as cores de todas as primaveras.

– Como é que sabes, rei Bantu?

– Do futuro me vem o aroma de buganvílias, cajus, bananas e lírios, de canho, de mafilua. Oíço à distância o toque dos batuques de glória. Os campos estão cobertos de milho. A liberdade virá!

– Insultas a dignidade do novo império. Vamos matar-te.

– Prendei-me, matai-me à vontade, que o ventre desta terra já está fecundo.

As mulheres, experientes na arte do choro, hoje praticam-no com muita inspiração. As lágrimas dos homens se refletem no suor dos corpos. A luz da mente se acende. Vem-lhe um deslumbramento que o levará a semear, na terra, uma vida nova. Descobre que a palavra é a única semente que sobrevive à corrosão do tempo. O momento é fértil, é preciso semeá-la. Então, fala para os ouvidos do mundo:

– O meu corpo recolhe agora para a prisão, mas eu fico. O barco me arrastará para terras distantes, mas eu fico. Mulheres da minha terra, minhas mães, não choreis, que o vosso ventre está fecundo de futuro. Na linha do futuro, se ergue a morte e a nova vida. Com um poder muito mais alto, surgirá de vós, mulheres de N'wanati, aquele que irá salvar este povo. Estes invasores lutarão por calar a voz dos vossos ventres, que as gerações novas esquecerão por um instante, os ventres das mulheres dos deuses estrangeiros. Não se deixem intimidar por estes negros sipaios nem com soldados brancos. Quem se ri deste fim chorará no próximo princípio. Tudo isso passará.

– As guerras dos portugueses são poderosas, mas somos nobres. Seremos sempre reis aqui nas margens deste rio onde dormem espíritos dos N'wanati. E eu hei-de voltar. Com outra forma, noutro tempo, encarnado na outra geração, mas hei-de voltar!

Se os sipaios tivessem olhado para aquele prisioneiro com mais atenção, teriam visto, nos olhos do imperador, o parto de uma certeza.

Choro e canto, silêncio e dança no jogo da incerteza. Os rivais celebram o momento. Não sabemos o que o futuro nos reserva, mas sabemos que as nossas orelhas jamais serão vavadas.

Arrastado como um peixe morto. Metido num carro e num barco que caminhou sobre as águas divinas. Lá no degredo, o imperador ganhou um nome novo, batizaram-no e obrigaram-no a comer bacalhau e azeitonas.

\*\*\*

Abatidos pelos acontecimentos, os dois sipaios cochicham, saboreando o bom repasto, prêmio recebido pelo serviço prestado. Umhas postas de bacalhau e cinco litros de vinho inquinado. Demasiado pouco para o preço de um império.

– Gostei de ver o malandro a ser conduzido para a prisão. – diz um deles – Levantei de felicidade quando recebi a missão.

– Por quê?

– Prender o homem mais importante do império não acontece todos os dias. Foi o ato mais importante da minha carreira.

– Gostaria de congratular-me, amigo, mas lamento dizer-te que fomos amaldiçoados.

– Por quê? Não gostaste?

– Ouviste aquelas coisas que disse sobre a liberdade? Em que confiava ele para dizer aquilo tudo? Viste como nos olhou? Foi como se descarregasse sobre nós todas as maldições deste mundo. Os olhos das vítimas transmitem as desgraças, sabes disso. Até cuspiu na cara do branco! De onde lhe vem tanto atrevimento? Consegues tu, interpretar aquilo?

– Eu?

Os dois não conseguem interpretar. Nem interpretarão. Não era ele quem falava. Era, sim, o passado falando na voz do futuro. Os antepassados revelam-se em cada instante nas vozes dos emissários do presente.

– Dentro daquele homem, reside o poder invulgar sobre as coisas de outro mundo.

– Achas, então, que ele estava possesso? – pergunta o segundo.

– Estava. Estava sim. Estava!

– Não me assustes!

Amarrei os braços de um homem que não morre.

– Podes ter razão. No momento em que o amarramos, ficou completamente desfalecido. De repente, ressuscitou. De onde lhe veio a força?

– Tudo aconteceu logo depois daquela caganita de pássaro, na cabeça do prisioneiro, não viste?

– Tens razão, sim. O tipo estava quase morto, mas, depois daquilo, ressuscitou de forma milagrosa. A caganita injetou energia pela cabeça

– Não acha que seja uma andorinha milagrosa?

– Pode ser. As andorinhas têm os seus mistérios.

– Por que não me disseste logo?

– Havia outra chance? Se recusássemos a ordem, morreríamos. Aceitando-a, condenamo-nos. Os brancos, que sabiam disso, nem tocaram no prisioneiro. Mandaram-nos a nós para o abismo.

– O que pensas que nos vai acontecer?

O castigo supremo, amigo!

Ideias inquietantes conduzem-nos às trevas.

– Vou partir.

– Para onde?

– Para um lugar onde a maldição não me alcance.

O sipaio levanta-se, cambaleante. Caminha devagar. Acelera a marcha, como quem vai esvaziar a bexiga na árvore mais próxima. Começa a correr como um louco e desaparece na mata. O outro larga o copo e persegue. Encontra-o. Tarde demais. Era já um peixe flutuando no espaço. Enforcou-se! Os olhos abertos do amigo morto pareciam transmitir imprecisões. Enlouqueceu para sempre.

O povo inteiro aclamou a vingança dos espíritos.

Várias imagens ficam gravadas na mente daquele povo. Um branco, de chapéu e calças de caqui e botas altas. Uma montada vigorosa, nobre, de pelo reluzente. Sipaio preto, coqueiro vermelho, calções e botas altas. Mauser. Tiros.

\*\*\*

Muitos anos depois, as mães ainda teriam o trabalho de satisfazer a curiosidade das crianças, que perguntavam sem parar.

– Quem era aquele ser tão monumental, com quatro patas, duas cabeças, uma de animal e outra humana com pele branca?

– Era um homem cavalo. Homem, sabem o que é. O cavalo é uma espécie de burro, mas é muito mais forte e só os chefes montam.

– O homem tinha nome?

– Sim. O homem da montada chamava-se Muzimo wa Buquene (Mouzinho de Albuquerque).

– E o cavalo? Tinha nome?

A resposta é apenas o riso triste.

– Dizem que o imperador falou muito nessa hora. O que dizia ele?

– Cantou hinos à liberdade.

– Como cantava ele?

– Ah, não sei muito bem.

– Canta, mãe, canta um pouco, só para nós ouvirmos!

As mães repetiam, mas com voz baixa para não despertar a ira dos novos invasores. Porque o discurso era um hino de liberdade.

“Continuarei a viver aqui no coração do meu povo. Eu vos digo, portugueses, eu estou aqui, eu não saio, lutarei por esta terra até os confins da eternidade. Estarei sempre aqui, na



forma de uma andorinha. Para predizer o futuro e celebrar os ritos de vida e morte. Para escolher o homem bravo que lutará pela liberdade desta terra. A liberdade virá, eu juro!”

\*\*\*

Os Chopes perceberam que o imperador, apesar da rivalidade, era um bom amigo. Depois daquela invasão, viria outra. Com novos impostos e novas escravaturas. Por isso, organizaram msahos e timbilas e recitaram poemas. Gomocumu se tornou célebre nesse tempo:

“Vinde, vinde todos  
 Vinde todos ouvir a antiga  
 Não quereis conhecer quem governou o império?  
 Ngungunhou homens, ngungunhou mulheres  
 Mas perdeu a liberdade  
 Por tentar matar uma andorinha!”

## MAUNDLANE- O CRIADOR

1

*As histórias da avó começam da mesma maneira  
 Que é sempre a melhor maneira de começar  
 Karingana wa Karingana*

Era uma vez...

Um homem muito doente. Depois de experimentar todas as formas de cura, se desesperou. Então, pediu ajuda aos filhos para procurar o curandeiro de todos os milagres. O filho guerreiro, movido pela experiência dos grandes combates, partiu em busca do curandeiro. Venceu planícies, pântanos, montanhas e entrou na floresta. Chegado ao local indicado, pronunciou palavras mágicas. O curandeiro apareceu sob a forma de uma serpente medonha. O guerreiro, aterrorizado, esqueceu a missão e fugiu. Chegou a vez do segundo filho. Este tentou a sorte, mas aconteceu o mesmo. Pânico, medo e fuga. O terceiro também pediu para experimentar. O pai disse logo que não. Porque ele era fraquinho, magrinho, inexperiente. Se

até os pais não conseguiram, que faria uma criancinha indefesa? Depois de muitos choros e muitas súplicas, o pai deixou o menino experimentar a sorte. Partiu. Com muita dificuldade, chegou ao coração da floresta. Pronunciou encantamentos como o pai dissera. O monstro medonho fez a sua aparição. Contrariamente ao que se esperava, o menino não fugiu e quem se espanta é o monstro que pergunta:

- Não tens medo de mim?
- Tenho. Tenho muito medo.
- Então, por que não foges?
- Porque não posso voltar sem cumprir a promessa.
- E se eu te comer?
- Mais importante que o medo é a saúde do meu pai.
- Teimoso! Leva-me, então, nos teus ombros e mostra-me o caminho.

A serpente enrola-se no miúdo e ambos caminham. Não vale a pena descrever o cansaço do rapaz, o espanto das pessoas que o viram a caminho e que, apavoradas, colocaram-se em lugares seguros para assistir ao insólito. Chegou à casa mais morto que vivo. A serpente que, afinal, era um deus, largou o menino, enrolou o pai e devolveu-lhe a vida. E tudo acabou bem.

## 2

Um menino dorme na esteira e sonha com a história dos três irmãos. Desperta de madrugada, com muita surpresa. O herói da história era ele. Sorri.

– Por que é que, só nos contos à volta da fogueira, os pequenos vencem? – pergunta-se. Serei, algum dia, um vencedor? Vencedor de quê, se sou um pobre sem pai? No sonho, transportara uma cobra medonha, muito mais pesada que as suas forças. Mas se era sonho, por que é que o corpo me dói como se fosse realidade? Seria ele, na vida real, capaz de semelhante sacrifício?

Desperta a avó e faz uma pergunta.

- O que foi? Tens pesadelos?
- O sonho, avó. Aquela história materializou-se.

Conta os pormenores.

A canção de Gomucumu diz o mesmo: “se queres tocar a mbila, debes primeiro sonhar com ela.” Aquilo era belo demais para ser um sonho.

- Serei eu capaz de tamanho sacrifício, avó?
- Já foste capaz!

– Aonde?

– No sonho, ora essa. Para ser herói na vida, é preciso ser herói no sonho.

– Estou a falar da vida real, avó!

– Não crês em ti?

– Crer em quê?

– É, meu anjo. Os mortos dialogam com os vivos através dos sonhos.

– Acha que o meu pai está doente lá no outro mundo?

– Claro que não. Ele está num lugar sem sofrimento.

– Ele está morto, não é assim?

– Não, não está. Só vive do outro lado. Apesar de ausente, continua a velar por ti. Mandou-te o sonho para testar a tua coragem e tu revelaste o teu valor, meu neto.

O menino passa a mão pelos olhos. Surpreende-se. Estão úmidos. Transportou as lágrimas do sonho para a realidade. Suspira

– Era belo o sonho, avó. Como foi bom ouvir a voz do meu pai no meu ouvido: “a meta se alcança com coragem”. Quem me dera estar ao lado do meu pai. Ah, meu pai que nunca tive, cujo rosto nem ao menos vi. Por que é que o sonho terminou, avó?

– Dorme, meu anjo. Amanhã é dia de trabalho.

– Avó, fala-me do meu pai. Como era ele?

– O teu pai? – responde pela milionésima vez. – Grande filho ele foi. Grande marido. Grande pai ele foi e é, meu menino.

A avó fungava de lágrimas disfarçadas pela noite, ao recordar o filho perdido.

O menino tenta dormir de novo. Palavras soltas bailam na mente como uma chuva de pirilampos. No lugar de sono, a reflexão.

A terra está doente, dizem todas as vozes. Os tocadores de timbila exibem toda a sua perícia nas batucadas dos deuses e as mulheres dançam convulsivamente na invocação das chuvas. Mas a chuva que cai já não basta, dizem. Os espíritos bons recolheram para si a bênção e a boa sorte, tudo é triste, diz a mãe. O sol é cada vez mais forte e a pastagem rala. O povo, esse, está muito doente, dizem os mais velhos.

Pode-se curar a doença de todo um povo? Como? Há sipaios negros que fazem rusgas, apanham gente, deportam, matam e espalham a tal doença da terra. Com muitas espingardas e muitos castigos. E para piorar tudo, anda no ar um ser misterioso, metade homem, metade cavalo, o tal Muzimo wa Buquene. Desde que o tal monstro capturou o Imperador de Gaza, a chuva tornou-se escassa. Para piorar mais ainda, quando alguém escapa da rusga dos sipaios, é apanhado pelo tal homem cavalo.

Os antepassados lhe chamam Chivambo, o rei. Aqui começa a confusão na cabeça do menino, que o leva a este monólogo. Dizem que fui rei, lá nesses tempos mortos. Que tipo de rei? Rei morto? Rei mártir? Mas que grande mania têm estes antepassados de definir destinos, códigos, mistérios no nome de um sujeito! A minha mãe acredita piamente nessa loucura e passa a vida a chamar-me rei, reizinho, que até acabo acreditando nela. Sou um rei mesmo. Rei descalço, em trono de palha, neste presépio que é a minha morada. A minha mãe é igualzinha a todas as outras. Sonhadora. Fecha os olhos aos problemas do mundo e embeleza os meus caminhos com flores do campo. Quando era pequeno, sentia-me mesmo rei e tudo fazia às birras e aos berros, para ela me prestar vassalagem. Bons momentos, aqueles!

Dzovo e Mondlane eram os apelidos do menino, nomes com muitos significados de histórias antigas. Na escola, chamaram-lhe Eduardo.

Chitlango era o cognome dado pelos amigos da pastagem e depressa adaptado por todos e até mesmo pela família. Ele gostava desse cognome e o ostentava com orgulho. Nada mais elegante que usar por ser um nome de bravura, proteção, escudo de guerra, que torna qualquer guerreiro invulnerável às investidas do inimigo.

Proteção de quê? – pergunta-se. Aqui, os colonos matam tudo o que lhes passa pela frente. Matam leões e elefantes, florestas, pessoas. E eu, com este magnífico nome, o que protejo? As galinhas, talvez. Uma vez, tive que proteger os ovos da nossa capoeira, quando os meus colegas os queriam espiar e depois petiscar nas pastagens. Dessa vez, agi mesmo como Chitlango e fui a tempo de evitar o desastre.

Um dia depois do trabalho, fizeram uma pausa para o lanche. Falavam, riam e faziam os seus planos de futuro.

– Eu quero ser mineiro, para trazer muito dinheiro e poder casar com duas mulheres de uma só vez. Se não for apanhado pela rusga e ser levado para o xibalo – disse o que parecia mais velho.

– Eu quero trabalhar nas minas para poder comprar um relógio que pia e depois pisca. Quero ter um rádio e uma bicicleta. Hei-de comprar um gramofone, se não for preso e deportado para o desconhecido – gritava outro, de olhos postos no céu, mergulhando na profundidade do sonho.

– Eu quero guiar um caminhão e vender carvão e depois casar com uma mulher gorda que cozinha bem. Ao longo da estrada, hei de comprar galinhas, batatas, carne de caça e maçarocas, que hei de meter no caminhão, levar para casa e dar à minha mãe para cozinhar. A

mim esses sipaios não me vão apanhar. Vou lhes fintar – falava o gorducho, com ares de comilão.

Todos fazem plano menos o Chitlango.

– Ei, molengão! – gritava o que parecia mais velho. – Tu, não dizes nada? Vai ficar a vida inteira nas saias da avó, reizinho da mamã? Não precisas de falar, eu cá sei o que vais ser: tens um belo corpo para ser machileiro, Chitlango. Com todo esse porte, vais mesmo carregar uma machila com um branco gordo lá dentro, assim como fazem os burros e os cavalos. Mas como já há carros, vais ser mineiro. Ou um lenhador. Ou escravo plantador.

Dito isto, a malta explodia em risos e fazia o maior esforço do mundo para não chorar. Ele não queria ser machileiro, nem mineiro, muito menos ser casado. Incomodava-lhe o fato de saber que os jovens que partiam para as minas morriam no subterrâneo ou regressavam cheios de doenças. Outros eram deportados, para não mais voltar. As raparigas mais lindas da aldeia eram arrastadas para serem criadas nas casas dos brancos e acabavam arruinadas pelo vinho e aguardente, nos mercados de sexo.

Uma vez foi à Vila de Manjacaze e viu muitos condenados na construção do caminho-de-ferro. Um capataz branco, com fuzil nas costas e chicote na mão. Viu também um sipaio negro, com um bastão, que gritava como um louco para os condenados: Quer erguer os ombros? Chicote. Olha para o lado? Chicote. Vai ao mato, urinar? Chicote. Depois insultava, seu negro preguiçoso, na hora de trabalho não se mijar, não se fala. Quer mijar? Chicote! Chitlango morreu de medo e sufocou um grito de espanto: como pode um negro ser tão mau para outros negros?

Os pensamentos de amargura convidam Chitlango a uma balada soturna. Ele dança.

Sou filho de uma pátria agreste, onde se matam os homens para que as mulheres sofram de enxada na mão, alimentando, sozinhas, a nova geração de escravos. Tal como a minha mãe. Sou da pátria onde os homens emigram à busca da vida e só regressam à terra mortos, ou com vícios e cheios de doenças. Sou desta pátria que nasceu para dar e nunca para receber. Tiramos tudo esses colonos. A nossa terra, os nossos túmulos, os nossos corpos, a nossa saúde. Pressinto que serei eu o próximo mártir. Meu Deus, este regime vai fazer de mim um machileiro! Não me posso imaginar a transportar um branco naquele monstruoso palanquim.

No peito adolescente, celebra-se o parto do primeiro medo, na inauguração das incertezas. Estou a crescer, em breve, terei que sair de casa, para ser escravo. De repente, lhe vem a necessidade de chorar só um bocadinho, para diluir o fel que cresce e se adensa, criando azedume no sangue. As primeiras lágrimas correm e ele as trava num instante. Um Chivambo não chora, dissera a mãe. Um Chitlango não se verga, mesmo que sofra, repetia a avó. Volta a sorrir de incredulidade e mais uma vez se questiona. Chitlango eu? Protetor? Protetor por quê,

se nem sei ler? Protetor de quem, e nem tenho pai e muito menos uma azagaia? Protegendo o quê, se sou protegido por duas pobres mulheres, que se esfalfam de sol a sol, para me garantir alimento.

Depois dessas conversas, se apartava do grupo e ficava no seu canto, na celebração solitária de um porvir de incertezas. A mente navegava no discurso da avó e nos lamentos de cada dia.

“Os filhos deixam-nos, esquecem-nos – diz ela. Escrevem-nos uma vez, duas vezes e mais nada! O meu filho, mandou-me uma carta e um cobertor. Teve ao menos dó do meu reumatismo, mas a manta já apodreceu.”

A mãe canta com novas palavras o mesmo signo de desespero.

“Os homens, na África do Sul, comem, bebem, casam-se, enquanto nós, as mulheres que os pusemos no mundo, vergamos debaixo da carga, somos desprezados. Por que estas panelas aqui na palhota, a não ser porque a cozinha não se põe de pé? As térmitas, a podridão, o uso arruinaram-na. Na próxima ventania vai desabar.”

Por vezes, a mãe chora em silêncio. Chitlango aprecia a beleza de um rosto chorando. A solenidade das lágrimas caindo. Nos rostos destas mulheres, ele descobriu a sua impotência. A terra é também impotente, uma terra também solteira, sem homens, cujas mulheres carregam milhões de tormentos. Por vezes, assola-lhe a vontade de consolar a mãe e a terra, mas sente-se pequeno, impotente. Onde irei eu buscar a consolo da terra, se não passo de um pastorzinho de cabras? Sou Chitlango apenas no nome, sou Chivambo, apenas no sonho, eu não sou ninguém.

Da sua mente, nasce uma ideia luminosa e ele corre aos braços da avó, para anunciá-la.

– Avó, haverá um remédio para parar de crescer?

– Remédio de quê?

– Não quero mais crescer, avó, quero estar sempre assim.

– Oh! Olha só! Manamasse wê? Vem ouvir o que me pede o teu filho! Oh, então não queres crescer?

– Quero ser sempre criança!

– Por quê?

– Para não ser machileiro. Para não ser deportado. Para não sair daqui.

– Lindo menino! Saiba, pois, que és o homem da casa. O único. Deves crescer muito depressa, para ajudar a tua mãe e a tua avó. Tu és Chivambo, não te esqueças disso.

– Sim, avó.

– Promete-me, então, que vais crescer e depressa.

– Sim, mas não quero ser machileiro, nem contratado.

– Terás que lutar contra isso.

– Lutarei, sim. Lutarei mesmo. Lutarei muito! – grita com convicção.

– Ah, meu anjo, é assim que os homens falam.

De repente, começa a querer entender melhor os brancos. Saber o que lhes leva a sair das suas terras distantes para vir desterrar-se nesta terrícola pobre e pacata. Que espécie de gente era aquela que deixa tudo o que há de bom e de melhor na sua terra, para se fixar aqui? Queria perceber por que é que, sendo estrangeiros, se julgam donos da vida alheia. Por exemplo, diziam: aqui é Portugal Moçambique. Que contradição! Como é que uma terra pode ser outra ao mesmo tempo? Achava engraçada a história de registrar a terra, como se alguém pudesse pegá-la, dobrá-la, embrulhá-la num lençol, carrega-la no navio ou no avião para ser registrada numa repartição qualquer de Portugal. Com as pessoas é fácil, porque elas têm pernas e andam. Mas... à terra? Por que é que eles trazem agonia, desespero, noites intermináveis de medo e raiva? Queria perceber por que é que o poder humano controla a terra, mas não controla o sol. Queria conhecer a raiz de um poder que só maltratava os indefesos, mas não consegue mudar o ciclo das estações.

– Vamos comer, rapaz, come bem e cresce. És o homem da casa. – dizia a mãe com um grande sorriso.

– Sou o único homem da casa? – questiona-se Chitlango. – O que faz o homem da casa pra melhorar a vida? Como saberei, se o pai morreu pouco depois do meu nascimento? Tenho que aprender tudo e saber tudo. Quero conhecer aquela língua com que os invasores conspiram contra nosso povo. Quero conhecer os livros que usam, para registrar a nossa terra em nome deles. Quero conhecer aqueles sinais que escrevem nos livros deles. Quero conhecer todos os seus truques para lhes poder fintar e escapar. Sou o homem da casa, tenho que saber de tudo.

Um dia, matriculou-se na escola. Para saber tudo e ser o homem da casa. Encontrou, na escola dos indígenas, professores negros, arrogantes, que torturavam os alunos, obrigando-os a servi-los nas suas lides domésticas como ir ao rio buscar água, deixando pouco tempo para estudar. Nos livros daquela escola, não encontrou sequer uma linha sobre a história da terra. Não havia uma só linha sobre o heroico Chivambo, rei e general que conduziu os homens há cem anos, como toda gente dizia. Da famosa batalha, não se fala. Mas tinha muitas imagens das suas rainhas, gordas, feias e preguiçosas, sempre com rendas penduradas no corpo, como se seus ombros fossem cabides. Elas aparecem com as mãos limpas, de que nunca trabalhou a terra, e comem à custa do suor dos escravos. Quando falam da terra, aparecem tudo trocado. Por exemplo: a palavra N' wanati não existia. Só tinha Limpopo. O Nhyathe não estava escrito e no seu lugar vinha apenas Zambeze. Não somos nada – concluiu. Os nossos nomes nem

constam nos livros que estudamos, não existimos. Que imagem terrível fazem do imperador! O que dizem dele! Mas era bem melhor a vida com o imperador do que com o invasor, segundo a minha avó. E eu? Quem sou eu no meio desta tragédia? No pensamento deles, tudo o que não está escrito, não existe. Então, não existo.

Transferiu-se para a escola de missão, onde se reencontrou. Ali, as pessoas aprendiam português, mas falavam a sua língua sem receio. E cantavam em coros, eram lindíssimos. Na ânsia de melhor entender, tudo aprendeu. Mas, antes de amadurecer, para ser o homem da casa, a mãe perdeu a vida e a avó morreu em seguida.

## 4

Sou órfão!

Como poderei eu ser o homem da casa, na vossa ausência, minha mãe? Chitlango grita, desconsolado. Prometi uma bicicleta e um vestido para a mãe. Prometi uma manta nova e o remédio para o reumatismo da avó. Quem irá receber quando conseguir comprar? À minha volta, tudo é vazio. Aqui em casa, as velhas cabanas vão desabar de vez, serão ruínas.

Sou órfão!

Sou uma folha murcha no frio, de uma árvore seca, já não tenho ninho. Quem me contará as histórias fantásticas na fogueira do anoitecer? Quem me irá alimentar o espírito com a sabedoria dos antigos que foram excluídos dos livros da nossa escola? Por que não me vêm buscar, porque me deixaram aqui? Vamos, corre, minha alma, voa. Leva-me para lá, onde tudo é esquecimento.

Olha para o horizonte. Perscruta o infinito à busca de um sinal.

Ninguém ainda decifrou os segredos da morte. Ninguém. A presença dos mortos na memória dos vivos é nó da continuidade entre o aqui e o além.

Se a avó estivesse aqui, não choraria, saberia como embalar-me. Por que partiste e me deixaste sozinha? Não me deixe sozinho, avó, leva-me também para o teu mundo.

Fecha os olhos e saboreia a invisível presença dos seus monos e, quando volta a abri-los, estão cobertos de lágrimas. É a marca de água no regresso à terra depois do mergulho louco no oceano fundo, onde todos os antepassados dormem.

Os prazeres que gozava na aldeia, por ser Chivambo, já acabaram. Terei que enfrentar sozinho os castigos dos mais velhos, lá nas pastagens, avó, virei ao teu encontro. Caminharei para além do infinito ao encontro do meu pai, para embalar a dor da tua ausência, minha mãe.



Estou só.

Os vossos corpos estão sepultados neste chão que já não nos pertence por decreto. Qualquer dia, os túmulos sagrados serão expulsos pelos edifícios da modernidade. Se isso acontecer, o que será de mim?

Vou caminhar sim. Quem abrir as portas desse horizonte que vos esconde. Não conheço o caminho, não tenho Farnel, nem sandálias de pneu para seguir os passos do infinito, mas vou marchar, eu vou.

Arruma os seus pertences e diz adeus à terra que o viu nascer. Segue pela estrada do mundo, com convicções novas. O que está nos túmulos é poeira, é terra, mas é no peito dos vivos que os mortos celebram a eterna presença.

Em cada pessoa, as imagens de duas mulheres bailam nas recordações do menino.

Esta pegada na areia faz lembrar o pé da minha mãe. Este azul, este brilho, fazem lembrar o lenço da minha mãe. Este sorriso, este rosto, parece o rosto da minha avó. E este homem? Tão alto, tão nobre, tão digno, é tal e qual o meu pai cujo rosto nem ao menos vi.

Caminhou por mundos desconhecidos. Arriscando-se a ser preso, maltratado, deportado. Nos momentos de medo, a voz da mãe soava-lhe aos ouvidos:

– Tu não és igual aos outros rapazes, tu és o nosso grande Chivambo. – dizia a mãe – Tu reinaste anos e anos sobre esta terra. Quando se é Chivambo, não se chora por tudo e por nada. Tu és o grande Chivambo, não te esqueças disso. És o senhor valente que conduziu os homens à batalha!

A marcha do Chitlango conhece momentos críticos, na encruzilhada dos caminhos. Seguindo um, terá os problemas resolvidos de imediato. Seguindo outro, espera-lhe a fome e o sacrifício, finalmente o benefício. Qual dos dois seguir? Este ou aquele? Ah, meu pai, se estivesses aqui, me protegerias. Avó, que sempre tomaste a decisão certa, que caminho devo seguir? O que faço agora?

A resposta aparece inaudível, na linguagem das pedras. Chitlango escuta o vazio. Desespera e dedara.

– Não te preocupes, mãe. Farei tudo muito bem feito, tal como me ensinaste. Em cada gesto meu germinará uma flor em tua memória, porque farei sempre tudo o que gostarias que eu fizesse. Quero que tenhas orgulho de mim, mãe. Ensinaste-me a justiça, a dignidade, a humanidade. Sou agora teu mensageiro na materialização de todos os teus princípios. Um dia, o mundo inteiro irá te agradecer, mãe, porque vem de ti a minha existência.

Os tempos difíceis apareciam e desapareciam, como o sol e a penumbra. Umhas vezes, sem alimentos. Outras vezes, sem vestimentas. Mas ele sabia que tinha que caminhar sozinho, sabia que tinha que vencer. Nesses momentos, as palavras da avó visitavam-lhe a memória:

– Não tenhas medo, Chivambo. Lembra-te que Dzovo, Kambane, Chivambo-o-Velho velam por ti. És tu quem vai erguer de novo o nosso clã!

Então, estrangulava-lhe a vontade de ir atrás dela e percorrer caminhos e atalhos, como nos velhos tempos. Queria tanto derrubar as paredes do além e penetrar. E chamar por todos os mortos. Conhecia-lhes os nomes. Ensinando os segredos do invisível, a mãe o mandara repetir, dia após dia, o nome de todos os antepassados. Mas sabia que a invocação de todos esses nomes de nada servia naquele instante. Então, chorava:

– Eu sei avó. Sei que me acenas com flores brancas desse lado onde estás. Sei que me acompanhas a cada passo, sinto-o. Lembras-te das palavras de mel que me dizias aos meus ouvidos, avó? São as relíquias que hoje iluminam a minha vida, porque tu me criaste com a maior sabedoria do mundo.

Ninguém conseguiu ainda a transposição da muralha tumular e realizar um passeio no reino das sombras. Nem os médiuns lograram esse mérito desde o princípio da vida. Só o tempo.

O tempo, esse governador da vida e do ciclo das estações. Que determina os signos e os destinos dos homens. Que cura as feridas da alma. Que faz um órfão descobrir a cura do sofrimento. Que amadurece a fruta e as mentes da gente. Só o tempo, esse tempo maravilhoso, misterioso, caprichoso, que faz suceder as gerações e encerrou o pai na pedra tumular.

De novo, a imagem do pai.

Meu pai. Como seria ele se estivesse vivo?

De novo, a voz da mãe, vencendo as fronteiras do tempo:

– O teu pai era um homem benevolente. Que se impunha pela sua inteligência, pela sua magna estatura e musculatura delicada. Só vestia pele de animais nobres, caçadas pelos próprios filhos, que lhe assentavam admiravelmente.

## 5

Hoje, Chivambo quer colorir a mente com as doces memórias do passado. Por isso, recorda a avó. Se soubesse a data do seu nascimento ou da sua morte, colocaria flores na sua campa. Quando tudo aconteceu, era ainda menino e não tinha quem lhe ajudasse a registrar. Não conhecia ainda a importância das datas na celebração da vida. Hoje, recorda a avó com intensidade. A sua habilidade de vestir os sonhos com as cores do arco-íris e colocar leveza no

fardo da vida. Recorda a sua mãe. Visionária. Profetisa. Crente de um mundo onde a justiça hiberna e, por isso, não se cansava de incitar a bravura do próprio filho para a batalha pela liberdade.

Hoje, Chitlango quer recordar os tempos da incerteza e da solidão, quando não tinha com quem partilhar uma ideia, um sonho, uma visão, ou um simples sorriso. Ele olha para trás e coloca uma coroa de flores sobre o passado. Dá por si, espreguiçando-se e celebrando a vida em êxtase e canto.

Venho da nobreza, mas vivi na extrema pobreza. Os invasores transformaram a nossa realeza Chivambo num trono de areia e coroa de lata. Por consequência, duas mulheres lutaram pela minha sobrevivência. Estou vivo e estou aqui.

Foi a inteligência da minha avó que me fez sábio.

Foi o amor da minha mãe que me fez humano.

Foi a imagem do meu pai que me fez mais homem.

Fui às pastagens e me tornei pastor.

Veio a dor da morte da mãe e da avó. Lutei contra ela e venci.

Parti à conquista dos saberes dos brancos, lá onde a memória das palavras é substituída por símbolos, letras, alfabeto. Escalei Manjacaze, Chicumbane, Mause. Venci a distância. Viajei para Lourenço Marques, numa camioneta mais incômoda que um chapa. Cheguei.

Estudei tudo num zás e passei todas as classes.

Na igreja, me tornei catequista.

Na escola, me tornei professor.

Em Portugal, me quiseram transformar em sipaio, arruinei as malas e parti.

O Regime Sul-Africano era mais feroz, queria sufocar a minha liberdade. Fintei-lhe e fugi.

Sou um pobre órfão de pai e mãe.

Venho de longe!

Conquistei esta América com os pés descalços!

O Chitlango estava ali, naquele gabinete confortável, num gabinete moderno, com computador e ar condicionado. Vive uma ansiedade inexplicável, teve um sonho. Sonhou rodeado de mulheres da sua aldeia. No sonho, viu sangue, música e fogueira. A mãe chorava e sorria. E lhe entregava as armas de Chivambo-o-Velho: um arco de madeira carcomida e umas

flechas de madeira e pontinhas de ferro. Viu a avó a coroá-lo com um m'boti de palha e a vesti-lo com peles de leopardo.

O sonho era bom, mas misterioso.

Faz todo o esforço do mundo para concentrar-se na sua atividade, mas não consegue. Pede à secretária para não incomodar e se esforça por conseguir um minuto de concentração, mas esta bate-lhe à porta pouco depois. Ele larga o trabalho e diz:

– Ordenei que não me incomodasse.

– Sim, Dr. Chivambo, mas...

– Mas o quê?

Chegou.

O quê?

– A carta que veio de longe!

Toda essa conversa é feita em inglês, no gabinete das Nações Unidas, lá na América. Ele recebe o envelope nervosamente e o abre. Vê as primeiras linhas. A secretária volta para o seu posto.

Querido Chitlango – ele lê. – A escravatura acabou nos decretos, mas em África os povos são explorados no próprio solo. A terra sangra. De todo o lado, só choros de desespero. Os homens bravos lutam com paus e pedras e resistem tenazmente como bandos dispersos, cada um por si e, desta forma, a vitória é impossível.

Palavras amargas como fel no reavivar das feridas antigas. A memória desperta e voa.

– Como estará a terra onde nasci? E as ruínas? Ainda não existem?

"A doença ataca o nosso país – continua a ler – cada dia são mais massacres, torturas e deportações. Até as mulheres são levadas para o xibalo e pagam o imposto da palhota."

Estremece.

Os seus olhos de homem se molham fustigados pela tempestade repentina. Escravizam as mulheres? É o fim. Quando os homens partem, elas ficam e a vida se ajeita. Como fez a minha mãe. E a minha avó. Porque a mãe é a pedra basilar e sem a qual a vida não existe. A avó é a guardiã sem a qual nenhum mistério se revela. Sentiu que não havia mais tempo a perder. Não poderia permitir que mais crianças crescessem sem pai, nem mãe, nem avós. Ele conhece a dor da orfandade.

Enterrou a cabeça entre os braços e chorou ao redescobrir, em si mesmo, a infância interrompida.

Abre os olhos no despertar dos sonâmbulos. Penetra, confuso, na identificação das coisas. Que lugar é este? Quem sou eu aqui? Do torpor daquele instante, uma figura antiga se

ergue nos contornos da memória, por detrás da neblina como todos os seres do além. E recordava-lhe as sabedorias de todos os tempos.

"Sabes o que é ser alguém, meu neto, sabes? Não sabes? Ser alguém é parar de chorar. É ver a tristeza a morrer e o sorriso a nascer. É ter a certeza de que um corpo morre para que outro cresça. É poder semear a mafurreira, árvore que nunca morre. É poder andar descalço e colher as flores do campo. Conversar com os pássaros. Olhar o horizonte sem medo e apreciar o voo das águias. É poder dormir com a certeza de que o sol nascerá e a chuva cairá eternamente."

O Dr. Chitlango ergue o peito, suspira: – Obrigado, avó, por me ensinares a sonhar!

Logo a seguir, questiona-se. O que é ter um diploma, se não tenho chão? O que significa ter dinheiro na mão, perante a fome de um irmão? De que vale o conforto daqui, se na minha terra o teto ardeu? Vem-lhe a memória do pai. Chefe de terra ocupada, sofrida, mas que era alguém. Com esposas e filhos esfomeados, mas era alguém. Recordado com elogios e saudade, porque tinha nome e tinha chão. Mesmo ele, de menino, foi um órfão feliz, porque tinha mãe. Agora, a carta informa-lhe que, lá na terra, os bebês já não brincam no colo das mães, porque os braços das mulheres têm que produzir algodão, ouro e pagar imposto aos invasores. Se eu não posso lutar contra este sofrimento, então não sou ninguém. Esta América de sonhos me dá tudo, mas sou apenas mais um, não sou ninguém. Mas sou alguém na minha terra sofrida. Lá, ao menos sou o Chivambo, o Chitlango, o Dzovo Maundlane!

Vem-lhe à mente a parábola dos tempos. Das cem ovelhas, uma está perdida. O bom pastor, que larga todas e empreende a busca da ovelha perdida. Pensa na sua terra e a parábola se inverte. Lá, de cem ovelhas, salvou-se apenas uma. Noventa e nove se encontram perdidas nos prados. Como recuperá-las? Recorda a experiência de pastorícia, ganha na infância. Recordou o dia em que salvou uma manada inteira de uma queimada, na mata cerrada. Sorriu. Já fiz isso com bois e deu certo. E com almas humanas? Poderei eu ajudar as noventa e nove ovelhas a sair do fogo?

Escuta a voz da mãe, ecoando do princípio do mundo.

"Chitlango, és o homem bravo que conduziu os homens à batalha! És tu quem vai erguer de novo o nosso clã!"

Sente em si a invocação do mundo, com aquelas palavras doces e frescas que o fizeram homem. Ergue-se confiante, com certezas vindas do nada. Ele não conseguirá nunca explicai a magia daquele instante. Vai para a janela e fixa os olhos no horizonte.

No chamamento da pátria, se revelou o supremo destino.

\*\*\*

A secretária, compreendendo o torpor em que se envolvera o seu superior, apressa-se a corrigir o erro.

– Perdoa-me, Doutor. Pensei que gostaria de saber notícias da sua terra. Se soubesse que a carta o iria transtornar dessa forma, teria escolhido outro momento...

– A carta? Oh! Não sabe o quanto lhe estou grata. Esta carta transformou a minha vida.

– Como?

– Vou partir.

– Para onde, assim tão de repente?

– Para a minha terra.

– Há? Quando? Por quê?

– Agora!

– Oh! O que será deste gabinete sem a sua presença?

– A minha terra, percebe? É como se tivessem violado a minha mãe. Não posso ficar aqui, calado, não posso.

– Pensa bem, doutor! Aqui está bem. Muito bem. O mundo inteiro luta por um lugar aqui nas Nações Unidas.

Agora, que o Doutor conseguiu tudo, quer voltar para trás?

Chitlango ergue-se. Coloca o chapéu sobre a cabeça. No braço esquerdo, o casaco e, no direito, a pasta. Quer ir olhar o horizonte ávido do mundo.

– Para trás? Não, não voltarei nunca mais! Vou, sim, para a frente. Quero lançar-me no azul profundo, no voo das águias. Vou perseguir a primavera como todas as andorinhas! Para trás? Nunca mais!

\*\*\*

Chegou à sua terra e mergulhou na floresta densa. Viu os cajueiros. As mangueiras. As mafurreiras reverberando nas savanas. Viu o povo. O seu povo! E abriu as narinas para beber com volúpia cheiro da terra. Saboreia imagens antigas no ato de renascimento. Como é bom voltar aos braços da terra mãe!

Andou às escondidas com medo do regime, que não o suportaria e o mataria, por ser o exemplo vivo de que todos somos iguais. Por ter mostrado, pela prática, que uma galinha é uma galinha e uma águia é uma águia. Que o ser humano não tem asas, mas voa, e a mente foi feita

de liberdade. Mostrou, ainda, que ser negro não significa ser escravo. Ele é o modelo, ele é o sonho, o espelho onde o povo inteiro se reflete.

Deixou, assim, o emprego bom, o bom carro, para voltar a andar a pé e descalço ao lado dos irmãos do seu país. Caminhou até a Tanzânia e reuniu os lutadores dispersos. Os grupos de guerreiros, muito céticos, olharam-no com suspeita. Perguntaram:

– Quem és tu, que vens de longe e falas a língua dos brancos?

– Sou o Chitlango, o Chivambo.

– Pareces um estrangeiro, já não és dos nossos. Como foste parar em terras estranhas?

– Sou órfão de pai e mãe. Sozinho, desafiei o mundo. Descobri que, onde há seres humanos, há sempre uma família. Que o coração é maior que o infinito. Foi assim que muitas mãos me seguraram e me mostraram o caminho para a arca da vida. Da vida aprendi tudo. A hierarquia e a autodefesa nas pastagens. Os signos mágicos com que se abrem os livros dos mistérios, nas escolas do mundo. Andei de avião como os pássaros.

– Como venceste, tu, as feras dos caminhos? E a solidão profunda? Como acabaste com o desânimo, o medo, a fome, a incerteza, órfão que dizes ser?

– As vozes dos meus antepassados falaram sempre ao meu ouvido. Abri os meus sentidos para os sinais do sol e da noite. Perscrutei as vozes do tempo e os murmúrios de sangue dos deportados e de todos os massacrados. Nos momentos mais amargos do percurso, eu lia a Bíblia. As canções da igreja embalavam a minha alma. Lia, cantava, chorava. A fome desaparecia por milagre. O espírito se forjava, as feras se afastavam e os pesadelos se espantavam. E eu marchava, sereno.

– És demasiado nobre para ser guerrilheiro. Tu és um estrangeiro. Dominas os instrumentos dos outros e não os nossos, Chitlango.

– A guitarra, que tens nos ombros, também é estrangeira, mas aí colocas o sopro da tua própria alma. Instrumentos dos outros? Ainda bem que os tenho. Haverá arma melhor que esse domínio, para matar a cobra com o próprio veneno?

Os guerreiros quedam-se em silêncio. Porque o mundo se cala quando a verdade passa. As palavras que escutam banham as mentes em ondas de mel, fazendo nascer certezas.

– Tu que nos falas em união, diz-nos: alguma vez estiveste numa guerra? Tens as mãos demasiado delicadas para ser um guerreiro. Falas fino como um menino mimado.

– Eu – responde Chitlango, divertido – pastei gado e defendi-o bem. Nenhum pastor a mim se igualava. Os meus socos eram temidos, era duro!

– Estamos a falar de armas.

– Foram fabricadas por mãos humanas. Dominam-se.

Chitlango fala do milagre das formigas. Pequenas, juntas, invisíveis, insignificantes, construindo dólmens, pirâmides, morros de salalé. Fala das estrelas no alto, pequenos pirilampos formando um manto celeste, para iluminar o mundo. Fala das abelhas, das colmeias e da doçura do mel. Repete a história dos três irmãos e da cura do pai doente. Fala da sua parábola predileta: a águia que fixa os olhos no sol, levanta as asas em voos inimagináveis. Fala da sua experiência de homem. Convence.

– Que ganhamos nós, ouvindo-te?

– Unamo-nos. Todas as armas num só feixe. Suportemos a amargura do percurso, para redimir o sofrimento do povo. Venceremos!

– Unirmo-nos? – Os guerrilheiros refletem, uns nos outros, pequenas rivalidades e acusações infundadas. – Nós? Unidos a esses?

– Formemos a grande corrente humana, que levará a cobra sagrada até a cura da nossa terra doente.

– E as armas, de onde virão? Somos camponeses, não temos dinheiro no bolso – argumentam.

– Quem tem cabeça, tem dinheiro na mão. Já viram a distância entre a cabeça e a mão? Nenhuma. A mão vai ao encontro da cabeça num zás e de lá tira o dinheiro que mete no bolso. Não custa nada, quem bem pensa, tem tudo!

Os guerreiros se encantam. Os verdadeiros profetas não aparecem apenas nos livros da eternidade. Por vezes, conosco caminham e saboreiam as amarguras do percurso. Vagueiam como nós nas estradas da vida. Por vezes, os confundimos com mendigos ou loucos, porque temos os olhos vendados pelos brilhos nefastos deste mundo.

– Sejam os libertadores da nossa terra, martirizada pelo sistema colonial. Unamo-nos – repete Chitlango.

– Não queríamos a guerra, mas os sipaios agridem-nos.

– Tudo se fere na hora da gestação. O sol na terra. Catana no tronco. Enxada no solo. A semente brotando. O filho no parto.

– Nós queríamos a paz.

– A paz é milho – diz Chitlango – semeia-se. Sejam nós os selecionadores das sementes do novo milheiral. Abramos clareiras nas florestas das nossas mentes, para que o sol penetre. Temos que varrer o lixo do peito para deixar o novo milho nascer!

Os guerreiros esqueceram os medos. Deixaram as querelas azedas e selaram o pacto. Tomaram uma decisão que não tinha volta.

– Compreendemos. O que fazemos, agora?



– Lutemos.

– Até quando?

– Até a vitória final.

Os invasores tinham grandes meios de fato. Cães medonhos. Cavalos e sipaios. Espingardas. Aviões que provocavam incêndios celestes. Eram poderosos!

Para acalmar o medo, o Chitlango fazia o papel de avó dos guerrilheiros e contava histórias à volta da fogueira. Quem conta um conto, acrescenta uns ponto. Era uma vez um pai doente. Os dois filhos valentes acobardaram-se diante do desafio. O mais pequeno, o mais franzino... Então, acrescenta os seus pontos, enaltecendo a bravura que vem da inteligência e da perseverança.

– Uma vitória de ganha com coragem – resumia.

Imbuídos pela urgência de salvar, os guerreiros, unidos, transportaram nos ombros a cobra para a cura da terra. Um atrás do outro, como patinhos no lago. Serpenteavam pelas matas, pelos rios, pelos montes. Quem nunca os viu? Transportando nos ombros armas pesadas, sacudu, cantil de água e outro material bélico, como uma verdadeira serpente do tamanho de uma nação. Cantando canções guerreiras, para despertar a bravura.

De vez em quando, os guerreiros suspendiam a marcha, apenas para admirar o líder e compreendê-lo:

– Quem és tu, que vens de tão longe e nos falas com a linguagem das estrelas? Cada frase tua nos remete à imensidão de nós mesmos e nos faz descobrir a exata dimensão da nossa grandeza. Tu és tão jovem, tão menino, não tens nem um cabelo branco, mas és o senhor valente que nos conduz à batalha! És tu quem vai erguer a bandeira da nossa terra, Chitlango!

A estas perguntas, ele respondia, sereno:

– Herdei a perseverança da minha mãe. A sapiência da minha avó. A nobreza do meu pai. De todos os antepassados, herdei esta força, esta bravura.

Os guerreiros, emocionados, aclamaram numa só voz:

– Acenda as nossas mentes com a vela da tua sapiência. Lava, com a tua luz, todas as diferenças, para que não haja mais raças, nem tribo, nem região dentro desta marcha. Molda-nos num só barro e sopra a tua bravura nos passos dos tímidos e dos indecisos. Dirija-nos com a tua sapiência. Leva-nos ao alto do monte e ensina-nos a descobrir o infinito, num voo de águia!

Finalmente, Chitlango assume o trono de fogo no reino de guerra. E portou-se tal como o seu pai, segundo a descrição da mãe. Homem benevolente. Que se impõe pela sua inteligência, pela sua magna estatura e musculatura delicada. A única diferença é que, enquanto o pai usava

peles de animais nobres, o Chitlango vestia a farda de guerrilheiro, um boné e botas militares, que lhe assentavam admiravelmente!

## 7

Passaram-se anos.

Um dia, pouco depois do sol nascer, Chidango poisa os olhos no mar. Algo inexprimível lhe atraía àquele miradouro. Não era doença, nem preguiça, nem meio-termo. O mar, exibindo novas miragens, convoca-o para o útero do mundo. Talvez seja cansaço. A luta contra o colonialismo produzira já muitas vitórias, exigindo novas dinâmicas. Mas, hoje, não quer ao menos pensar. Só quer descansar.

Olha para o ar. O céu, sem nuvens, é um útero azul. O mar, uma estrada azul. Céu e mar arrastam-no na azulada viagem para o desconhecido. No horizonte, vê o reflexo da própria alma e escuta as vozes dos seres amadas que nunca se alcançam.

– Sinto vontade de dormir hoje.

A memória executa, no silêncio, a dança dos pássaros. Ascende. Descende. Recua. Prossegue. Os passos de dança são de bravura e júbilo. De alegrias e certezas. Chitlango mergulha na onda e balança. A música de vento é fértil, inspiradora. Canta em surdina as canções da pastorícia em extasiados murmúrios.

Venho de longe.

Conquistei a América com os pés descalços.

Conduzi os homens à batalha, que vai erguer de novo o clã da nossa pátria!

Cresce nas matas a vibração da guerra, a vitória é certa. Mesmo que eu morra, a liberdade me libertará.

Extasia-se.

– Ah, liberdade amada! A ti devotei toda a minha senda. Por ti me esfalfô, por ti eu morro, eu te amo! És primavera, és vida, és princípio. Por te amar, me fiz guerrilheiro. Por ti, me designei mensageiro do porvir, a ponto de desafiar os limites do meu próprio corpo. Em ti, renascerei reverberante, como a semente de milho no beijo do orvalho. Por ti, liberdade, a luta continua, até transformar em chamas essa cruz e essa espada assassinas, tão empenhadas na ceifa da vida.

Chegou correspondência. Alguém lhe entrega o envelope que continha um livro. O livro era negro, tinha marcas de poeira. Cheirava a sangue e pólvora. Ao abri-lo, se abriu também a página de uma vida nova.

O livro ribombou. Relampejou. Iluminou. Chitlango viaja no estrondo para o mundo do sono que nunca acaba. Dormir era tudo o que queria naquele amanhecer.

Cumpriu-se a bênção e a maldição da sua sina: "pelos livros vives, pelos livros morrerás!"

\*\*\*

A avó perguntara-o várias vezes: – Meu Chivambo, sabes o que é a eternidade? Sabes como se faz? Ele a cabeça no gesto do não e ela explicava assim: do milho de ontem, nasceu o milho de hoje. Deste nascerá o milho de amanhã. Da formiga de ontem, veio a formiga de hoje, que irá gerar a formiga de futuro.

A árvore morta gerou a árvore viva que, na próxima geração, se transformará em árvore nova. Até a areia se transforma em pó, pedra, rocha, monte, casa, ponte. Mas volta a ser pó e, de novo, areia. Porque a eternidade é uma estrada, um caminho, estafeta, passagem de testemunho. Tudo começa no princípio que já ninguém vê, vai até lá, onde tudo acaba para começar outra vez. O amanhã caduca ao amanhecer, mas renova-se automaticamente. Ninguém pode parar este ciclo. És o homem da casa, sabes disso. Por isso, tens que aprender tudo, preservar a tua vida e a tua saúde para que o eido não termine. Meu Chivambo, tens contigo as sementes da eternidade. Tens o passado, o presente e o futuro dentro desse corpinho. Cuida, cuida-te, Chitlango, cresce, cumpre com coragem a tua sina! Estamos aqui desde o princípio do mundo, por que é que os invasores nos estão a matar? A vida deve continuar e eles têm de parar de nos massacrar.

8

Chitlango está diante da avó, como nos velhos tempos. Olha para todos os lados e pestaneja. Na mente, bailam imagens oníricas. Estou a viver um sonho bom — pensa. Viajando nas imagens da infância, para descansar a guerra. Nesta manhã, descansar era tudo o que ele queria.

– O sol nasceu, Chivambo. – diz a avó. – Feliz despertar para a nova vida.

A avó fala com urna sonoridade nova.

Olha-a intensamente. A imagem franzina, irrequieta. As linhas do corpo tinham algo de fantástico. Tinha algo de mágico e de extraordinário aquele corpo.

– Chivambo, filho de Khambane, acorda! Vai fazer xixi, depois lava o rosto e as mãos. Aqui está o teu pequeno almoço. É para ti esta maçaroca e esta bola de mandioca. Vá, lava o teu rosto depressa e vem contar-me coisas do outro mundo.

Imagens idílicas correm difusas na memória. Inspecciona tudo o que lhe rodeia, movido pela incredulidade. Vê o presépio iluminado da sua infância e a avó sorri. Na pradaria, as cabras saltam e os bois mugem suavemente. Questiona.

– Avó, és tu mesmo, a verdadeira?

– Ah, meu sonâmbulo, lava o rosto e desperta.

Ela sorriu. Na sua boca, os dentes, completos, brilham como bagas de milho fresco. Quando se deu esta renovação, esta mudança, se os dentes estavam envelhecidos, cariados, cansados? Então, descobre. A saudade projeta no espaço as memórias da mente, tudo não passa de um sonho.

Acarícia-o. Chitlango sente uma carícia suave como invisíveis ondas das brisas, transportando-o aos signos antigos com sentimentos novos.

– Como vim parar aqui?

– Tu? Dormiste toda a manhã, preguiçoso, acorda!

– Dormi? Sim, claro.

Ela estivera diante dele nos momentos todos. Assistindo-o como matrona no primeiro parto. E tudo se repetiu no segundo parto.

– Vieste assim, encaracolado, como uma semente brotando do ventre da terra. Recebeste. Estavas ensanguentado e chorão, tal como no primeiro nascimento. Vinhas todo partido, estilhaçado, mas costurei-te e te recompus como uma bordadeira.

– Eu? Acabado de nascer?

– Sim. Depois de cuidar, a tua mãe deu-me o seio e cantou uma cantiga. Adormeceste num sono longo, profundo. O sono de renascimento!

Então, ela explica tudo. Diz que ele de renasceu e agora vive na morada do tempo. E fala do ciclo de todas as coisas que crescem e amadurecem para voltar a nascer. Diz que, na vida, nada se repete, mas se renova, com outros ciclos, outras formas, outras encarnações. Mesmo a via láctea, iluminando o céu, não se repete nunca, renova-se, cada tempo faz a sua história.

– Será que eu morri, avó?

– Morte é sono e mudança, sabes disso, Chitlango.

Esta é uma lição antiga que a avó não tem dificuldade de repetir. Diz que a morte é a vida que dorme. Que, na natureza, tudo o que dorme acorda e volta a dormir.

– Não morri?

– Vieste do passado e agora estás aqui, estás presente. Tu me falas e eu respondo, sem médiuns, nem missas, nem oferendas, porque estou na tua presença.

A explicação é lógica como a geometria. Chitlango procura, então, os pontos de simetria. Eu estou aqui. O além é tudo o que ficou do lado de lá. Morte não é ausência, mas transferência do aqui, para o além. Então, não morri, apenas me transferei. A morte não existe.

Chitlango surpreende-se. É como se nunca tivesse dali partido. Como se o tempo tivesse parado. Como se ele nunca tivesse crescido. Como é que fiquei assim, pequeno? – Pergunta-se. Antes de dormir, eu era adulto. Será que eu minguei?

Foi então que de reparou. A avó está mais leve que antes. Ela anda e fala com a fluidez das brisas. Espanta-se, também, consigo próprio.

– Se morri, então, onde está o céu?

– O céu é apenas o infinito.

– Haverá anjos por aqui?

– O que diferencia aqui e além é a leveza e o peso. Aqui, a gravidade não nos prende. Não se caminha, levita-se. A leveza celeste é o voo dos anjos.

– Gosta de estar aqui?

– Muito. No além, o estômago humano anda sempre cheio, o que deforma a alma e bloqueia o intelecto. Aqui, varremos o lixo mundano e deixamos no além. Vivemos bem.

Avó e neto abraçam-se, princípio e fim no mesmo ponto. É por isso que os avós celebram o nascimento de um neto, renovação do ciclo de existência. O parto de um neto vem e confirma a projeção de uma eternidade que iniciou no princípio do mundo. Por isso, enchem o imaginário dos netos com fábulas, cantigas, fantasias, celebrando na antecipação um ciclo que fecha e a certeza da vida que continua.

Mesmo nos braços da avó, a mente de Chitlango não se tranquiliza. Procura entender o milagre da sua partida daquele lugar que se tornou além. Procura vestígios da cadeira onde estivera sentado, da varanda, do livro que abrira.

– Um estrondo violento fustigou-me o corpo, avó.

– Todo o parto é violento – responde a avó. – A vida começa com lágrimas e termina com outras.

– Aquele estrondo era urna bomba.

– As salvas de canhão anunciam a chegada dos heróis, tal como o fumo e a neblina anunciam o aparecimento das estrelas nos palcos da humanidade.

– Senti uma suprema dor...

– A porta dos tempos se abre com vigor e muita dor. A morte tranquila é como a fortuna, pertence a poucos. O parto da alma se faz com muito sofrimento.

Aprende da avó os mistérios do tempo, esse soberano que encerra todos os poderes sobre a vida. Que cura as doenças e amadurece os cajuí em todas as estações e faz as galinhas produzirem mais ovos. Tempo invisível que transforma o corpo em leveza no parto da alma.

– Fui traído, avó.

– Foste imortalizado na memória do tempo.

Em silêncio, resume todos os passos. Um caminho. Interrupção. Queda. Renascimento. No ponto de chegada, se retorna ao ponto de partida. Serenidade e leveza em que se penetra depois da outra vida.

– Vieste num violento tropel. Mil cavalos te trouxeram da fronteira – explica a avó. Tiveste uma entrada triunfal, com muita dança e muita pompa. O m'saho foi organizado por nobres artistas, que, enfileirados, tocaram a timbila de boas vindas. Não faltou o limbondo nem a muganda. A ngalanga e o nhambarro foram os pratos fortes e as moças lindas redemoinhavam como piões.

– Quando?

– Toda a noite. Celebrando a tua chegada ao novo mundo.

– Os anjos dançaram? Onde estão eles que ainda não vi?

– Consegues ver o teu próprio nariz?

– Como?

– És um deles.

– Eles quem?

– Os anjos.

– Mas não tenho asas.

– És uma águia, com grandes asas na mente – explica a avó. Voaste até às dimensões inimagináveis, a ponto de descobrires os segredos da criação. Eras um anjo, sempre foste, como é que não te reconheceste, Chitlango?

Depois do banho e do pequeno almoço, Chitlango passeia com a avó de mãos dadas nos carreiros da aldeia. Ele reconhece. Aqui, começa o repouso. O sol é um girassol suave, cujas pétalas se tangem. Aqui é o poente, germen do nascente. Deste miradouro se faz o parto do tempo e os sentimentos mágicos se urdem e se lançam no espaço. Aqui é o laboratório de reciclagem: ressuscitam-se e se renovam todas as vidas. Deste lado, partimos para o mundo e regressamos, sem barreiras nem fronteiras, somos deuses. Aqui, a vida não tem morte. Somos antigos, renascidos, reciclados e todos temos todas as idades.

- Quando se dará o meu juízo final:
- O teu o quê?
- O meu julgamento das coisas que andei a fazer do lado de lá.
- Julgar-te a ti?
- É o que nos diziam lá.
- Ninguém tocará em ti, ninguém!
- Por quê?

– Nos teus nomes Chitlango e Chivambo, residem os espíritos macho. Dos sobrenomes Dzovo e Mondlane vêm os espíritos fêmea. Quem tem poderes para julgar a ti, um ser completo, perfeito?

A avó fala com ternura de quem amou aquela criatura muito antes de ser gerada no ventre da mãe, que Chitlango aprendeu a amar desde a hora do nascimento. É sorte de poucos desfrutar a serenidade tranquilizante de uma avó que conhecia todos os segredos do cosmos.

– Fala-me desses nomes, avó.

– Aqui, tens outras realidades e outros códigos. Deste lado, o nome de Eduardo é de pouca monta, pertence ao mundo que deixaste. O nome de Chivambo é o que mais conta.

– Por que?

– Chivambo é sujeito e objeto de tortura. Chivambo é lança, é funda, é punhal. Cadafalso. Lugar de sofrimento. Foi mesmo por isso que os antigos te deram este nome. Tu personificas o sacrifício. Sofreste, mas venceste. Com a tua lança, derrubaste os calhaus que impediam a circulação dos rios e abriste os canais para a nova vida. És o Chivambo que desafiou os monstros e calou, num sopro, os mauseres e canhões dos invasora e todas as armas dos heróis do mar. És a serra que se dinamita à busca de pedra viva para construir da morada de uma nação. És tu apedra das pontes, que nos levam aos céus, às outras terras e outros continentes. És a rocha firme onde o oceano bate a fúria das suas ondas e reencontra a calma. És o monte alto que quebra a força dos fogos e dos ventos, para proteger as flores dos cajueiros. És a pedra fluida que acolchoa o leito dos oceanos, para que os navios de paz naveguem em segurança. Chitlango e Chivambo, espíritos machos em combinação perfeita. Arma e escudo. Abrigo e defesa. Sombra. Fortaleza.

De Dzovo e Maundalane, espíritos fêmea, veio esse teu lado criador e maternal. Ensinaste, pela prática, que ser órfão não é ser mendigo. Mostraste ao mundo que se dirige a vida pelo exemplo. Partilhaste sabedorias e sofrimentos, na construção do edifício perene dessa nação que cresce no ventre do planeta. Tu és o sacrifício, foste-o. Geraste a árvore sagrada, a seiva, a sombra, a fruta para alimentar a terra sedenta de justiça. Do teu ventre, Dzovo, geraste

milhões de filhos espirituais que transcendem a vastidão das fronteiras da nossa pátria. Não te prendeste às coisas boas desse mundo, não. Aceitaste o sacrifício de ser retalhado por uma bomba, transformando-te num repuxo de sangue, que transfunde vida nova na alma anêmica do nosso povo.

Mostraste ao mundo que duas mulheres, uma viúva e uma avó velha, podem educar um órfão com valores altíssimos, mesmo vivendo na extrema pobreza. Suportaste o sacrifício para erguer, no alto, a bandeira da nossa terra. És a nossa salvação, Chivambo.

– Sabes o que me entristece avó?

– Não, não sei.

– Os teus bisnetos crescerão sem mim.

– Estava escrito nas páginas da vida do teu pai, que tu, seu filho, viverias sem pai. E sem pai cresceriam os seus netos.

– Ah? Sabias avó?

– Sabia, sim. – Por que não me disseste?

– Para quê? A orfandade não começou contigo. Nem terminará com os teus filhos. Nas gerações futuras, milhares de crianças crescerão sem os pais, por causa de uma doença maligna, o tal SIDA. Serão educadas pelo amor imenso e pela sabedoria antiga das suas avós. Como tu, serão também sábias. Corajosas. Maravilhosas. Heróis e heroínas do seu tempo.

– Queria, ao menos, secar as lágrimas nos olhos de todos os que deixei do lado de lá, avó, o que faço?

– Tranquiliza-te Chivambo, que a vida é assim. Choro e dor são a sina de todos os mortais. Habitua-te.

– Habituar-me?

– Os homens bravos não morrem muito novos. A esposa do homem bravo é sempre uma viúva. O filho do bravo é sempre órfão. Sempre. Os filhos do bravo conhecem o pai apenas na memória e nele se inspiram. Sossega. Em cada gesto os teus filhos celebrarão a tua presença. És imortal.

Avó e neto se sentam sobre um monte para ver os pássaros que bailam no horizonte sobre o Lago Sulwe, tal como as pessoas do além se sentam no sofá diante do televisor. Só querem ver as andorinhas a bailar no horizonte.

Vozes emergem do além, suaves como água brotando de uma nascente. Falando de dor e de saudade. Chitlango apura os ouvidos e escuta. As vozes se ouvem sonoras, com a doçura das ondas de mel.

– Avó, estás a ouvir?



- Ouvir o quê?
- Essa cantiga Vem daquela direção.

A velha esgueira o pescoço e fica uns instantes em silêncio, para perceber as ondas sonoras. Ela não ouve, mas vê. É ali – aponta. Chivambo também visualiza sombras em movimento, naquela paisagem de encantamento. Eles estão no miradouro do mundo, onde tudo se vê, mas não se tange.

A avó, então, grita:

Munamasse wê!?

Munamasse, a mãe de Chivambo, está absorvida nas suas lides diárias, não escuta. Talvez esteja a fazer limpeza na cozinha. Talvez na horta, procurando verduras para o almoço. Talvez no mato, procurando lenha.

– Munamasse? Munamasse wê, vem, não me ouves? Vem ver o que se passa do lado de lá!

Ela larga o trabalho, vem a correr e pergunta:

- Estou aqui, minha sogra. O que foi?
- Olha para ali, Munamasse.
- O que é aquilo?
- A celebração do teu filho.

Uma cena comovente se reflete no espelho do horizonte. Urna multidão distante na marcha suave e disciplinada como formigas. Rodeando um caixão de madeira em choros convulsivos. Gritando palavras tristes, poemas e mensagens.

Mãe e filho se fundem num abraço nesse instante. Chivambo esquece tudo, saboreia o momento, declamando em surdina. Minha mãe, que me nasceu. Minha mãe, que nunca mais vi e por quem chorei. Minha mãe, minha canção de despertar, onde andavas, minha mãe?

Dorme meu anjo, sonha que a mãe está aqui. Estava ausente, sim. Tinha ido ao mato buscar lenha, buscar a fruta para comeres.

– Eu tinha saudades de ouvir o meu nome pronunciado pela tua voz, mãe. Tinha saudades da tua imagem em movimento, irrequieta, como uma galinha esgaravatando o chão, procurando alimento para me fazer homem.

As vozes do além interferem no sonho. Chivambo questiona:

- O que se passa ali?
- O teu funeral.

– Estão a viver os seus momentos de luto. A desafiar a morte. A questioná-la num grandioso ritual. Venerando o invisível sobre o teu túmulo.

– E por que choram tanto, mãe?

– É importante que chorem toda a dor que sentem antes de voltar para casa – explica Munamasse –, não só a que sentem por ti, mas todas as dores acumuladas no percurso. Vão em procissão colocar o marco da rua passagem num túmulo de pedra.

As vozes da multidão piam como pássaros no deserto, sedentos de água.

"Por que partiste e te penduraste aí, tão longe, Chivambo? Que faremos da tua farda de guerrilheiro, tua arma, tuas botas, teu cantil de água? Como aplicar a tua ausência a esta esposa que deixas com tantos filhos ao colo? Viveremos nós sem o teu consolo? Por que te escondes nesse matagal celeste? Prometeste-nos que, juntos, choraríamos nas noites de frio e de desespero. Que, juntos, celebraríamos a existência, no amanhecer das flores. Não queres voltar? Pois bem, ficas com uma nova tarefa: protege-nos, então, das tempestades satânicas deste mundo com o teu dzovo sagrado. Afasta-nos do fogo terrestre, destas epidemias, destas guerras que ainda hão de vir, com o teu chitlango celeste!"

– Eras tão amado assim? – pergunta a mãe, surpreendida. Desfila, no além, gente de todo o mundo. Machanganas e chingondos, todos juntos. Vejo indianos. Brancos. Chineses. Que belo! O mundo inteiro numa só pasta. A dor deles é tão verdadeira! O que fizeste tu para te chorarem assim?

Chivambo estava Fascinado. Sentia um violento temor, de alegria e de tristeza. De repente, sente que se materializam em si todas as vidas passadas recentemente. Guerreiro, pai, marido. Não consegue resistir à emoção do momento. Derrama lágrimas pelos seus filhos, que ainda hão de nascer: os filhos biológicos, sociais, espirituais, históricos.

– Por que choras, Chivambo? – pergunta a mãe.

– Pelos filhos que viverão sem mim, minha mãe!

– Viverão sem ti? – indaga a avó. – Vendo bem, a orfandade não existe. Quando a saudade vier, eles fecharão os olhos para despertar na mente as mais doces memórias. Nesse instante, estarás lá. Quando sentirem fraquezas mundanas e vacilarem perante qualquer obstáculo, bastará abrir as cortinas do tempo e recordar-te. Estarás lá, incólume, como os montes altos. Nos traços dos corpos deles, tu estás. Nos sonhos deles, tu estarás. Tu responderás a cada choro, a cada prece, porque estás.

– Também terei saudades, avó!

– É. Mas vou ensinar-te a transpor a barreira do tempo, a penetrar nos sonhos e revelar-te, quando eles dormem. Estarão sempre em contato.

Desesperado, ele tenta rasgar as cortinas do tempo e regressar ao além. Mas aquela cortina seletiva abre-se, recolhe, escolhe. Leva uns e deixa outros. Separa os que se amam. Emocionado, suplica:

- Mãe, preciso de voltar.
- Para onde? – Para o lado de lá. As crianças clamam pela minha presença, não vê?
- Teimoso. Não ouviste o que disse a avó?
- Quero ir, mãe. Só quero terminar tudo o que comecei.
- Tudo? O que queres tu dizer com esse teu "tudo"?
- A paz da terra, mãe. A liberdade do nosso país.
- Quando a planta germina, o ato da lavra termina.

Deixaste tua a árvore em terra fértil, crescerá. O bom plantador semeia e parte. Os humanos devem aprender a lição da natureza. A planta germinou, Chivambo, repousa.

– Só vou fazer uma rega.

– Ouve de uma vez, Chivambo – assevera a mãe. – Quem construiu a estrada que nos conduz? Quem semeou a árvore que nos abriga? Quem para aqui trouxe o primeiro grão de milho? Vida significa chegar e partir. Saborear a fruta criada pela própria mão é sorte de poucos, meu Chivambo. O sol que ascende também descende. O corpo que luta também repousa. Já fizeste o teu dever, que façam o deles.

– As crianças estão a chorar por mim, minha mãe!

– A tristeza de uns é a alegria de outros. No futebol, a equipa que perde sempre chora e a que ganha celebra aos urros. Fizemos uma festa de arrombaria &ira da tua chegada Ganhamos-te. Também te queremos do nosso lado.

– Só queria ver as cores dessa paz, minha mãe.

– Aqui, as pessoas não se prendem, viajam. Regressarás quando as deuses te incumbirem novas missões. Viveste cem anos, renasceste no meu ventre e renascerás outras vezes. Cumpriste já com todos os atributos dos nomes do teu destino. Descansa em paz, que agora estás morto.

– Morto, eu? – Recorda-se. Meu Deus, por transformar a vida em urgência, nem me dei conta de que a morte existe. Afinal, morri? Julguei que aquele ribombar era fogo de artifício na celebração antecipada do meu aniversário.

– Meu menino, agora és feito de paz e brisa. Nunca serás saudade, porque és a eterna presença. Tu falas e falarás a língua dos tempos que, afinal, sempre falaste, nessa tua voz doce e expressiva, como as andorinhas no voo de silêncio.

– Acha mesmo que estou morto, mãe?

– Morto? Alguém falou de morte por aqui?

– A mãe o disse, há pouco tempo.

– Eu? Nunca disse tal coisa, nunca! Tu, Chivambo nunca morrerás. Enganaram-se os que te queriam mal. Foi à tua sombra que pisaram, porque tu, meu reizinho descalço, estás vivo e estás aqui. Dos ventres maternos, nasce tudo: os pródigos, os perversos, os ingratos. Há filhos que valorizam os pais depois de os perder. Amando pela ausência e carência. Magoaram-te o ventre criador? Desperta o lado maternal do teu espírito e perdoa-os. Porque tu és o Dzovo, o Maundlane! Sabes o que significa o teu nome, não sabes?

Chitlango abana a cabeça anuindo. Porque sabia. Era a cantiga de embalar que a mãe lhe cantara ao ouvido, uma miríade de vezes.

“Maundlane, ou Mondlane, significa criador, protetor, incubador. Significa também piedoso, caridoso. Este apelido foi-nos dado pelo povo na consagração dos nossos atos. O reino de Chivambo-o-Velho recebia todos os necessitados. Aqui vinham todos os desprezados que não tinham pão nem leite, nem terra. Aqui se protegiam os condenados, os maltratados, os excluídos. Aqui se realizaram todos os que tinham fome e sede de justiça. Dzovo é a pele de animal que servia de manta, tanga, roupa. Era também alcofa do recém-nascido, do nascituro, e incubadora do prematura antes do surgimento do tecido. Todo aquele que vinha com frio no corpo e na alma recebia o seu dzovo das mãos de Chivambo-o-velho. Por isso, depois de muitas gerações, o povo inteiro nos saúda respeitosamente, com urna vênia e um sorriso, recita um intrincado poema, expressando a gratidão antiga: bons olhos te vejam, bom dia Dzovo, que incubou a alma do povo dzovo da vida, bom dia! Obrigado, Mondlane, de Nwanati, de Khambane de Dzovo, de Mbinguana, que nunca deixa um só grão de milho na aridez do deserto! Longa vida, Mondlane, obrigado e bom dia!”

– Foi a tua voz que me abriu os olhos que mais se iluminaram na dor amarga da escravatura. Da criminalidade pagã do colonialismo, cresceu a clarividência. As tuas palavras mágicas transformaram em riqueza a pobreza das nossas vidas. Ensinaste a amar e também a perdoar. Coroaste-me rei ainda no teu ventre, minha mãe!

A mãe abre a janela da própria alma. O voo na imensidão é profundo. Ela sucumbe de vertigens na alegria do reencontro. Delira. Não, meu Deus. Eu contava-te todas aquelas histórias de ninar, como qualquer pássaro espalhando sementes ao vento. É bom demais saber que a planta que semeou germinou. Mas quando a árvore é grande demais também espanta. Por isso, da abre a boca e suspira.

– Ah, meu menino, bênção da minha vida. Chitlango, nasceste mesmo de mim? – Como puderam os deuses colocar tanta luz, tantas estrelas, num só ventre, num só parto? Ah, meu menino, meu Chitlango, eu morro de felicidade!

Na mente de Munamasse, as eternas perguntas das mães. Como é a gravidez de um astro? É feita de espelhos? Terá o brilho diamantino da via láctea? Será de ouro ou prata? As mulheres, sempre distraídas, ignoram o poder do seu próprio corpo. Ela sabia, sempre soube, que aquele filho era o redentor, mas não imaginava os pormenores. A sua gravidez não teve nenhum sinal diferente. Nem mais enjoos, nem mais vômitos e a criança nasceu, igual a todas as outras. A natureza é assim. As mulheres apenas transportam o filho no ventre mas não dominam os mistérios da criação.

Chivambo também se encanta e também suspira:

– Minha avó. Minha mãe – diz Chivambo – duas pedras basilares no edifício da vida. O que seria de mim sem a vossa existência? Venci, alicerçado no poder das vossas almas. São vossas todas as vitórias deste mundo. É vossa toda a grandeza que brilhará nas cores da nossa bandeira. Amaldiçoado seja quem louvar os meus atos sem invocar os vossos feitos.

\*\*\*

Onde está o Chivambo? – ouve-se do além. – Subiu – respondem outros. Para cima da árvore? Não, para mais alto. Para as nuvens? Não, para muito mais alto. Para o altíssimo. Olham para o céu e os olhos se perdem na imensidão. Só as andorinhas alcançam a sua morada, porque ele está entre as estrelas, no aconchego do Cruzeiro do Sul.

Preparam o sagrado vinho de todos os cereais e convocam todos para o grande mukhuto. Ajoelham na base da mafurreira, entornam um pouco de vinho, bebem um gole e expelem. Depois oram:

"Chivambo, meu protetor, acorda, escuta a razão pela qual te invoco. Desperta do teu sono e me acuda. O teu povo sucumbe novamente diante da invasão das epidemias deste mundo. Chivambo, sinte a minha dor, já não tenho ninguém nesta vida. O SIDA roubou-me os pais, os amigos e os irmãos, fiquei só com a minha avó. Tu que entendes de mágoa e de orfandade, diz-me: quem me irá aliviar esta mágoa? Quem irá preencher o vazio da minha alma? Quem me irá dizer sim, não, talvez, agora, depois, nunca, sempre? Como pudeste tu vencer este trauma? Chivambo, vá, diz-me tudo. Tu és a luz, és a força, tu sabes tudo. Comprei todas as oferendas. Um pano branco, amarelo e vermelho, para ti e para a tua mãe. Um pouco de rapé para a tua avó. Aqui está a galinha branca, a melhor que criei para te oferecer. No teu túmulo, coloquei

flores do campo que colhi à beira dos caminhos. Preparei este vinho de cereais, produzido por mim. Por favor Chitlango, convoca aí a assembleia de todos os antepassados N'wanati, que residem nas águas profundas do Rio Limpopo, da linhagem de Khambani, de Dzovo, de Mbinguane, para que me fertilizam. Sou um grão de milho solitário nas areias do deserto, tirem-me desta agonia. Diz-me Chivambo: pode um pobre, um órfão, um marginalizado, caminhar até à vitória? Pode sim, eu sei, tu és a prova disso, mas diz-me: com quantas forças se constrói uma vitória? Quantos sorrisos compõem uma felicidade e quantas lágrimas lavam uma amargura? Diz-me, ainda, o que devo fazer quando a fome aperta? Que armas devo usar quando os pesadelos me atacam? Onde devo buscar o farol quando, na mente, as estrelas se apagam? O que devo fazer dos que me desprezam e me apedrejam como a um cão sem dono? Chivambo, filho de Khambane, com quantos sonhos se produz urna inspiração? Quero expulsar esta dor, esta fome, este frio, este nó que tenho no peito, hoje eu quero cantar. Ensina-me as tuas parábolas, provérbios, contos e belas cantigas. Eu sei que ainda hei-de sofrer. Que muitas lágrimas irei derramar até me tornar adulto e reconstruir a família perdida, mas tal como tu, também quero vencer, eu hei-de vencer, meu Chivambo, meu Dzovo, meu Maundlane, meu criador!"